



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ADRIELLY ROCATELI

**DA LEITURA NA ESCOLA À LEITURA NO ESPAÇO
NÃO FORMAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

**ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. SANDRA APARECIDA PIRES
FRANCO**

**Londrina, PR
2019**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Londrina, PR
2019

ADRIELLY ROCATELI

**DA LEITURA NA ESCOLA À LEITURA NO ESPAÇO
NÃO FORMAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Sandra Aparecida Pires Franco

Londrina – Paraná
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

AD243 Rocateli, Adrielly.

Da leitura na escola à leitura no espaço não formal : aproximações e distanciamentos para a formação de leitores / Adrielly Rocateli. - Londrina, 2019.
184 f. : il.

Orientador: Sandra Aparecida Pires Franco.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Leitura Literária - Tese. 2. Formação de Leitores - Tese. 3. Espaço formal e não formal - Tese. 4. Materialismo Histórico Dialético - Tese. I. Franco, Sandra Aparecida Pires. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

ADRIELLY ROCATELI

**DA LEITURA NA ESCOLA À LEITURA NO ESPAÇO NÃO
FORMAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS PARA A
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Comissão examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a.
Sandra Aparecida Pires Franco
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Componente da banca
Ângela Maria Franco Martins Coelho de
Paiva Balça
Évora – Portugal

Prof.^a Dr.^a Componente da banca
Marta Regina Furlan de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da banca
Rovilson José da Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 12 de dezembro de 2019.

Dedico este trabalho a todos que contribuíram com a minha trajetória, com toda certeza carrego um pouco de cada um em mim. À minha família que sempre me incentivou na realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me dar sabedoria, força e paciência para atingir os meus objetivos.

À minha orientadora, professora Dr^a. Sandra Aparecida Pires Franco por sua paciência em orientar meu trabalho, acolher as dúvidas e incertezas durante minha pesquisa e que não poupou tempo para que este trabalho pudesse ser construído.

Aos meus queridos pais Adenir Rocateli e Nazira Maria de Arruda, por me apoiarem durante a realização desta pesquisa, me incentivando nos estudos, acreditando no meu potencial e na minha capacidade de ser uma profissional dedicada, responsável e acima de tudo apaixonada pelo que faz.

Aos meus amigos pela compreensão pelos vários distanciamentos em momentos importantes, aos meus irmãos e minha cunhada, pelo apoio, ajuda e compreensão.

Ao Prof. Dr. Rovilson José da Silva, pelos direcionamentos e orientações e acolhimento durante todo o processo de graduação, como também na pós-graduação. Agradeço pelas contribuições e palavras de incentivo ao longo da jornada.

A Prof.^a Dr.^a Marta Regina Furlan de Oliveira, pelas contribuições ao trabalho desde as aulas na disciplina de metodologia.

Aos membros da banca examinadora Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça, Prof.^a Dr.^a Marta Regina Furlan de Oliveira, Prof. Dr. Rovilson José da Silva, Prof.^a Dr.^a Maria Angelica Olivo Francisco Lucas e Prof.^a Dr.^a Jaqueline Delgado Paschoal.

Aos colegas de sala com quem compartilhava expectativas, angústias, medos e alegrias.

À Josiane Barusso pelo incentivo, carinho, apoio e auxílio no decorrer da minha formação enquanto profissional.

À CAPES pelo apoio financeiro.

À diretora e gestora das instituições pesquisadas e aos participantes da pesquisa. A vocês todo meu carinho e gratidão.

“Quando estão com fome eles engolem histórias por todas as bocas, e lá nas suas entranhas acontece um milagre: um pedacinho de uma história se junta com uma ideia de outra, e pronto! Quando eles cospem as histórias, elas já não são mais as mesmas, antigas; são outras, novas. [...] Nenhuma história vem do nada; as histórias novas nascem das velhas. São as novas combinações que fazem com que elas sejam novas.”

(RUSHDIE,1991, p.74)

ROATELI, Adrielly. **Da leitura na escola à leitura no espaço não formal: aproximações e distanciamentos para a formação de leitores.** 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina. Orientadora. Sandra Aparecida Pires Franco. Londrina, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as ações de leitura formais e não formais a fim de contribuir com a formação de leitores. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Linha de Pesquisa – Docência: Saberes e Práticas, do Núcleo de Ação Docente. Os objetivos específicos tiveram o intuito de conceituar leitura e mediação à luz do Materialismo Histórico Dialético, investigar a prática de leitura desenvolvida por uma professora, apontando as relações presentes em suas ações e concepções e conhecer o nível de desenvolvimento e das habilidades de leitura dos participantes. A pesquisa apresentou a investigação acerca do contexto da leitura dos participantes de uma instituição de ensino pública e de um Centro de Artes e Esportes Unificados, do município de Cambé. Como problema de pesquisa, encontra-se o seguinte questionamento: Como as práticas pedagógicas de leitura desenvolvidas pela ação docente nos espaços escola/praca estão contribuindo para a formação de leitores? A pesquisa foi do tipo experimental, buscando investigar a ação docente, mais especificamente as ações organizadas, manipulando por meio de intervenções algum aspecto dessa realidade. O tratamento dos dados foi qualitativo, identificando as ações docentes, reações, percepções e sensações dos participantes. A pesquisa experimental utilizou como instrumentos de coleta: questionário acerca do conhecimento de leitura antes e depois das intervenções e observação das atividades de Hora do Conto nos campos formal e não formal. Para a análise dos dados a base teórica foi o Materialismo Histórico Dialético, a Teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. Acredita-se que essa pesquisa pode verificar as ações docentes e possíveis melhorias após as ações organizadas da docente responsável e das intervenções da pesquisadora acerca da leitura dos participantes. Outros fatores de aproximação e distanciamentos encontrados na escola e no Centro de Artes e Esportes Unificados puderam fomentar a ação docente para outras instituições. Esta pesquisa contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Palavras-chave: Leitura Literária. Formação de Leitores. Espaço formal e não formal. Materialismo Histórico Dialético.

ROCATELI, Adrielly. **From reading in school to reading in not formal space: approaches and distance for the formation of readers.** 2019. 184 f. Dissertation (Master in Education) - State University of Londrina. Advisor. Sandra Aparecida Pires Franco. Londrina, 2019.

ABSTRACT

This research had as a general objective to understand the formal and not formal reading actions in order to contribute to the training of readers. The research is linked to the Post-Graduation Program in Education of the State University of Londrina, Research Line - Teaching: Knowledge and Practices, of the Teaching Action Center. The specific objectives were to conceptualize reading and mediation in the light of Dialectical Historical Materialism, investigate the practice of reading developed by a teacher, pointing out the relationships present in their actions and conceptions and know the level of development and reading skills of participants.

The research presented the research on the context of reading the participants of a public education institution and a Unified Arts and Sports Center, in the municipality of Cambé. As a research problem, we find the following question: How are the pedagogical practices of reading developed by the teaching action in the school/town spaces contributing to the training of readers? The research was of the experimental type, seeking to investigate the teaching action, more specifically the organized actions, manipulating through interventions some aspect of this reality. The treatment of data was qualitative, identifying the teaching actions, reactions, perceptions and sensations of participants. The experimental research used as collection instruments: questionnaire about the knowledge of reading before and after the interventions and observation of the activities of Storytelling Hour in the formal and not formal fields. For data analysis, the theoretical basis was Dialectical Historical Materialism, Historical-Cultural Theory and Historical-Critical Pedagogy. It is believed that this research can verify the teaching actions and possible improvements after the organized actions of the responsible teacher and the interventions of the researcher about the reading of the participants. Other factors of proximity and distance found in the school and in the Unified Arts and Sports Center could foster the teaching action for other institutions. This research was funded by the Higher Education Personnel Improvement Coordination - CAPES.

Keywords: Literary Reading. Formation of Readers. Formal and not formal space. Dialectical Historical Materialism.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Foto da fachada da instituição escolar..... | 53 |
| Figura 2 - Biblioteca Campo Escola..... | 54 |
| Figura 3 - Organização do Pátio Escolar para o momento da Hora do Conto..... | 55 |
| Figura 4 - Foto da Praça CEU do município de Cambé..... | 58 |
| Figura 5 - Planta baixa humanizada do modelo Praça CEU de 3.000 m ² | 62 |
| Figura 6 - Biblioteca campo Praça CEU..... | 63 |
| Figura 7 - Livro utilizado na primeira observação da Hora do Conto na Escola..... | 72 |
| Figura 8 - Livro utilizado na segunda observação da Hora do Conto na Escola..... | 74 |
| Figura 9 - Livro utilizado na terceira observação da Hora do Conto na Escola..... | 75 |
| Figura 10 - Livros utilizados na observação da Hora do Conto na Praça CEU..... | 77 |
| Figura 11 - Recursos utilizados pela contadora voluntária..... | 78 |
| Figura 12 - Obra literária: O Soldadinho de chumbo em cordel..... | 94 |
| Figura 13 - Obra literária: Na floresta..... | 97 |
| Figura 14 - Obra literária: Uma lagarta muito comilona..... | 99 |
| Figura 15 - Momento da primeira intervenção de Hora do Conto na Escola..... | 106 |
| Figura 16 - Detalhes da página 19 da obra literária: Na floresta..... | 107 |
| Figura 17 - Detalhes da página 17 da obra literária: Na floresta..... | 108 |
| Figura 18 - Livro utilizado pela turma na Hora do Conto para a semana do idoso..... | 109 |
| Figura 19 - Boneco “LOLO” criado pela pesquisadora..... | 110 |
| Figura 20 - Momento da segunda intervenção de Hora do Conto na Escola..... | 111 |
| Figura 21 - Momento da terceira intervenção de Hora do Conto na Escola..... | 112 |
| Figura 22 - Dança da bailarina ao som da caixinha de música..... | 113 |
| Figura 23 - Momento da primeira intervenção de Hora do Conto na Praça CEU..... | 115 |
| Figura 24 - Segunda história da primeira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU..... | 116 |
| Figura 25 - Momento da segunda intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU..... | 118 |
| Figura 26 - Momento da terceira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU..... | 120 |
| Figura 27 - Segundo momento da primeira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU..... | 121 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Trabalhos selecionados para o Estado da Arte..... | 25 |
| Quadro 2 - Levantamento das Praças CEU's no Brasil..... | 59 |
| Quadro 3 - Questionário professora regente..... | 68 |
| Quadro 4 - Plano de Hora do Conto: O Soldadinho de chumbo em cordel..... | 96 |
| Quadro 5 - Plano de Hora do Conto: Na floresta..... | 98 |
| Quadro 6 - Plano de Hora do Conto: Uma lagarta muito comilona..... | 100 |
| Quadro 7 - Quadro comparativo do gráfico da importância da leitura para o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... | 124 |
| Quadro 8 - Quadro comparativo do gráfico do conceito de Leitura para o 1º ano..... | 126 |
| Quadro 9 - Quadro comparativo do gráfico do incentivo pela leitura..... | 128 |
| Quadro 10 - Quadro comparativo do gráfico da frequência das visitas à Biblioteca..... | 130 |
| Quadro 11 - Quadro comparativo do gráfico da preferência por livros..... | 132 |
| Quadro 12 - Quadro comparativo do gráfico dos participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU..... | 134 |
| Quadro 13 - Quadro comparativo do gráfico da importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 136 |
| Quadro 14 - Quadro comparativo do gráfico de conceito de Leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 137 |
| Quadro 15 - Quadro comparativo do gráfico do incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 139 |
| Quadro 16 - Quadro comparativo do gráfico da visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU..... | 140 |
| Quadro 17 - Quadro comparativo do gráfico da preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 142 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

IPL– Instituto Pró-Livro.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

CEU – Centro de Artes e Esportes Unificados.

BP – Parques – Bibliotecas.

GEBE – Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares.

PROIC – Programa Nacional de Iniciação Científica.

BE – Biblioteca Escolar

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

IFLA - Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

UEL – Universidade Estadual de Londrina.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento.

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social.

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Importância da leitura para o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... | 81 |
| Gráfico 2 - Conceito de Leitura para o 1º ano..... | 82 |
| Gráfico 3 - Incentivo pela leitura..... | 83 |
| Gráfico 4 - Frequência das visitas à Biblioteca..... | 84 |
| Gráfico 5 - Preferência por livros..... | 85 |
| Gráfico 6 - Participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU..... | 86 |
| Gráfico 7 - Importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 87 |
| Gráfico 8 - Conceito de Leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 88 |
| Gráfico 9 - Incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 89 |
| Gráfico 10 - Visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU..... | 90 |
| Gráfico 11 - Preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 91 |
| Gráfico 12 - Importância da leitura para o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... | 124 |
| Gráfico 13 - Conceito de Leitura para o 1º ano..... | 126 |
| Gráfico 14 - Incentivo pela leitura..... | 128 |
| Gráfico 15 - Frequência das visitas à Biblioteca..... | 130 |
| Gráfico 16 - Preferência por livros..... | 132 |
| Gráfico 17 - Participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU..... | 134 |
| Gráfico 18 - Importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 136 |
| Gráfico 19 - Conceito de Leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 137 |
| Gráfico 20 - Incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU..... | 139 |
| Gráfico 21 - Visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU..... | 140 |
| Gráfico 22- Preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU... | 142 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1.1 A SOCIEDADE, O TRABALHO E A EDUCAÇÃO..... | 19 |
| 1.2 O ESTADO DA ARTE..... | 24 |
| | |
| 2 LEITURA E MEDIAÇÃO..... | 30 |
| 2.1 LEITURA LITERÁRIA..... | 32 |
| 2.2 ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL..... | 36 |
| 2.3 BIBLIOTECA..... | 37 |
| 2.4 HORA DO CONTO: HISTÓRIAS EM DIVERSOS ESPAÇOS..... | 42 |
| | |
| 3 METODOLOGIA..... | 47 |
| 3.1 OBJETO, CENÁRIO E PARTICIPANTES..... | 47 |
| 3.2 METODOLOGIA E PESQUISA..... | 49 |
| 3.3 CAMPO ESCOLA..... | 51 |
| 3.4 CAMPO CEU..... | 57 |
| | |
| 4 A PRÁXIS EFETIVADA: A OBSERVAÇÃO, INTERVENÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO..... | 66 |
| 4.1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES DA HORA DO CONTO..... | 69 |
| 4.1.1 Observação da Hora do Conto na Escola..... | 71 |
| 4.1.2 Observação da Hora do Conto na Praça CEU..... | 76 |
| 4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO..... | 79 |
| 4.2.1 Questionário Escola – 20 alunos..... | 81 |
| 4.2.2 Questionário Biblioteca da Praça CEU– 10 Pessoas..... | 86 |
| 4.3 PROJETO DE INTERVENÇÃO..... | 92 |
| 4.4 RELATO DAS INTERVENÇÕES NOS CAMPOS..... | 104 |
| 4.4.1 Intervenção da Hora do Conto na escola..... | 104 |
| 4.4.2 Intervenção da Hora do Conto na Biblioteca da Praça CEU..... | 114 |
| 4.5 A ÚLTIMA ANÁLISE QUESTIONÁRIO DE LEITURA..... | 122 |
| 4.5.1 Questionário Escola – 21 alunos..... | 124 |
| 4.5.2 Questionário Biblioteca da Praça CEU – 25 pessoas..... | 133 |

| | |
|--|------------|
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 144 |
| REFERÊNCIAS..... | 148 |
| APÊNDICES..... | 156 |
| APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 157 |
| APÊNDICE B: DIÁRIO DE CAMPO..... | 159 |
| APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO PARTICIPANTE..... | 161 |
| APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO PARA A DOCENTE IDEALIZADORA DO PROJETO..... | 162 |
| APÊNDICE E: DIÁRIO DE CAMPO ELABORADO PELA PESQUISADORA - ESCOLA..... | 163 |
| APÊNDICE F: DIÁRIO DE CAMPO ELABORADO PELA PESQUISADORA – PRAÇA..... | 170 |
| ANEXOS..... | 175 |
| ANEXO A: TRANSCRIÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS..... | 176 |
| ANEXO B: DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE..... | 184 |

1 INTRODUÇÃO

As discussões realizadas nessa pesquisa refletem sobre as inquietações acerca da leitura na sociedade atual. Para isso, faz-se necessário considerarmos o homem em seu processo de formação e todo o contexto social/histórico que vivencia. Marx (1844, p.111) parte de um fato econômico contemporâneo: “O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens.” Ressalta a questão da transformação dos meios de sobrevivência, em que o homem se submete a venda da força de trabalho para suprir as necessidades básicas, por conta disso, muitas vezes, acontece o trabalho alienado, consumo exacerbado e até mesmo a desvalorização do trabalhador.

A contribuição do Materialismo Histórico e Dialético para a educação surge como um auxílio na atividade de compreender o fenômeno educativo, uma necessidade de lógica, de descobrir como a leitura se faz presente na sociedade (macroestrutura), para entender, como acontece o ato de ler de determinado sujeito (microestrutura), buscar compreensão da realidade por suas múltiplas conexões. Isto é, elaborar abstrações, pesquisar, para que possamos compreender como ocorre essa necessidade pela leitura. Quanto mais abstrações pudermos realizar, mais próximo estaremos de entender o processo, e visualizarmos a transformação que acontece nesse sujeito que se torna leitor.

As macroestruturas estão acima dessas interações de intimidade entre as pessoas, ela representa o total, padrões de relações estáveis no âmbito da sociedade. Analisar o processo de leitura nessa estrutura requer olhar mais político, social e econômico, observando o espaço que a leitura tem na sociedade, o valor que a cidade, estado e país atribuem e as contribuições que os mesmos oferecem para que a leitura de fato se realize em todos os espaços, a fim de compreender os problemas sociais e transformar a sociedade em que vivem.

Já microestruturas estão ligadas às relações formadas diante das interações face a face, diretamente ligadas ao sujeito, à família, ao grupo de amigos, se configurando em relação íntima, como em pensar na importância da leitura para o

sujeito, nas contribuições que recebe para se tornar um leitor fluente, as influências e exemplos de outros leitores, ou seja, estar próximo desse sujeito para observar como ocorre o seu ato de ler.

Entendemos que literatura não se ensina, se lê, se vivencia. Para Candido (2006, p.84) “a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” Para isso, faz-se necessário pensar na leitura como uma prática central das atividades curriculares e, no professor, como mediador de leitura, não importando a sua área de formação, a fim de instituir a experiência de leitura literária, constituir sujeitos leitores, formar mediadores de leitura são encaminhamentos possíveis. Para tanto, é preciso aprender, ensinar e atuar de modo crítico no campo pedagógico, para isso o professor poderá reavaliar sua forma de trabalho, expandir sua visão de mundo e “pensar a teoria a partir da prática.” (SAVIANI, 2013, p.90)

Gamboa (1998, p.25) afirma que a obra literária, artística ou científica expressa uma visão de mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança um determinado grau de clareza conceitual, sensível ou prática na consciência de um pensador, artista ou cientista. Para corroborar, o autor apresenta o pensamento de Goldmann acerca da visão de mundo como instrumento “que permite a análise contextualizada das obras filosóficas e literárias [...] que se desenvolve a partir de uma situação econômica e social [...] e determina a maneira de perceber a realidade.” (GOLDMANN, 1979, p.17)

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender as ações de leitura formais e não formais a fim de contribuir com a formação de leitores. A pesquisa apresentou a investigação acerca do contexto da leitura dos participantes de uma instituição de ensino pública e de um Centro de Artes e Esportes Unificados, do município de Cambé. Como problema de pesquisa, encontra-se o seguinte questionamento: Como as práticas pedagógicas de leitura desenvolvidas pela ação docente nos espaços escola/prça está contribuindo para a formação de leitores? Os objetivos específicos tiveram o intuito de conceituar leitura e mediação à luz do Materialismo Histórico Dialético, investigar a prática de leitura desenvolvida por uma professora, apontando as relações presentes em suas ações e concepções e conhecer o nível de desenvolvimento e das habilidades de leitura dos participantes.

A metodologia foi do tipo experimental, buscando investigar a ação docente, foram investigados uma instituição de ensino pública e um Centro de Artes e Esportes Unificados (Praça CEU), em Cambé. Na escola, a pesquisa foi realizada com alunos do 1º ano vespertino e na Praça CEU com participantes que frequentam para assistir a Hora do Conto. Foram realizadas 30 horas de observação/intervenção em cada instituição. Com reconhecimento da estrutura física, do Projeto Político Pedagógico, consultas em documentos das instituições, observações de atividades que ocorrem nos espaços, observação de Hora do Conto, manipulando por meio de intervenções algum aspecto dessa realidade. O tratamento dos dados foi qualitativo, identificando as ações docentes, reações, percepções e sensações dos participantes.

A pesquisa experimental utilizou como instrumentos de coleta: questionário acerca do conhecimento de leitura antes e depois das intervenções e observação das atividades de Hora do Conto nos campos selecionados. As questões eram de múltipla escolha e abordaram: a importância da leitura na sua vida; conceito de leitura; se os pais leem para você e com você em casa; a quantidade de visitas à Biblioteca; os livros que mais procuram na Biblioteca.

Para a análise dos dados a base teórica foi o Materialismo Histórico Dialético, a Teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. Acredita-se que essa pesquisa pode verificar as ações docentes e possíveis melhorias após as ações organizadas da docente responsável e das intervenções da pesquisadora acerca da leitura dos participantes. Outros fatores de aproximação e distanciamentos encontrados na escola e no Centro de Artes e Esportes Unificados puderam fomentar a ação docente para outras instituições.

1.1 A SOCIEDADE, O TRABALHO E A EDUCAÇÃO

Saviani e Duarte (2015, p.27) afirmam que o homem se aliena ao trabalho pois necessita vender sua força para a sua sobrevivência. Atendendo a sua necessidade básica, o trabalhador troca sua atividade por um salário que garanta sua existência. Dessa forma, ele perde um bem precioso de sua vida, que é a

atividade pela qual poderia formar-se potências essenciais humanas¹ constituídas historicamente, ou seja, a essência de sua individualidade. Porém, essa superação do trabalho alienado não ocorre pela negação do trabalho, mas pela transformação da atividade em uma ligação consciente com o mundo decorrente da objetivação histórica e social do gênero humano.

Diante desse apontamento, há uma necessidade de discutir essa sociedade capitalista que tem papel fundamental na construção da educação e que dissemina uma visão segmentada do ser humano, remete a um aspecto do método dialético de Marx, adotado por Vigotski, podendo sintetizar na metáfora de Marx “a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco” (DUARTE, 2000, p.84), ou seja, é analisar o passado para compreender o hoje, tornando-se assim ponto de partida para outros conhecimentos. Dessa forma, utilizamos como base teórica o Materialismo Histórico Dialético que possibilita ter essa visão da totalidade.

Em “O método da Economia Política”, Marx (1978) estabelece relações entre o todo e as partes, entre o abstrato e o concreto e entre o lógico e o histórico, tanto no que se refere ao pensamento, como no que se refere à realidade histórico-social. Então, toda a realidade é composta de contrários, há diferente contradições: necessárias, causais, internas e externas, fundamentais e não fundamentais, antagônicas e não antagônicas. Por isso, faz-se necessário buscar a totalidade de conhecimento para vir a ser humano. Buscar a compreensão da realidade por suas múltiplas conexões, tornar-se omnilateral com a possibilidade de revolucionar sua conduta e seu pensamento em relação ao sistema capitalista. Mészáros (2002, p. 527) discorre a respeito do “avanço produtivo” do capital:

onde numa época em que a vertiginosa produtividade do capital o capacita a engolir a totalidade de recursos humanos e materiais do nosso planeta e vomitá-los de volta na forma de maquinaria e “produtos de consumo de massa” cronicamente subutilizados [...], em uma situação como essa a própria produtividade se transforma num conceito enormemente problemático, já que parece ser inseparável de uma fatal destrutividade.

Ainda para o autor, esse “avanço produtivo” utiliza-se de recursos da natureza nas grandes construções de maquinarias e indústrias, a fim de prosperar na

¹ A essência humana, para Marx, tem o papel de sintetizar todas as manifestações materiais e intelectuais que configuram as relações múltiplas e ativas entre os indivíduos: linguagem, trabalho, amor, conflitos, etc. Essas relações definem, de formas múltiplas, o único conteúdo efetivo da noção de essência aplicada aos homens. Os indivíduos relacionados às suas forças produtivas e as relações sociais de produção seriam, por assim dizer, a síntese das múltiplas determinações que o cercam, a fim de constituir o conteúdo dos homens. (MOTA, 2016, p.99).

comercialização de produtos de consumo de massa. Evidentemente, ainda hoje, os donos do capital compram a força de trabalho do sujeito de classe mais baixa, que executa de forma maçante na indústria, muitas vezes, sem ter consciência de todo o processo, trabalhando de forma alienada, somente naquilo em que foi designado, com movimentos repetitivos, em meio ao barulho, com condições insalubres. Para sair dessas condições, o sujeito necessita transformar sua realidade, ter consciência do estado em que vive e o valor da sua força de trabalho.

Para essa possível elevação do sujeito, Cheptulin (2004) aponta o materialismo dialético como um estudo das diversas formas universais do ser, das leis do funcionamento e tantas relações que se manifestam no conhecimento e no mundo material. Diante disso, estudamos as leis e as categorias da dialética para uma possível elevação do nível cultural do homem, pois as categorias e leis são graus do desenvolvimento do conhecimento e das práticas sociais, que de certa forma permite aos homens assimilar sua essência para iniciar na cultura humana e transformar a sua realidade. Como afirma Hobsbawm (1995, p. 562):

vivemos em um mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos [...] As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana [...] nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar.

Contudo, nossa sociedade ainda busca uma lógica capitalista, uma nova organização do Estado vai se configurando, funcionando com características do mercado. O setor público passou a buscar uma nova forma de organização e gestão, baseado na iniciativa privada. Cria-se um modelo de organização do Estado voltado aos interesses do mercado e para a alta produtividade, a eficiência e eficácia, dentro de um novo pacto gerencial. Dessa forma, o Estado passa a gerenciar, induzir e regular as políticas. Assume um novo tipo de perfil: o gerencialismo. Um processo de diminuição do Estado e ampliação da sociedade civil, como aponta Silva (2001).

Como a associação de caráter privado e sem fins lucrativos o Instituto Pró-Livro – IPL², que é mantida com recursos de contribuições de entidades do mercado editorial, tem como objetivo principal fomentar a leitura e difundir o livro. Explorando o sítio podemos encontrar informações da criação do IPL em outubro de 2006, no

² Para assegurar a divulgação dos projetos e ações desenvolvidas, o Instituto conta com o endereço eletrônico na web, prolivro.org.br.

qual apontam como resultado de estudos e conversação entre representantes do governo e entidades do livro. Relatam uma preocupação com os níveis de letramento e hábitos de leitura da população em geral e, em particular, dos jovens, significativamente inferiores à média dos países industrializados e em desenvolvimento.

O IPL realiza uma pesquisa sobre a leitura no nosso país, denominada “Retratos da Leitura no Brasil”, sua primeira edição foi lançada em 2001, a segunda edição em 2008, terceira edição em 2011 e a quarta edição em 2016. De acordo com os critérios da pesquisa em 2015, 56% da população nacional com cinco anos ou mais é considerada leitora. A leitura de jornais é mais decorrente que a leitura de livros devidamente dita. Ler é mais próprio das crianças pequenas, sendo que os adolescentes e os mais velhos declaram em maior proporção que gostam um pouco de ler, revelando uma transformação na relação com a leitura a partir da entrada no Ensino Fundamental II. No entanto, dentre os indivíduos que atingiram o nível superior, a proporção dos que gostam muito de ler passa a metade desse grupo. Da mesma forma, quanto mais elevada a renda, maior a proporção dos que declaram que gostam muito de ler, em relação aos que gostam um pouco ou até não gostam. (FAILLA, 2015, p.132)

Porém, cabe uma crítica à pesquisa em relação à amostra, no ano 2000 foram realizadas 5.200 entrevistas em 44 municípios de 19 Unidades da Federação. Em 2007, 2010 e 2015 foram realizadas 5.012 entrevistas em 315 municípios de todas as Unidades da Federação. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada no ano 2000, temos 5.561 municípios no Brasil, então o recorte realizado pela pesquisa é pequeno para tal divulgação de que apenas 56% da população brasileira é leitora. Para tal afirmação seria necessário que a pesquisa se estendesse de fato a todos os municípios brasileiros.

A realidade desses espaços de Biblioteca, escola, praça, casa, entre os outros onde acontece a leitura necessita ser modificada. Ainda que se tenha uma Biblioteca bem estruturada e organizada em seus acervos, com um acervo gigantesco, se não houver mediação para esses leitores iniciantes a carência de leitura nesses espaços pode aumentar, mesmo sabendo que existem leitores com maiores facilidades e que buscam a leitura por si próprio, ainda encontramos uma parcela que necessita da mediação da leitura, para isso “[...] a tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora.”

(MÉSZÁROS, 2002, p. 223). Para tanto, a escola com sua Biblioteca ou a Biblioteca pública do bairro necessitam de olhar mais amplo, a fim de contemplar essa transformação social e emancipadora desse leitor iniciante, que precisa ser apresentado ao mundo da leitura.

Como pensar em práticas para desenvolver a leitura em sala de aula, em casa, na praça? Parece ser difícil pensar em leitura pelo viés social, político e econômico, mas ao olharmos ao redor percebemos o quanto o universo da leitura teve a ganhar nos últimos tempos. Observamos que em tempos atrás, não tínhamos acesso a tantos livros, Bibliotecas eram poucas, livros eram caros, o acesso era realmente restrito, apenas para algumas camadas sociais. Porém, ao obter um livro tão sonhado, a contação dessa história era realizada pelos pais ou avós por diversas vezes, sem enjoar da história, ouvindo um conto de fadas, recitando um poema na escola, lendo aquele gibi que tanto almejava... E se perguntássemos: Qual a história que mais gostava na infância? Automaticamente, uma viagem seria feita ao passado e se juntaria com sua memória afetiva, tornando-o capaz de contar o momento e sentir toda aquela emoção novamente. O que nos dá condições para se pensar que esses leitores tinham uma relação diferente com o ato de ler e com o momento de leitura, já que era algo difícil de se conseguir, liam repetidas vezes o mesmo livro, pois não tinham condições de comprar outro imediatamente.

Mas, e hoje? Há um avanço no acesso e um regresso na relação leitora e o livro. Com tantos livros na escola, na Biblioteca pública, no celular, tablet, disponíveis com e-book, como essa mediação acontece? Escola, professores, pais e bibliotecários estão engajados nessa ideia, a fim de transformar esse leitor iniciante socialmente e criticamente? Hoje temos informações e acessos, mas será que garantimos a experiência leitora desejada? Para tantas perguntas, utilizamos da abordagem dialética para compreender o objeto de estudo. Busca-se a totalidade de conhecimento para vir a ser humano, busca-se a compreensão da realidade por suas múltiplas conexões. Observando a dinâmica, o conhecimento se concretizando em tese- antítese- síntese³ (MARX, 1990).

³ Para Marx (1990) Tese: contradições em que estão expostas as coisas reais. Antítese: a análise baseada no conhecimento sobre algo. Síntese: o conhecimento pleno de algo concreto. Ver mais em: Marx, K. O Capital: Crítica da Economia Política. Editorial "Avante!". Moscovo: Lisboa, 1990. Disponível em: <<http://www.marxist.org/portugues/marx/1867/capital/#sthash.cuMShOHs.dpuf>>.

1.2 O ESTADO DA ARTE

Manguel se refere à “leitura” no sentido amplo: “lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p. 20). Para Bajard (2002), a leitura é o processo de uma interação entre o leitor e o texto, e não apenas decodificação de um significante, combinando com seus referenciais culturais, o leitor constrói o sentido do texto.

Entender a leitura como uma forma de adquirir mais conhecimentos, compreender o mundo no qual vivemos, atribuir sentido ao texto lido, todos esses objetivos vêm se tornando hoje um dos temas presentes em discussões do âmbito escolar, de preocupação tradicional das áreas curriculares. Colocar ao alcance dos professores de Educação Básica uma forma de pensar e entender a leitura, que anteriormente não tinha muito impacto na prática educativa, é evidenciar que a leitura e aprendizagem se constituem mutuamente, ainda que a leitura e a vivência dentro ou fora do espaço/tempo escolar sejam distintas do ensino planejado de literatura. O trabalho de pesquisa surge diante de uma possibilidade de investigar a formação do leitor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ação Docente diante das diferentes linguagens.

A justificativa deste trabalho surge diante de uma possibilidade de continuação dos estudos sobre leitura e formação de leitores desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina durante a graduação e pós-graduação, por meio de participações em projetos de extensão como: "Formação do mediador de leitura da rede pública de educação", e também do Programa de Iniciação Científica (PROIC) desenvolvendo atividades relativas à pesquisa no projeto 9573, intitulada: "Biblioteca no Ensino Fundamental de escolas públicas de Londrina: mediação pedagógica da leitura e informação" atuando no subprojeto de pesquisa intitulado: "Hora do Conto de uma escola pública de Londrina - PR".

Já na Pós-Graduação participando do Projeto de Pesquisa "A leitura e a sua relação conteúdo, forma e destinatário na Educação Básica" por esse motivo houve a necessidade de permanecer pesquisando mais sobre leitura, com o objetivo de corroborar os resultados de pesquisas anteriores e investigar a ação docente em prol da leitura.

Para um maior conhecimento da situação que se encontra, buscamos em uma escola pública de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e um centro de artes e esportes unificados, denominado Praça CEU, informações para compreender de que forma isso ocorre, e identificar a ação docente e as práticas pedagógicas que poderão contribuir para uma apropriação da leitura, assim como identificar também possíveis dificuldades no processo de formação de leitores.

Para descobrir o que foi produzido anteriormente sobre a leitura, a pesquisa bibliográfica assume um papel importante, que impulsiona a discussão sobre o tema. Então, o próximo passo da pesquisa está ligado ao estado da arte, que possibilitará o conhecimento e/ou reconhecimento de estudos que estão sendo, ou já foram realizados no Brasil e que podem ser encontrados em bases de dados, que possuem credibilidade científica, como o Google acadêmico, ou seja, trabalhos voltados para leitura no espaço escolar, Biblioteca, bem como em espaços de educação não formal.

No mês de setembro de 2018, realizou-se a pesquisa na base de dados do Google acadêmico buscando pelos descritores Biblioteca comunitária CEU, mediação de leitura e leitura Biblioteca escolar, dos 17 (dezessete) artigos trazidos pelas bases de dados, foram selecionados 12 (doze) artigos, tendo como critério de seleção todos os artigos que trouxessem o conceito Biblioteca comunitária CEU, mediação de leitura e leitura na Biblioteca escolar.

Quadro 1 - Trabalhos selecionados para o Estado da Arte.

| Levantamento na base de dados do Google acadêmico buscando pelos descritores: | | |
|---|--|---|
| Leitura Biblioteca escolar | Mediação de leitura | Biblioteca comunitária CEU |
| 1 Comunicação oral 1 Dissertação 1 Artigo científico | 1 Relato de experiência 2 Artigos científicos | 2 Dissertações 2 Artigos científicos 2 Comunicações orais |
| Total: 12 trabalhos selecionados | | |

Fonte: Base do Google Acadêmico.

Dentre os 12 (doze) trabalhos selecionados, 6 (seis) abordam o projeto do Centro Educacional Unificado, que é realizado por uma gestão compartilhada a ser

realizada por diversas instâncias. Com a ideia de ser conduzida a partir da interação entre distintas partes como órgãos públicos e a sociedade civil.

Os CEUs não se destinam apenas aos alunos matriculados nas suas três unidades educacionais e não se limitam ao saber formal e escolar. Eles oferecem oportunidades educacionais não-formais para um conjunto maior de pessoas das camadas populares, historicamente excluídas. A população que os frequenta tem vivenciado experiências educacionais antes só oportunizadas aos mais privilegiados socialmente. Os CEUs possibilitam a apropriação e a produção de bens culturais. Com eles, a comunidade tem tido a oportunidade de aprender com concertos musicais, peças de teatro, festivais de dança, de cinema, além de também ensinar com suas produções culturais e esportivas. O projeto educacional dos CEUs defende uma educação de abraços, de sensibilidade e valorização da auto-estima, de espaços de organização das camadas populares, de voz aos excluídos. Isso tem um grande valor humano e histórico! (GADOTTI, 2000, p.19).

Dois desses trabalhos são dissertações de Mestrado, o primeiro intitulado “Centros Educacionais Unificados de São Paulo: implementação e continuidade numa nova gestão política”, e o segundo intitulado “Centro Educacional Unificado contraposição à pedagogia da lata”, ambos procuram refletir sobre o potencial contra-hegemônico, tratam-se de verificar se a política educacional do CEU criado e implementado no governo Municipal de Marta Suplicy, apresentado como uma proposta contra-hegemônica de escola inclusiva e cidadã, ainda existe nesta atual administração. Apresenta e identifica os princípios do projeto CEU, bem como suas principais diferenças dentro de duas perspectivas políticas. Estudo bibliográfico sobre a política neoliberal em educação e também aos documentos oficiais da Rede Municipal de São Paulo.

Na pesquisa de levantamento também foi encontrado 2 (dois) artigos científicos publicados em revistas, o primeiro denominado de “Educação com qualidade social projeto, implantação e desafios dos Centros Educacionais Unificados (ceus)”, apresenta o caráter inovador e ousado em sua concepção educacional, aponta os desafios encontrados nos CEUs, como sua autonomia financeira e da democracia direta e combinada com a concepção da democracia representativa. O projeto dos CEUs se configura como um salto de qualidade enquanto concepção de gestão educacional. Defende a ideia de que o ganho excepcional de qualidade na gestão pública dos CEUs está na articulação entre as diversas Secretarias de governo.

O segundo artigo científico, intitulado como “Implantação dos parques-Bibliotecas em Medellín e dos Centros Educacionais Unificados em São Paulo –

algumas considerações de um estudo exploratório”, trata-se de situar o leitor sobre as condições de que estavam as cidades de Medellín na Colômbia e São Paulo, nos anos iniciais do século XXI, populosas e que sofriam com a violência, provavelmente desencadeada pela influência dinâmica de organizações clandestinas relacionadas ao narcotráfico. Aponta qual foi a iniciativa do Governo diante de tanta criminalidade estabelecida nas duas metrópoles, uma das razões que levou seus governos a optarem por iniciativas tão similares e simultâneas como os Parques-Bibliotecas – BP e os Centros Educacionais Unificados - CEUs.

Outros 2 (dois) trabalhos são apresentados em forma de comunicação oral, intitulado como “Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUS): a construção de uma cultura comum”, apresenta e discute a proposta de Biblioteca do CEU e verifica através dos sujeitos e por meio da aplicação de entrevista semiestruturada como essas Bibliotecas estão se configurando ao longo dos anos. A análise de dados do trabalho evidenciou que as Bibliotecas podem ser caracterizadas como: educativa, porém desligada do currículo escolar; aberta a toda a comunidade; inserida no projeto educacional de cada CEU, e preocupada com a formação da consciência cidadã, com linhas de ação que permitem a construção de uma Biblioteca mais que híbrida, plural, no sentido de agregar múltiplos saberes, ampliando, portanto, sua esfera de atuação.

A segunda comunicação oral apresentada em evento, intitula-se “A gestão cultural mediadora nos Centros Educacionais Unificados”, a pesquisa aborda temas como a posição do coordenador de cultura do Centro Educacional Unificado como um mediador cultural, o sujeito como agente do conhecimento capaz de transitar entre as esferas sociais e o Centro Educacional Unificado enquanto dispositivo que fomenta o conhecimento. O trabalho a seguir apoia-se em bibliografia oriunda da Ciência da Informação, da Educação, da Política Cultural, da Sociologia, da Filosofia e da Ciência Política.

Utilizando do conceito Mediação da leitura, obtivemos o resultado de 3 (três) trabalhos. O primeiro trabalho trata-se de uma comunicação oral intitulada “Mediadores de Leitura”, é um relato de experiência acerca do grupo mediadores de leitura criado pela secretaria municipal de educação de Ijuí, que relatam que são necessárias ações intencionais e planejadas de leitura no cotidiano da escola e do aluno.

O segundo trabalho denominado como “Mediação da Informação e da Leitura” o trabalho conceitua mediação da informação e mediação da leitura – a partir das reflexões e resultados o trabalho foca o ato de ler e o de compartilhar a leitura dele decorrente.

Já o terceiro trabalho “A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca pública” evidenciam como mediadores de leitura, os bibliotecários devem buscar o aprendizado contínuo e a melhoria de suas qualificações e competências, envolvendo-se e colaborando com a crescente demanda evidenciada nos diversos segmentos da sociedade, a exemplo da escola e da Biblioteca pública. Buscando refletir o papel do bibliotecário e a Biblioteca pública enquanto equipamento multicultural, demonstrando que a Biblioteca pública não é lugar de acervos estanques, mas sim um espaço de possibilidades de transformação.

Para o conceito Leitura Biblioteca escolar foram selecionados 3 (três) trabalhos. A primeira comunicação “Preliminares de uma Biblioteca Comunitária: sensibilização com adultos e com crianças”, descreve e analisa estratégias de sensibilização para a implantação de uma Biblioteca, por meio do projeto ‘Rede Brincar e Aprender’, que desenvolve linhas de ação e pesquisa em quatro comunidades de baixa renda da Zona Sul do Rio de Janeiro. O relato apresenta e ilustra várias oficinas, realizadas com adultos e com crianças.

O segundo trabalho trata-se de uma dissertação, “Da Biblioteca escolar à sala de leitura nas escolas Estaduais de Ensino Fundamental paulista: leis, decreto, normas e agentes” que analisa a presença da Biblioteca escolar nas escolas estaduais, tendo como ponto de partida para a investigação a Lei Federal 12.244/10 que universaliza a Biblioteca Escolar em todas as escolas públicas ou privadas. As considerações finais do trabalho apontam algumas causas que perpetuam o silêncio da Biblioteca Escolar nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental paulista, como a ausência de profissionais especialmente treinados e preparados para exercício das atividades educativas e culturais no espaço, políticas públicas na distribuição de materiais, a admissão e reiteração do professor readaptado como encarregado da Sala de Leitura.

O último trabalho selecionado é denominado de “Contribuição da Biblioteca escolar no “efeito escola” relacionado à Prova Brasil - leitura: Estudo em Belo Horizonte, Contagem e Betim” trata-se de uma tese, que tem o objetivo de

compreender e analisar as possíveis contribuições das Bibliotecas escolares nos resultados dos alunos na Prova Brasil-Leitura, tendo por parâmetro o indicador o “efeito escola” e tentar estabelecer correlação entre os resultados dos alunos das escolas públicas brasileiras e as características de suas Bibliotecas escolares, procedeu-se uma pesquisa descritiva em 24 (vinte e quatro) Bibliotecas de escolas públicas de Belo Horizonte, Contagem e Betim. A amostra foi selecionada a partir dos resultados alto, médio ou baixo das escolas, incluindo os sistemas municipais e estadual de ensino, nos três municípios. Foi realizada coleta de dados qualitativos das Bibliotecas baseada nos parâmetros do Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares (GEBE).

Os trabalhos apresentados aqui, foram selecionados pela sua compatibilidade com o tema escolhido e para o desenvolvimento da pesquisa, já que são relevantes para o embasamento teórico, conhecimento e/ou reconhecimento de estudos produzidos sobre leitura, Bibliotecas e centros de artes de esportes unificados.

A pesquisa está organizada em quatro seções. Na primeira, aborda-se as inquietações acerca da leitura na sociedade atual. A contribuição do Materialismo Histórico e Dialético para a educação como um auxílio na atividade de compreender o fenômeno educativo, uma necessidade de lógica, de descobrir como a leitura se faz presente na sociedade, para entender, como acontece o ato de ler de determinado sujeito, buscar compreensão da realidade por suas múltiplas conexões. Para isso, faz-se necessário considerarmos o homem em seu processo de formação e todo o contexto social/histórico que vivencia. Apresenta-se o Estado da arte para descobrir o que foi produzido anteriormente sobre a leitura, a pesquisa bibliográfica assume um papel importante, que impulsiona a discussão sobre o tema.

Em seguida, apresenta-se a leitura que é de extrema importância para o processo de inserção do homem como ser social. A seção traz elementos para pensarmos em leitura literária, Biblioteca e Hora do Conto.

Na terceira seção, apresenta-se a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa, bem como objeto, cenário, participantes e metodologia. A abordagem da pesquisa é a crítico-dialética, do tipo quase experimental, investigando a ação docente, com ações organizadas, com tratamento de dados quantitativo e qualitativo.

E por último, na quarta seção, aborda-se a práxis efetivada, observação, intervenção e análises de questionário. Para a escrita da seção, utilizamos além de

aportes teóricos que orientaram a pesquisa como também dados produzidos por meio de observação, intervenção e análises do questionário dos campos selecionados, em que foi possível entender melhor o objeto de estudo, acompanhar a transformação dos sujeitos e perceber as aproximações e distanciamentos entre os campos.

2 LEITURA E MEDIAÇÃO

A leitura é de extrema importância para o processo de inserção do homem como ser social. Por meio da compreensão de um objeto de estudo podemos conceber o conhecimento sobre o mesmo. Como afirma Manguel (1997, p. 33) “[...] lemos para compreender, ou para começar a compreender.”

Todavia, a sociedade só passou a dar valor à escrita e à leitura quando se deu conta que seria um bem para a vida social. Foi a partir do século XVIII quando “a leitura se revela como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para a sua expansão”. (ZILBERMAN, 1986, p.12). A sociedade foi impulsionada pelas revoluções industrial e cultural nesse século, onde o acesso à escola ganhou proporção, a leitura entra como direito e não mais como privilégio somente para quem tinha poder. Nesse momento, o livro foi visto como “instrumento fundamental para a difusão do saber e o meio através do qual um se apropria da realidade, endossando seu caráter utilitário e, ao mesmo tempo, sua natureza emancipatória”. (ZILBERMAN, 1986, p.14)

Para isso, o lazer tem sido uma necessidade gerada pelo trabalho humano nos modos de produção. Após a Revolução Industrial no século (XVIII), período esse marcado pela consciência de trabalho, o domínio do trabalho para a sociedade passa a ser questionado e surgem ideias em que o tempo livre, o lazer, o ócio ganham papel de extrema importância no novo contexto social, operando como transformações no modo de vida. Marx (apud DUMAZEDIER, 1976, p.29) aponta que lazer é “o espaço que possibilita o desenvolvimento humano”.

O sujeito social pode analisar o hoje para compreender o passado. Por isso, utilizamos da leitura e da escrita por serem processos que podem promover a

transformação do homem, no intuito de desenvolver a consciência e não apenas capacitação de mão de obra para o trabalho (REZENDE; FRANCO, 2013).

Tratando-se de leitura hoje no Brasil, somente uma parcela da população tem acesso a Bibliotecas, ao livro e à leitura. A escola é o primeiro espaço, onde ocorre muitas vezes o primeiro contato com os livros. Quando o aluno ingressa na instituição ele é apresentado ao livro didático, ao livro de leitura literária e à Biblioteca, embora saibamos que não são todas as instituições que possuem esse aparato e por fim não suprem a necessidade do ato de ler, pois cada instituição e região têm suas especificidades. Mas além dessas questões que dificultam o acesso à leitura, existe o empecilho relacionado à formação do exercício crítico, dialógico, pedagógico e mediador da leitura, que parece não ser preparado e os momentos de leitura acontecem desvinculados da realidade, dos interesses e das necessidades do leitor.

Para isso, enquanto educadores, persistimos no desejo de que todos tenham acesso ao livro e à leitura, em casas, escolas, Bibliotecas, centros culturais, praças, entre os demais espaços. Mas, o que é importante evidenciar que o acesso não significa apropriação de conhecimentos, necessita ter um convite à leitura, especialmente para os leitores iniciantes, oferecendo diversos tipos gêneros textuais, reservando momentos de leitura, por meio de Hora do Conto, sendo um modelo de leitor para os leitores iniciantes. E essa iniciação à leitura acontece com o auxílio de um mediador, no processo que denominamos mediação. Para entendermos mais sobre mediação, buscamos os estudos de Vigotski.

De acordo com Vigotski (2000), a linguagem oral no ser humano possui um caráter essencialmente ativo. Dessa forma, é necessário entender os instrumentos e a criação de signos no percurso da história humana. Existe uma similaridade entre a atividade mediadora que envolve o emprego das ferramentas e a atividade que envolve o emprego de signo. A primeira se dirige aos objetos externos dados na natureza, alterando-os. A segunda se dirige exclusivamente ao homem, modificando sua própria conduta, seus processos psíquicos ou dos pares. Nossa linguagem é toda composta de signos, Vigotski (2007) aponta que “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa”, assim entendemos que a mediação está no signo, na fala do mediador.

A mediação é o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os pares. A mediação é vista como central, logo é neste processo que as

Funções Psicológicas Superiores, especificamente humanas se desenvolvem. As Funções Psicológicas Superiores relacionam-se com atos premeditados: memória mediada, atenção voluntária, leitura, escrita, imaginação, pensamento, enquanto as Funções Psicológicas Elementares dizem respeito ao que é biológico, nato, extintivo, reflexo (VIGOTSKI, 2007).

O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (VIGOTSKI, 2007, p.73).

O mediador no ambiente formal e não formal promove o desenvolvimento dos alunos por meio da aprendizagem que vai se dar pela mediação. Observando e investigando as leituras que os alunos trazem durante os momentos de Hora do Conto, o mediador deve intervir para reorganizar tal conhecimento, apresentando novos e os elevando a outro patamar.

Sabemos que é necessário que o próprio leitor sinta a necessidade pela leitura, e não a realize por obrigação. Porém, é na atuação do mediador que ocorre o estímulo para a leitura, no momento de escolher um livro que lhe agrade, um tipo de leitura que o satisfaça, para adquirir conhecimentos sobre determinado assunto e ou recrear-se. Dessa forma, o mediador possibilita o acesso aos diversos tipos de leituras: livros de diversos gêneros, jornal, revista e oportuniza o contato com diversas obras literárias, para que tenha intimidade com a leitura e conhecimento.

2.1 LEITURA LITERÁRIA

A leitura ganha existência no momento em que o leitor cria relação entre o que ele é, conhecimento que tem, e o que o texto criado pelo outro, disponível para leitura tem a oferecer. O professor ensina o ato de ler, que é o modo como esse leitor em formação deve agir com este texto para, no decorrer deste processo criar leitura. Ensina o aluno a ler, sendo um ato cultural, para então criar a sua própria leitura, dentro de seus limites, em relação com os gêneros distintos e suportes textuais que auxiliam a formação permanente dos modos de pensar cada vez mais abstratos. Porém, sabemos que por costume a escola ensina aos alunos como

dominar aspectos do sistema linguístico, pois não compreendem que o ato de ler é uma ação plural, cultural, histórica e social (ARENA, 2010b).

A apropriação da leitura “[...] revela-se como um poderosíssimo instrumento de desenvolvimento da mente humana, das funções psíquicas superiores, constituintes do progressivo processo de humanização”. (ARENA, 2010b, p. 242)

Da Silva (2012, p.7) confirma Arena (2010b) ao conceituar “leitura como uma via de acesso para participar da cultura escrita, e, desse modo, ler se constitui numa necessidade essencial para garantir o pertencimento e a atuação ativa nessa sociedade.” Dado esse fato, a leitura deve contribuir na formação de leitores e não de “ledores”. O ledor é passivo, imobilizado, que pouco acrescenta ao ato de ler, porque ele decifra mecanicamente os seus sinais. Já o leitor, é móvel e tem um olhar indefinido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em entrelinhas, revelando os sinais presentes. Ocorrendo no momento de conexão entre texto e leitor, que o ledor não é capaz de realizar (PERROTTI, 1999).

A formação desse leitor ocorre pelas vivências e relações que estabelece com o escrito, por sua história com a leitura que é tecida por tais vivências. Nesse processo de formação leitora, é primordial o papel das instituições formais e não formais, por meio da leitura literária, pois neste espaço acontece supostamente situações de leitura de forma mais frequente. Sob uma perspectiva humanizadora, a formação do leitor reside num processo pedagógico dialógico, porque, se o dialógico está na base de todas as relações do homem com o homem, com o mundo, também deveria estar no processo de apropriação da leitura. Esse processo é resultado de relações, de linguagens, de vozes e de relações polifônicas (DA SILVA, 2012).

Nesse sentido, a leitura literária, exerce papel fundamental no processo de tomada de consciência da realidade,

[...] os homens revivem o presente e o passado da humanidade, as perspectivas de seu desenvolvimento futuro, mas os revivem não como fatos exteriores, cujo conhecimento pode ser mais ou menos importante e sim como algo essencial para a própria vida, como momento importante também para a própria existência individual. (LUKÁCS, 1978, p. 268).

Ao falar de arte, tratamos de uma relação íntima entre realidade e ficção. Na literatura, que é arte construída pela palavra, por mais poético que seja seu conteúdo, o sentido parte da referência que fazemos com o real. É no modo que essa referência se constrói, que faz a diferença para o discurso fundamentalmente

literário. No momento que a palavra subtrai o previsível do discurso assume sua capacidade de surpreender, de inventar, ela potencializa seu valor artístico e amplia uma leitura que só pode ser feita com um novo olhar. Esse discurso ficcional não recria uma realidade, ele inventa uma outra (SERRA, 2011).

“A leitura literária se constitui num fator de liberdade e transformação: com uma permanente circulação de percepções e indagações, [...] a literatura faz com que pensemos na vida, nos modos de ser e estar no mundo.” (SERRA, 2011, p. 83). No momento em que realizamos a leitura de uma obra literária, ocorre uma identificação com o lugar, com a personagem, com os conflitos, ou seja, escolhemos obras literárias do nosso gênero preferido para que gere esse sentimento de pertencimento.

Para leitores iniciantes, que ainda não possuem uma gama de experiências com obras literárias é necessário que um leitor fluente apresente obras literárias a esse iniciante, a fim de construir nesse leitor a necessidade pela leitura, experimentando diversos tipos de histórias, assim poderá ter certeza do que é interessante para ele, do que mais lhe agrada nas leituras, escolhendo seu gênero preferido. Observemos os gêneros citados por Rezende (2013 p.108):

[...] suspense, policial, romance, poesia, crônicas etc.-, seja porque recebemos indicação de uma obra por parte de alguém cuja opinião respeitamos; também porque a obra faz sucesso, ou então porque queremos reler...são muitas as variantes [...] sendo que cada uma delas influencia a outra. A verdade é que a leitura literária “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores.

Além dessa identificação com as personagens e dramas vividos pelos leitores, nesse contato com a obra literária estamos estimulamos a capacidade de questionar o mundo que os rodeiam, tornarem-se críticos, identificando ações a sua volta mesmo que de forma indireta, onde certamente contribuirá para a reflexão dos problemas futuros que os cercarão. A história não se encerra quando se fecha o livro, quando existe a identificação ela atinge ao âmago do leitor e reside ali por tempo indeterminável, criando uma rede de conexões com outras situações e histórias que surgirão ao longo da vida.

Esse sentimento de pertencimento e identificação que o leitor adquire, também dará significados para a sua escrita e criará formas para utilizar esse aprendizado na sua comunicação, em sua prática social e principalmente, para seu

amadurecimento psicológico. “Talvez, nessa caminhada, o prazer maior seja nos descobrirmos capazes de descobrir, porque o grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade.” (AGUIAR, 2013, p.160)

Entendemos a leitura literária como uma prática cultural de caráter artístico, que permite ao leitor estabelecer uma relação de sintonia, pertencimento, afeto, entre outras coisas da vida cotidiana. Vale ressaltar, que esse poder de escolha sobre a obra literária, deve ser respeitado, demonstrando um apreço pela leitura do outro, com críticas coerentes e construtivas, apontamentos severos e principalmente com mediação potencializadora do saber literário.

Dessa forma, com essa mediação podemos possibilitar o acesso aos livros, permite reler algumas obras, disponibilizando livros com temas de morte, luto, separação, pois sabemos que alguns leitores se identificam com essas histórias, para resolver seus conflitos internos, como: “tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.” (BETTELHEIM, 1980, p.13)

Sobre essa questão o trabalho intitulado “Da Biblioteca escolar à sala de leitura nas escolas Estaduais de Ensino Fundamental paulista: leis, decreto, normas e agentes”⁴, discorre sobre o registro de pensamento, sentimento e descoberta que é uma necessidade humana. O conhecimento se desenvolve a partir de conhecimentos prévios, e esse acúmulo de registros tem como propósito ofertar ao homem o retorno aos registros em algum lugar do espaço/tempo. A preservação desses registros, disseminação da palavra escrita por meio da imprensa é realizada pela Biblioteca, que desde o seu nascimento esteve ligada ao ensino (LIMA, 2016). Ler e ter vontade de ler não é condição determinante para que ocorra. É necessário que o meio onde o sujeito está inserido esteja preparado e ofereça as condições necessárias.

A leitura literária é fortalecida nos espaços formais e não formais quando se trata de orientar o sujeito para compreender o papel estético da literatura e a função social desta manifestação artística. Dado que, não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o sujeito não identifica a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. É

⁴ Base do Google acadêmico com levantamento realizado sobre o estado da arte.

imprescindível que esses espaços abordem a função social da literatura como uma possibilidade de ler o mundo. A mediação da leitura literária pode propiciar o desenvolvimento crítico e reflexivo, contribuindo, assim, para a formação de leitores capazes de articular a leitura de mundo à leitura realizada em diversos espaços, se estendendo além dos muros da escola, já que nesse processo de formação leitora, é primordial o papel das instituições formais e não formais (BENEVIDES; BARBALHO, 2014).

2.2 ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL

Segundo Jacobucci (2008), o espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com o padrão nacional. É possível inferir que espaço não formal é qualquer espaço diferente da escola, onde pode ocorrer diversas atividades educativas. Ainda para a autora, duas categorias podem ser sugeridas dentro do espaço não formal: locais que são instituições e locais que não são instituições. Como Instituições podemos incluir os espaços regulamentados e que possuem uma equipe técnica responsável pelas atividades, como Museus, Centros de Ciências, Parques ecológicos, Planetários, entre outros. Na categoria Não Instituições podemos incluir teatro, parque, casa, rua, cinema, campo de futebol, praça dentre muitos outros. Embora o Centro de Artes e Esportes Unificados seja conhecido também como Praça CEU, ele se caracteriza como uma Instituição, pois possui uma equipe técnica responsável pelas atividades executadas, planejando e realizando atividades voltadas para a arte, educação e esporte.

Os responsáveis pela educação formal são os professores. Mas na educação não formal, o educador é o “outro”, com o qual interagimos e nos integramos, ou seja, os agentes educadores são os gestores do espaço, a família em geral, os amigos, colegas de escola, a comunidade da igreja, entre outros. Existe uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender ou trocar saberes em ambientes espontâneos em que as relações sociais se desenvolvem segundo preferências ou pertencimentos herdados. (GOHN, 2006)

A Praça CEU baseia-se em uma perspectiva intersetorial que se desenvolve a partir de diversas áreas como educação, participação popular, desenvolvimento local, ofertando para a comunidade saúde, cultura, esporte e lazer, ou seja, “os CEUs inspiram-se na concepção de equipamento urbano agregador da comunidade, com uma visão de educação que transcende a sala de aula e o espaço escolar”. (GADOTTI, 2009, p. 29)

Essa visão de educação e cultura ultrapassa os muros da escola, na educação não formal os objetivos destacam-se em: socializar os indivíduos, desenvolver hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que pertençam. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos, para capacitá-los a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. A finalidade é apresentar um conhecimento sobre o mundo que circunda os sujeitos e suas relações sociais, onde os objetivos não são dados inicialmente, eles vão sendo construídos no processo interativo, gerando um processo educativo. A meta na educação não formal é a transmissão de informação e formação política e sociocultural. Neste local preparam-se os cidadãos, educam o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo e individualismo, sendo um espaço formativo, atuando na transformação social desse sujeito, contribuindo para sua formação enquanto cidadão (GOHN, 2006).

2.3 BIBLIOTECA

A discussão acerca da necessidade pelos espaços de Biblioteca apropriadas para escola, inicia-se nos colégios religiosos dos Jesuítas que chegaram no estado da Bahia em 1549, sob comando do Padre Manuel da Nóbrega. Porém, as Bibliotecas escolares não se desenvolvem somente por meio dos Jesuítas, pois a partir do século XVII outras ordens religiosas introduzem as Bibliotecas em seus colégios, estruturando-as para promoverem um acervo adequado para os usuários (SILVA, 2011, p.491).

No cenário atual, a Biblioteca escolar precisa ser vista como um ambiente estruturado e um espaço intercultural. Para isso, em 24 de maio de 2010 foi sancionada a Lei 12.244/10, pelo ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, acerca das modificações das Bibliotecas escolares:

Art 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com Bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art 2º Para fins desta Lei, considera-se Biblioteca escolar a coleção de livros, matérias videográficas e documentos registrados em qualquer suporte destinado a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na Biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme a sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das Bibliotecas escolares. (Brasília, 24 de maio de 2010; 189º da Independência e 122º da República) (BRASIL, 2010).

Portanto, segue a obrigatoriedade de Bibliotecas em todas as escolas, o que garante ao estudante um acervo que enriqueça seus conhecimentos, um ambiente favorável para a realização de leituras literárias, momentos de estudos e pesquisa individuais ou coletivas, buscando uma transformação desse leitor por meio da leitura.

Evidente que não é apenas pelo fato de a Biblioteca ser obrigatória em lei, mas realmente serem efetivadas nas escolas, uma Biblioteca ativa em circulação, que ofereça condições para que ocorra a apropriação da leitura na vida desse leitor, pois

Ter Biblioteca (espaço e acervo) não garante que a leitura estará sendo assegurada na escola, pois é necessário que existam objetivos bem delineados para a consecução do projeto pedagógico de mediação da leitura. (SILVA, 2010, p.180).

A escola precisa se comprometer a realizar ações que auxiliem nesse processo, seja por meio de métodos pensados pela equipe pedagógica, projetos de leitura ou atividades de Hora do Conto onde envolvam toda a comunidade escolar. Silva (2010) aponta sugestões para a mediação da leitura e desenvolvimento de um projeto pedagógico voltado para a questão do que a escola deve considerar sobre a BE (Biblioteca escolar), pensando nas seguintes questões: O que entende por leitura? Por que promovê-la? A BE estará entre as estratégias que a escola utilizará para tornar-se ponte entre os alunos e a leitura? Que materiais estão disponíveis para os alunos? Que espaço, temporal e espacial, será destinado à leitura na escola? Qual o papel que a escola desempenha nesse contexto?

Essas questões possibilitam reflexões voltadas à utilização dessa Biblioteca, bem como do acervo e materiais disponíveis e, também da mediação que acontecerá neste espaço. A escola deverá trabalhar em conjunto, para responder

essas questões vinculadas à Biblioteca de forma que auxilie na busca da construção de conhecimento e todos saiam beneficiados com o espaço da Biblioteca escolar.

Além das Bibliotecas escolares, onde os alunos frequentam durante as aulas em atividades orientadas de empréstimos de livros, atividades de pesquisa, momentos de leitura literária e Hora do Conto, em algumas regiões pode-se encontrar Bibliotecas públicas⁵, que em alguns casos são mantidas pela prefeitura ou governo federal. A visita à Biblioteca “sem ter intenção pedagógica explícita, estimula o ser humano pesquisador, instiga sua imaginação e a busca de para seus predicamentos que, nem sempre são atendidos em aulas orientadas.” (SILVA, 2012, p.163)

Em questão de democratização do acesso à informação, a Biblioteca pública cumpre seu papel quando recebe, qualquer sujeito independente de sua classe social, idade, sexo, orientação sexual ou religião, o que a torna mais democrática, contando com um acervo que atenda a todas as demandas dos frequentadores.

O Manifesto da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), em conjunto com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para as Bibliotecas Públicas definem:

A Biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. [...] A Biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros. Os serviços da Biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriadas assim como materiais tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação (UNESCO, IFLA, 1994).

⁵ A história da primeira biblioteca aberta ao público no Brasil, começa em 1807 quando Corte Portuguesa foge para o Rio de Janeiro, trazendo a Real Biblioteca, mas somente em 1824 a Biblioteca Nacional é aberta ao público. De acordo com Cesarino (2007), “em 1811 é criada em Salvador a primeira instituição com o nome de biblioteca pública”. Após esse momento essas instituições disseminam-se por todo país, formando hoje uma rede de mais de 5.400 Bibliotecas no Brasil. (FERRAZ, 2014).

As questões de público alvo, acervo, acessibilidade, entre outras coisas têm servido, desde 1994, como uma base para a funcionalidade das Bibliotecas públicas de todo o mundo, porém, constata-se ainda na prática, as dificuldades que as Bibliotecas enfrentam dificultam a funcionalidade, como deseja este documento. Assim, com na Biblioteca escolar, a Biblioteca pública possui um sistema de empréstimo, livros catalogados, prateleiras separadas por gêneros, autores, temas, mesas e cadeiras para os momentos de leitura, em algumas Bibliotecas têm computadores para pesquisa, entre outras coisas que podem variar de um espaço para outro.

Em questão da formação para atuar na Biblioteca, o artigo “A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca pública” encontrado no levantamento realizado na base do Google Acadêmico, já apresentado no Estado da Arte, traz uma questão muito importante de ser explanada, discute a formação do bibliotecário como mediador de leitura. A função do bibliotecário está ainda muito voltada ao trabalho de organização dos livros e administração da Biblioteca, se afastando da função educativa, mediadora, de promover o contato do usuário com os livros, incentivando a pesquisa e principalmente desenvolver a necessidade pela leitura. O que pode estar relacionado a formação desse bibliotecário é o enfoque dado pelas escolas na formação técnica dos estudantes, pois ainda prezam pelo processamento da informação e raramente com a sua disseminação e com a formação de leitores, esse olhar para a mediação, precisa estar no currículo do curso, pois tais funções só poderão ser desempenhadas por bibliotecários que tenham recebido larga formação cultural, o que ultrapassa, a formação essencialmente técnica (CAVALCANTE, 2013).

Outro artigo sobre mediação foi encontrado neste mesmo levantamento, descreve que nas aulas do curso de Biblioteconomia são solicitados a falar a respeito das atividades que um mediador de leitura pode/deve desenvolver em diferentes espaços. É fundamental sugerir leituras e enfatizar o fundamental na mediação, que o bibliotecário deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar ideias a respeito do que leem. As experiências de mediação de leitura em diferentes espaços, entre eles: sala de aula, cursos diversificados têm demonstrado constantemente a eficácia dessa postura (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

Observamos que no primeiro artigo discutem a formação ainda muito técnica dos bibliotecários, já no segundo artigo percebemos que existe uma preocupação com a mediação que esses bibliotecários farão. Realmente é necessário ter esse olhar voltado para a mediação no currículo do curso de biblioteconomia, pois a Biblioteca pública hoje tem papel fundamental na sociedade, é um espaço de interação, debates e manifestações culturais e artísticas, onde acontecem exposições de artes, oficinas e momentos de Hora do Conto, realizadas pelas bibliotecárias e contadores de histórias que convidam os leitores da Biblioteca para participarem. Sendo um centro de promoção cultural, atuando como veículo para o exercício da cidadania (FERRAZ, 2014).

Celedônio e Gradela (2019) apresentam três tipos de Bibliotecas: a Biblioteca pública, Biblioteca comunitária e a Biblioteca escolar, compreendendo a relevância das mesmas no processo de promoção da leitura e na formação de leitores.

A Biblioteca pública pode ser caracterizada a partir de suas funções social, cultural, educacional, informacional e de memória. Juntas, tais funções estão intimamente associadas a promoção da cidadania e ao desenvolvimento social, tornando-a, por conseguinte, espaço de democratização do acesso à informação, à leitura e ao livro, para tantos públicos (CELEDÔNIO; GRADELA, 2019).

No Brasil, as Bibliotecas públicas são espaços culturais públicos diretamente ligados a órgãos governamentais e pretendem atender “as demandas da população que reside ou frequenta a região em que está localizada. São criadas para atender as necessidades informacionais de uma ou mais comunidades.” (MACHADO, 2009, p. 85).

As Bibliotecas comunitárias costumam estar localizadas em associações comunitárias, residências, comércio local, igrejas, escolas. Entre as principais atividades realizadas estão: contação de histórias, saraus literários e rodas de leitura. Porém, outras atividades também estão presentes, como: cursos de capacitação e aperfeiçoamento, palestras, seminários, oficinas, além dos serviços tradicionais de empréstimo de livros e pesquisa local. Realmente elas fazem a diferença nas localidades onde estão inseridas especialmente para o acesso ao livro, à leitura e à literatura (CELEDÔNIO; GRADELA, 2019).

Já a Biblioteca escolar possui como principal público a comunidade de alunos da instituição em que se insere. Alunos que se encontram em diversos estágios de aprendizagem, indo da educação infantil ao ensino fundamental, médio e superior.

Combinada à função pedagógica da escola, a biblioteca escolar possui papel fundamental no desenvolvimento educacional do aluno. Porém, para que haja de fato execução deste papel, torna-se necessário o comprometimento e a colaboração entre coordenação, docentes, pais, bibliotecários e demais colaboradores presentes na comunidade escolar (CELEDÔNIO; GRADELA, 2019).

Salientamos a importância da promoção de práticas leitoras realizadas por meio da Biblioteca em diferentes espaços. É por meio da leitura que as Bibliotecas atingem o objetivo de proporcionar acesso informação, literatura e à cultura. Com práticas alicerçadas em uma educação reflexiva promovendo encantamento pela leitura para além do espaço e com visão crítica.

2.4 HORA DO CONTO: HISTÓRIAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

É por meio da oralidade que a criança tem seu primeiro contato com um texto, quando ouve a voz da mãe, do pai, da babá, da professora, contando pequenas histórias, entonando a voz, imitando os animais, ou seja, interpretando uma personagem da história. Nesses momentos, é possível suscitar a imaginação, criar curiosidade, solucionar questões, sentir emoções como tristeza, raiva, alegria, medo, entre tantas outras. Além de viajar para outros lugares e explorar o mundo da imaginação onde tudo é possível. “Conto histórias para formar leitores; [...] para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados [...]” (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

Podemos denominar essa atividade como momento de contação de histórias, narração de histórias ou Hora do Conto, nesta pesquisa utilizaremos o termo Hora do Conto, pois os campos selecionados denominam dessa forma a atividade.

Uma atividade em que se conta histórias de forma alegre e agradável, a Hora do Conto fomenta a leitura nos espaços de Bibliotecas, livrarias e escolas, como também ajuda na formação de novos leitores, proporcionando o desenvolvimento intelectual, moral e crítico, e contribuindo com o processo de transformação do sujeito.

A Hora do Conto pode ser realizada por mediação de leitura ou contada. Na mediação de leitura a pessoa tem o auxílio do suporte livro, na qual faz a leitura da obra literária, conforme sua linguagem original, nas palavras do autor, podendo fazer

interrupções, entonações de voz, entendendo que a mediação está no signo, na fala do mediador (BRENMAN, 2012).

Como também existe a contação, dessa forma, o contador que já leu determinada história, decorou a mesma, conta de uma forma em que pode trocar as palavras, envolve uma improvisação, podendo acrescentar informações citadas pelos participantes, porém tomando o cuidado para manter o mesmo enredo. “Contar história é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, [...] em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças.” (COELHO, 1990, p.50):

Hoje, a atividade do contador de histórias associa-se a várias atividades que colocam em foco a leitura. No entanto, há que perceber as diferenças. Há contadores que seguem o conto tradicional e trabalham-no através da oralidade, e há contadores que assumem uma vertente de mediação leitora, dando ênfase ao livro e explorando a leitura através do objeto — atendendo a um texto escrito e/ou pictórico. [...] é frequente suscitar a curiosidade dos potenciais leitores [...] ativar determinados quadros de referência, através de atividades em que o contador de histórias, com o domínio dos códigos explicitados, recria um ambiente de magia e de estímulo à descoberta de textos, de leituras e de diálogos, que se procura que sejam o mais polifônicos possível. (JUNÇA, 2016, p.114).

No momento da Hora do Conto, o contador/mediador precisará ter consciência de que a história tem uma necessidade para o ouvinte. Como um transmissor ele conta o que aconteceu, com naturalidade, deixando as palavras fluírem. Demonstra uma segurança, pois conhece a história, domina a técnica e está preparado para contá-la. Quando ele vivencia o enredo com interesse e entusiasmo, demonstra essa satisfação para o público. Contar histórias é gratificante, chega a produzir no contador/mediador uma catarse dos conflitos mais íntimos. Não somente as crianças, mas os adultos também podem descobrir em uma história a solução de algum problema (COELHO, 1990).

Catarse, segundo Lukács (1978), é a superação da singularidade e da vida cotidiana na obra de arte, tanto pelo criador, como pelo receptor. A catarse pode ocorrer tanto no momento da criação artística quanto no momento de recepção da obra de arte, assim como em contação de história ou mediação de leitura, em que o ouvinte entra em contato com elementos exteriores à própria consciência.

O momento de Hora do Conto não possui um roteiro pronto, com técnicas pré-estabelecidas, cada contador/mediador possui sua forma de conduzir a história, seja cantando inicialmente para acalmar as crianças, levantando conhecimentos

prévios, permitindo interrupções ou não, conversando sobre a história e/ou finalizando com uma atividade. O comentário do ouvinte oferece condições para avaliar a repercussão da mesma. Assim, o narrador apreende reações básicas dos ouvintes, aprimorando-se na prática da arte de contar e aperfeiçoando seu estilo próprio (COELHO, 1990).

As histórias criam no leitor iniciante a necessidade pela leitura, permitindo que ele seja levado ao texto original. De acordo com Coelho (2000), nenhuma contação, por melhor que ela seja, poderá substituir a leitura literária. Fato que a contação contribui para a formação deste leitor, mas ainda é necessário que ele retorne aos livros para alcançar uma ascensão, pois poderá escolher a leitura literária que mais lhe agrada, onde realizará uma catarse a fim de solucionar seus conflitos internos, criar conexões com outras histórias e experiências, culminando em uma transformação social por meio de práticas de leitura.

Em suma, além da Hora do Conto mencionada apontamos outras práticas pedagógicas de leitura que podem ser utilizadas tratando-se do ato de ler. Por exemplo, roda de leitura, estante literária, maleta viajante, mala visitante, entre outras práticas pedagógicas que professores/mediadores utilizam para criar a necessidade de leitura em seus alunos.

A roda da leitura é o espaço destinado a leitura em sala ou Biblioteca, os alunos se sentam no chão, formando um semicírculo em volta do professor/mediador o mesmo apresenta o livro selecionado, comenta sobre o autor, ilustrador, capa, criando um ambiente agradável. O professor faz a mediação do suporte livro, deixa os alunos manusearem ver as imagens de perto, como acontece com uma certa periodicidade também proporciona um momento para que os alunos façam essa mediação, trazendo leituras que os instigaram para lerem aos seus colegas. Silva (2003, p.74) comenta sobre a importância das práticas pedagógicas de leitura,

[...] mais promissoras são, com certeza, as que propõem envolver as crianças em atividades significativas, como: vivência com livros de histórias infantis e com leituras das mesmas feitas por parceiros mais experientes [...] rodas de leituras diárias, visitas constantes às salas de leituras, para ouvir, contar e inventar histórias, manuseio de livros revistas e jornais (SILVA, 2003, p. 74).

A estante literária fica localizada dentro da sala de aula, geralmente aos fundos, onde o professor seleciona alguns livros e deixa a disposição dos alunos, para que os mesmos possam realizar leituras ao final de uma atividade enquanto

espera os outros colegas terminarem ou em momentos finais da aula, enquanto esperam o horário de irem embora, ou seja, livros disponíveis em sala para os alunos lerem.

No caso da maleta viajante pode ser desenvolvida por meio de empréstimos na biblioteca, onde poderão realizar leituras em casa com os responsáveis. Nessa prática pode-se utilizar duas alternativas: cada aluno confeccionará a sua maleta levando na mesma o livro emprestado na biblioteca, escolhido pelo aluno ou confeccionar uma maleta viajante para a turma toda, selecionar um livro e enviar para casa de cada aluno na sexta-feira para que ele devolva na segunda-feira seguindo as regras estabelecidas pela turma: por exemplo, não molhar, rasgar ou sujar o livro, devolver no prazo para que outro colega possa levá-lo, assim por diante etc.

A mala visitante é mais uma alternativa para explorar a leitura, nessa prática a instituição seleciona alguns livros de seu acervo, coloca dentro da mala visitante e envia para outra instituição, na qual foi selecionada anteriormente, acontece de forma correspondente criando uma rede literária. Dessa forma, as instituições passam a ter mais contato, explorar os livros indicados em práticas pedagógicas estabelecidas nas instituições e desenvolvendo projetos a partir da seleção de livros, concomitantemente contribuindo com as outras instituições enviando os livros de seu acervo.

Essas são algumas das práticas pedagógicas e culturais, utilizadas com leitores em formação, de alunos da educação infantil às séries iniciais do ensino fundamental. Outras sugestões como organização de saraus literários, feira de livros, peças teatrais, poderão ser adotadas pela instituição. Como aponta Soares,

É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2002, p. 6).

Mediante ao exposto, os professores/mediadores em suas práticas pedagógicas diárias, necessitam criar essa necessidade de leitura nos alunos, para assim contribuir com o desenvolvimento de leitores iniciantes, enfim, entrar em completa intimidade com o texto, uma leitura por deleite, estabelecendo múltiplos sentidos e significados para sua trajetória pessoal.

Portanto, nessa seção discutimos a leitura e mediação, tratando de leitura para compreender o mundo e mediação como processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os pares. Evidenciamos a questão da leitura literária, como um fator de liberdade e transformação para refletir sobre a vida, em ser e estar no mundo. O acesso a essa leitura ocorre em espaços formais e não formais de educação, como bibliotecas comunitárias, escolares e públicas. Dentro desses espaços é possível encontrar um acervo de livros, práticas pedagógicas de leitura, ações para criar a necessidade de leitura no outro, por exemplo: Hora do Conto, feiras de leitura, saraus literários, maleta viajante, mala visitante, peças teatrais, entre outras práticas adotadas por estes espaços formais e não formais de educação. A fim de contribuir com a formação de leitores críticos, reflexivos e participativos. Criar conexões com outras situações e realizar uma interação social entre leitor e autor. Ou seja, ir além da decodificação de palavras.

Na seção seguinte abordaremos o objeto, cenário e participantes, metodologia e pesquisa, campo escola e campo Biblioteca da Praça CEU, a fim de apresentar os campos selecionados desta pesquisa, bem como os procedimentos que utilizamos para a realização do presente estudo.

3 METODOLOGIA

O homem busca uma totalidade de conhecimento para vir a ser humano. Estando em constante transformação, ele é constituído por vários determinantes culturais, sociais, econômicos e políticos. Para que possa se transformar utiliza a leitura, pois é um ato humanizador, e é por meio dela que se constrói um processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Como se trata de uma atividade básica na formação cultural do ser humano, atende a diversas finalidades, entre elas o senso crítico aguçado e uma maior percepção das diversas leituras intelectuais e do mundo, permitindo assim analisar toda e qualquer leitura.

Para um maior conhecimento da situação que se encontra a leitura, esta pesquisa busca informações para compreender de que forma o ato de ler ocorre, e identificar a ação docente e as práticas pedagógicas que puderam contribuir para uma apropriação da leitura, assim como identificar possíveis dificuldades no processo de formação de leitores.

Quanto à metodologia, esta pesquisa se organiza em: objeto, cenário e participantes, metodologia e pesquisa, campo escola e campo Biblioteca da Praça CEU. A distribuição das informações em subtítulos tem como objetivo promover um olhar para a pesquisa em sua totalidade, a fim de que o leitor observe os detalhes minuciosos que caracterizam os envolvidos e o objeto da pesquisa.

3.1 OBJETO, CENÁRIO E PARTICIPANTES

O trabalho de pesquisa surge diante de uma possibilidade de continuação dos estudos sobre leitura e formação de leitores desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina. Os mesmos foram realizados por meio de Iniciação Científica (PROIC), participações em projetos no Curso de Pedagogia, que pretendiam investigar a formação do leitor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ação Docente diante das diferentes linguagens.

Como a discussão sobre o tema foi intensa, houve a necessidade de permanecer pesquisando mais sobre leitura, entendendo que há uma necessidade de auxiliar os participantes da pesquisa na compreensão do sentido do texto, da leitura e interpretação do que foi lido, utilizando a capacidade crítica de analisar o

que leu e armazenar as informações lidas. Com o objetivo de corroborar os resultados de pesquisas anteriores e investigar a ação docente em prol da leitura, a pesquisa busca esclarecer para os participantes de que existem distintas formas e conteúdos a se trabalhar uma obra, uma vez que os procedimentos de leitura são fundamentais para que o trabalho com a literatura seja objetiva e as aulas mais produtivas.

A amostra foi estabelecida por conveniência. Foram investigados uma instituição de ensino pública⁶ e um Centro de Artes e Esportes Unificados (Praça CEU), em Cambé. Na escola, a pesquisa foi realizada com alunos do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental vespertino e na Praça CEU com participantes que frequentam para assistir a Hora do Conto. Foram realizadas 30 horas de observação/intervenção em cada instituição. Com reconhecimento da estrutura física, do Projeto Político Pedagógico, consultas em documentos das instituições, observações de atividades que ocorrem nos espaços, observação de Hora do Conto e as intervenções realizadas.

A escolha destes estabelecimentos de Ensino deu-se pela ação docente de uma professora, com o projeto “Era uma vez”, realizado na instituição escolar que se estende para a Praça CEU de forma voluntária, autorizada e revisada pela Secretaria da Educação e Secretaria da Cultura de Cambé. A Praça CEU onde leva mais possibilidades e atividades relacionadas à cultura, ao esporte e a acessibilidade de ações sociais, conta com uma Biblioteca comunitária onde acontece o projeto Era uma vez, que é uma extensão do projeto criado pela professora na instituição.

Após a escolha, aceite da professora e autorização da pesquisa por ambos os diretores dos espaços, apresentou-se o projeto científico e demais documentos aos participantes, em que foram requisitados a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁷. Todos os participantes assinaram o TCLE para o desenvolvimento das atividades da pesquisa, afirmando que estão de acordo com a condução da pesquisa. O Projeto passou pela avaliação documental e científica do Comitê de Ética e obteve aprovação do Parecer Consubstanciado do CEP, identificado com número: 2.817.304.

⁶ A instituição de ensino possui o índice 7.4 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), sendo o maior valor alcançado no município.

⁷ O modelo consta no final do trabalho em apêndices.

3.2 METODOLOGIA E PESQUISA

A abordagem da pesquisa é a crítico-dialética, do tipo quase experimental, investigando a ação docente, com ações organizadas, com tratamento de dados quantitativo e qualitativo. Sendo quantitativa para a análise do CEU existente, como também qualitativa, identificando as ações docentes, reações, percepções e sensações dos participantes da pesquisa. Amostra realizada por conveniência, com delineamento de levantamento de dados, utilizando da análise pautada nas categorias dialéticas.

Em relação às categorias quantidade-qualidade, as pesquisas com enfoque dialético, no que se refere às técnicas, geralmente utilizam as historiográficas, tratando as dimensões quantitativas e qualitativas dentro do princípio do movimento. As duas dimensões não se opõem, mas se inter-relacionam como duas fases do real num movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra (GAMBOA, 2000, p.105).

Após a coleta de dados, aplicação de questionário e intervenções foi realizada a análise dos dados coletados. As discussões sobre os tratamentos dos dados foram pautadas nos escritos de Marx (1978), Vigotski (2002), Bakhtin (2011), Saviani (2012) e Gasparin (2012), em que se buscou nos estudos de teóricos marxistas demonstrar como a obra literária auxilia na formação humana, com a finalidade de oferecer ao homem explicações às inquietações do ser, assim como expandir a visão de mundo dos leitores.

O pensamento Materialista Histórico Dialético infere que o aprendizado precisa ser consciente para que seja transformador, é uma construção prática, social, histórica. Com as intervenções nos campos de pesquisa, por meio da Hora do Conto pudemos identificar o pensamento de Marx (1978), que parte do concreto, vai para a abstração e retorna ao concreto, na busca por envolver todas as categorias que compõem o objeto, fato ou fenômeno, que participam da realidade dos homens. Como no processo de escolha das obras literárias, o ato da Hora do Conto e a reflexão crítica acerca da história. Dessa forma, acontece a transformação do indivíduo, que passa a atuar mediante conhecimentos científicos.

Para tanto, seguimos a didática de Gasparin (2012, p.188), na perspectiva histórico-crítica, para planejar o momento da Hora do Conto, pautado nos cinco passos que consistem em: prática social inicial, problematização, instrumentalização,

catarse e prática social final, a fim de proporcionar uma reflexão acerca da obra literária, interação entre os participantes e trabalhar as funções psíquicas dos participantes no decorrer da história com os participantes. Para Saviani (2012), a catarse representa a passagem da síncrese à síntese, ou seja, momento da internalização dos conhecimentos científicos.

Para Vigotski (2007), a relação entre sujeito e meio dá-se, primordialmente, pela linguagem. É por meio dessa linguagem, que é dialógica, que se dá a interação entre os sujeitos, interações, muitas vezes, mediadas por gêneros textuais. Como Vigotski (2007), Bakhtin (2011) defende que o sujeito não pode ser compreendido como um ser isolado, pois ele é sempre dialógico, isto é, constitui-se por meio das relações de alteridade com os outros e com o meio. A linguagem é como um processo constante de interação social mediado pelo diálogo, tendo em vista os diferentes usos da língua. O locutor está submerso em contextos de enunciação bem fundamentais, de forma que cada palavra expressa está tomada de um conteúdo ideológico determinado. Dessa forma, todo enunciado surgirá de um contexto cultural relativo a significados e valores, o que faz com que o indivíduo, por meio de um ato responsivo se coloque diante desse contexto e firme um diálogo com as demais vozes sociais. A linguagem, para ambos os autores tem papel primordial nessas relações.

Assim, a pesquisa também se utilizou de suporte bibliográfico para fundamentação teórica dos conceitos relacionados ao estudo durante o desenvolvimento do trabalho, no momento das observações, entrevista, análises e reflexões, bem como no período de conclusão da pesquisa.

Os procedimentos foram divididos em 12 (doze) fases que dizem respeito aos processos que vão desde a pesquisa bibliográfica, as coletas e as análises. (1) Coleta de assinaturas da: Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição Co-Participante; (2) A aprovação do Comitê de Ética do projeto de pesquisa; (3) Envio e coleta do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) durante o período de 3 dias; (4) Levantamento da leitura na sociedade atual; (5) Análise estatística dos Centros de Artes e Esportes Unificados; (6) Análise do IDEB na instituição, contexto da escola; (7) Realizou-se o levantamento da ação docente, caracterização da escola e do Centro de Artes e Esportes Unificados; (8) Aplicação e análise de questionário para os participantes da pesquisa, que foi respondido em sala de aula/escola e Biblioteca/CEU individualmente composto por 5 perguntas

relacionadas as impressões dos participantes diante da leitura. Assim como a participante/responsável também respondeu a um questionário com 5 perguntas; (9) Constitui-se de seleções de obras literárias para as intervenções realizadas nos dois campos escola/CEU.

Para a continuação da pesquisa, foram realizadas (10) as intervenções. Após, houve a aplicação e análise de questionário para as crianças, que foi respondido em sala de aula/escola e Biblioteca/CEU individualmente composto por 5 perguntas relacionadas às impressões das crianças diante a leitura. Assim como a professora/responsável também respondeu a um questionário com 5 perguntas, após as intervenções realizadas, como (11); E para finalizar, como (12) Análise dos resultados dos projetos de intervenção, comparação e análise dos dizeres no questionário.

O período de observação nos campos aconteceu entre o dia 17/08/2018 a 01/09/2018, seguindo o cronograma enviado ao comitê, podendo ser observadas três Horas do Conto na escola e apenas uma na Biblioteca da Praça CEU. Importante ressaltar que a Hora do Conto acontece quinzenalmente na CEU, pois é realizada por voluntárias do projeto “Era uma vez...”. Esclarecemos assim, o motivo de ser apenas uma observação de Hora do Conto realizada por voluntária. Porém, nesse período realizamos visitas para conhecer a estrutura física, acompanhar atividades de empréstimos, observar a circulação de pessoas, utilização dos espaços, reconhecimento de obras literárias disponíveis, entre outras coisas.

As intervenções nos campos ocorreram entre o dia 26/10/2018 a 06/12/2018, seguindo o cronograma. Realizando três Horas do Conto na escola, e quatro na Biblioteca da Praça CEU. Importante ressaltar que aconteceram duas Hora do Conto no mesmo dia, a pedido da gestora da Praça CEU, uma no período matutino e outra no período vespertino, ambas com a mesma história para públicos diferentes. Esclarecemos assim, o motivo de serem quatro momentos de Hora do Conto, no campo Praça CEU.

3.3 CAMPO ESCOLA

A instituição escolar destinada ao cumprimento da pesquisa de campo (conforme a figura 1), onde realizou-se a observação e intervenção da Hora do

Conto, está localizada no município de Cambé, no Jardim Alvorada, primeiro bairro habitacional da cidade de Cambé. Foi oficialmente inaugurada em 3 de julho de 1980, por meio do decreto 2.594/60. A escola atende em dois turnos: matutino e vespertino com alunos do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em um total de 455 matriculados, sendo 233 no período matutino e 222 no período vespertino (CAMBÉ, PPP, 2018).

A escola conta com uma sala Especial que atende cerca de 12 alunos com necessidades especiais acentuadas e uma sala Multifuncional com crianças dos bairros próximos que necessitam de atendimento especializado. Além das atividades em sala de aula com a professora regente, a escola conta com aulas de educação física, artes, jogos pedagógicos, momentos destinados a Hora do Conto/Show de talentos e visitas à Biblioteca, a fim de que os estudantes realizarem empréstimos de livros. Essas aulas são divididas durante a rotina semanal (CAMBÉ, PPP, 2018).

A instituição, nesta perspectiva, possui os recursos físicos contendo dez salas de aula, uma sala de materiais, uma sala Especial, uma Biblioteca, dois almoxarifados, um depósito de merenda, uma sala de jogos para práticas pedagógicas diferenciadas, uma sala de diretoria/secretaria, uma sala dos professores, uma quadra de esportes, uma sala de supervisão, uma cozinha, três banheiros masculinos, três banheiros femininos, sendo todos eles com acessibilidade e banheiro para portadores de deficiência física. A escola conta também com uma área de circulação coberta, servindo também como refeitório. As salas de aulas são arejadas, amplas com mobiliário e aparelhos eletrônicos suficientes: televisões, DVD's, armários, mesas e cadeiras e cantinhos da leitura (CAMBÉ, PPP, 2018).

Figura 1 - Foto da fachada da instituição escolar.



Fonte: O autor (2019)

A Biblioteca da escola possui um acervo de 5.000 livros para os alunos, sendo que o mesmo é periodicamente renovado, algumas vezes pela Secretaria de Educação, outras vezes pela aquisição da própria escola. Na Biblioteca, já na entrada, é possível encontrar um cronograma de horário para a “Aula Biblioteca”, com horários de cada turma nos períodos matutino e vespertino. A escola não conta com uma bibliotecária, então o trabalho de organização é realizado muitas vezes pela própria coordenação, já o período da “Aula Biblioteca” é organizado, planejado e conduzido pela professora regente de cada turma. A Biblioteca é arejada, iluminada, com portas grandes de vidro, quinze prateleiras repletas de livros onde encontram-se organizados por seções de literatura infantil, livros didáticos, dicionários, autores, gibis, revistas, livros em braile, entre outros. Possui uma Televisão, um armário, ventiladores, uma mesa para a professora, cinco mesas de seis lugares para alunos (CAMBÉ, PPP, 2018). Alguns livros ainda precisam ser catalogados. Aliás a quem caberia essa função? Arena discorre com preocupação sobre a temática,

[...] quem caberia a seleção dos livros? Ao bibliotecário. Talvez fosse essa a melhor e mais pronta resposta dada pela própria legislação, em seu artigo 3º, ao afirmar que seria necessário, com “esforços progressivos”, em prazo de dez anos, promover a “universalização das Bibliotecas escolares”, “respeitada a profissão de bibliotecário” (ibidem). Embora respeitado, o bibliotecário não recebeu do legislador o amparo, em tom obrigatório, de definições claras a respeito de sua contratação como mediador da leitura nas Bibliotecas escolares. Além disso, determinar prazo de dez anos (até

2020, portanto) é esperar muito tempo para a ampliação das práticas de leitura no país. E mais: as políticas públicas, historicamente, teimam em recomendar a existência de Bibliotecas sem o papel fundamental do mediador, porque o conceito é que se trata de espaço com livros e outros materiais, em vez de um contexto de relações. (ARENA, 2011, p.14).

O prazo de 10 anos se esgotou, e ainda não temos a universalização das Bibliotecas escolares. No final do ano de 2018 foi proposto uma ementa de alteração na Lei 12.244/10. O Projeto de Lei 9484/18 segue aguardando apreciação pelo Senado Federal, onde dispõe sobre a universalização das Bibliotecas escolares, prorrogando para 2024, último ano de vigência do Plano Nacional de Educação (PNE). Almejamos alcançar essa meta, pois observamos que as escolas ainda contam com a organização realizada por assistentes administrativos que realizam o processo de catalogar, realizar empréstimos e promover a contação de histórias. Muitas vezes esse profissional não está capacitado, preparado para tal função. Quando a Biblioteca é comandada por um professor, ela recebe tal função por ele ser readaptado e, na maioria dos casos, apresentam laudos médicos com problemas de saúde que impossibilita o mesmo a assumir turma de crianças na escola. No campo de pesquisa, o registro de empréstimo é realizado pela professora regente da turma, onde anotam o nome do livro emprestado e o nome de quem realizou o empréstimo. Alguns materiais pedagógicos também se encontram no espaço. Na figura 2, podemos observar como a Biblioteca está sendo organizada.

Figura 2 - Biblioteca da Escola.



Fonte: O autor (2019)

A Hora do Conto na escola pesquisada acontece nas sextas-feiras, períodos matutino e vespertino, logo depois de cantarem ao Hino Nacional, sempre antes de começar aula. Ela é realizada por professores, alunos, funcionários, contadores de história voluntários da escola, e até mesmo por turmas da escola, em forma de teatro. A organização da Hora do Conto acontece por meio de uma agenda, que se encontra na sala dos professores, em que qualquer membro da escola ou visitante que queira contar uma história anota seu nome e o nome da história, deixando aquela data reservada. Na figura 3, podemos observar o momento em que os professores e alunos organizam o pátio para a Hora do Conto.

Figura 3 - Organização do pátio escolar para o momento da Hora do Conto.



Fonte: O autor (2019)

O projeto da Hora do Conto surgiu na escola no início de 2018, anteriormente contavam apenas com a bolsa/sacola de leitura, que eram confeccionadas pelos próprios alunos com suas famílias, explorando a criatividade. A sacola é destinada a empréstimos de livros que podem ser realizados e levados para a casa, realizando a leitura em família, porém de acordo com diretora os professores perceberam uma resistência dos alunos pela leitura, como constataram isso no resultado do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do ano de 2017, onde houve uma pequena queda na média de proficiência na Prova de Língua Portuguesa e acredita-

se que isso está ligada a resistência dos alunos à leitura. Outro ponto a se destacar foi que nesse período a Biblioteca passava por uma reforma e ampliação, não poderia ser utilizada no momento, então a maior parte do trabalho com a leitura era realizada em sala de aula. O que nos dá condições para se pensar que refletiu no resultado do IDEB, que em 2015 obteve o resultado de 7,6 tendo a média de proficiência em português 254,31 e em matemática 276,24. Já em 2017 obteve o resultado 7,4 tendo a média de proficiência em português 251,94 e em matemática 273,08 dados esses retirados do IDEB/INEP (2015/2017).

Em 2018, a escola recebeu o resultado do IDEB/2017 mesmo apresentando essa queda mencionada anteriormente atingiu o melhor resultado do Município, esteve em evidência com o resultado de 7,4 do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Necessita deter uma análise mais crítica sobre essa questão do IDEB, afirmar que o resultado de 2015 seja pela fato de não ter a Biblioteca à disposição é um risco, pois outros fatores podem ter influenciado nessa queda, nestes casos é necessário verificar as condições de trabalho dos professores diante de tais circunstâncias, articular a formação dos professores, questões físicas e financeiras das escolas e dos alunos que sofrem alterações, por serem distintas. Cabe, um olhar voltado para o currículo, na forma que o mesmo está sendo conduzido pela gestão. Por isso, é essencial o trabalho coletivo na instituição, reuniões com a equipe pedagógica, a fim de perceber as defasagens e criar artifícios para contornar a situação.

A diretora reconheceu que não era uma queda tão significativa, porém em conversa com a equipe da escola, resolveram criar a Hora do Conto. A diretora relata em entrevista concedida ao Jornal Pretexto (2018),

“Não nos desesperamos com o resultado, mas buscamos achar uma maneira de reverter a situação de uma forma que não sobrecarregasse as crianças. Mas era necessário que fizéssemos algo, porque senão isso poderia se tornar muito pior futuramente.” (RIBEIRO, Jornal Pretexto, 2018).

A equipe pedagógica da escola relatou que, após a contação de histórias, os alunos procuram a professora e perguntam sobre o livro que foi utilizado, querem fazer empréstimos para lerem em casa e mostrarem para os pais o quanto foi maravilhosa a história, acontecendo uma interação de aluno e família, levando a

história que tanto lhe afetou, necessitando-o compartilhar a experiência com a família.

O Currículo da escola⁸ (CAMBÉ, 2016) possui uma proposta curricular que tem por objetivo impactar de maneira positiva e consistente a prática pedagógica realizada nas escolas da rede municipal, realizaram a adoção do referencial teórico da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. Que significa uma tomada de posição em relação ao significado social da escola pública.

Vale destacar que o Programa de Formação Continuada no município teve sua primeira formulação no ano de 2009, com implantação no início de 2010. O acesso ao Programa aconteceu para os profissionais: docentes, gestores, auxiliares de serviços gerais, motoristas e assistentes administrativos.

Os cursos da Formação Continuada foram ministrados por formadores com mestrado, doutorado e com especificidade na linha teórica adotada. Organizando encontros com: palestras, leitura de textos, reuniões de planejamento, grupos de estudos por área de conhecimento, reuniões pedagógicas nas unidades escolares, a fim de compartilhar, revisar e formular uma proposta curricular conjunta, por meio da interlocução entre professores, gestores, assessores da Secretaria e academia. Em 2013, com a assessoria do Prof. Dr. Newton Duarte, definiram e documentaram as perspectivas teóricas nos Projetos Políticos Pedagógicos, o que corroborou de modo qualitativo com os encaminhamentos para os cursos de formação e, por conseguinte, no processo de ensino e aprendizagem.

3.4 CAMPO CEU

O centro destinado ao cumprimento da pesquisa de campo, onde realizou-se a observação e intervenção da Hora do Conto, está localizada no município de Cambé, no Jardim Alvorada. O Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), que

⁸ A escola segue o Currículo para a Rede Pública Municipal de Ensino de Cambé, elaborado por uma equipe de gestores, docentes e assessores pedagógicos, além da presença de especialistas, que apresentaram as máximas elaborações tanto no campo da psicologia e da pedagogia como nas diferentes áreas do conhecimento com os escritos de: Angelo Antonio Abrantes, Eliana Guidetti do Nascimento, Fernando Cândido Pereira, Flávia da Silva Ferreira Asbahr, Isaac Antonio Camargo, José Roberto Boettger Giardinetto, Juliana Campregher Pasqualini, Lígia Regina Klein, Lígia Márcia Martins, Márcio Miguel de Aguiar, Maria Ilza Zironi, Silvana Calvo Tuleski e Solange Cristina Batigliana. O lançamento do Currículo aconteceu em 2016, com a presença de Lígia Márcia Martins, Newton Duarte e Dermeval Saviani, onde se constitui em um marco na história da educação do município de Cambé.

leva o nome de Rose Mary Fernandes Alves, foi oficialmente inaugurada em 9 de novembro de 2014. Em informações consultadas na plataforma digital Praças CEU's - Centro de Artes e Esportes Unificados, com o endereço: ceus.cultura.gov.br, é possível encontrar informações sobre as Praças CEU's de maneira geral, já que a mesma segue um padrão arquitetônico e programas de ações culturais. A figura 4, foi disponibilizada pela prefeitura da cidade, no site do município para divulgação da Praça CEU de Cambé.

Figura 4 - Foto da Praça CEU do município de Cambé.



Fonte: Página Prefeitura de Cambé⁹

Os Centros Educacionais Unificados estão situados em diferentes pontos do Brasil. A implantação dos CEUs foi realizada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo a partir de 2003. Com o Decreto Municipal N. 42.832, de 06 de fevereiro de 2003, que esclarece que o dispositivo municipal em questão deve atender a uma região geograficamente menos favorecida, no âmbito cultural, educacional e esportivo. Posteriormente expandindo-se para outras localidades, como no caso no Município de Cambé, no Estado do Paraná em 2014.

Esse Centro é um equipamento público organizado para atender atividades e serviços culturais e esportivos. Comprometidos com a proposição e execução de políticas públicas, idealizado em conjunto pelos ministérios da Cultura, Esporte, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Justiça, Trabalho e Emprego. A

⁹ Disponível em;< www.cambé.pr.gov.br>

implantação desses Centros faz parte do Eixo 2 – Comunidade Cidadã, do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC 2, executados com recursos do Governo Federal repassados aos entes federados, que são responsáveis pelas obras, aquisição de equipamentos e mobiliário, mobilização social e posteriormente a gestão do Centro. A seguir, apresentamos o quadro 2 em que é possível verificar as unidades de cada região e o total de Centro Educacionais Unificados no Brasil.

Quadro 2 - Levantamento das Praças CEU's no Brasil.

| | |
|--|--|
| Região Norte | Região Nordeste |
| Acre 1 Amapá 1 Amazonas 4 Pará 14 Rondônia 4 Roraima 1 Tocantins 2 | Alagoas 1 Bahia 28 Ceará 20 Maranhão 7 Paraíba 4 Pernambuco 15 Piauí 5 Rio Grande do Norte 4 Sergipe 2 |
| Total: 27 unidades na região. | Total: 86 unidades na região. |
| Região Centro-Oeste | Região Sudeste |
| Distrito Federal 3 Goiás 17 Mato Grosso 3 Mato Grosso do Sul 5 | Minas Gerais 39 Espírito Santo 9 São Paulo 87 Rio de Janeiro 25 |
| Total: 28 unidades na região. | Total: 160 unidades na região. |
| Região Sul | Total de 362 unidades no Brasil* |
| Paraná 22 Rio Grande do Sul 23 Santa Catarina 16 | *Em 24 de outubro de 2019. |
| Total: 61 unidades na região. | |

Fonte: Página Mapa da Cultura¹⁰

Os Centros de Artes e Esportes Unificados desenvolvem no mesmo espaço programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência, para promover a cidadania em territórios de alta vulnerabilidade social das cidades brasileiras. Como podemos observar, são 22 municípios do Paraná que possuem a Praça CEU, são eles: Quatro

¹⁰ Disponível em: < <http://mapas.cultura.gov.br>>. Acesso em 15 de nov. 2019.

Barras, Campina Grande do Sul, Colombo, Tamandaré, Piraquara, Pinhais, Paranaguá, Fazenda Rio Grande, Araucária, Campo Largo, Pato Branco, Ponta Grossa, Cascavel, Toledo, Guarapuava, Irati, Apucarana, Maringá, Sarandi, Araçongas, Londrina e Cambé.

Os municípios com alta vulnerabilidade social são escolhidos para a implantação desse equipamento público. No levantamento realizado na base do Google Acadêmico encontramos um trabalho denominado “Implantação dos Parques-Bibliotecas em Medellín e dos Centros Educacionais Unificados em São Paulo – algumas considerações de um estudo exploratório” como já mencionado no Estado da Arte, trazemos aqui contribuições deste trabalho.

A criação dos Centros de Artes e Esportes Unificados foi inspirada nos Parques-Bibliotecas de Medellín, na Colômbia, que são centros culturais que contam com a integração comunitária e se preocupam com a promoção do desenvolvimento social.

Na Colômbia, o controle da violência acontecia por meio do governo central, assim havia uma ausência do controle nas áreas periféricas de Medellín, o que facilitou a atuação de grupos criminosos. O governo local buscou o envolvimento da comunidade, na tentativa de controlar os conflitos entre as gangues, que vinham se arrastando ao longo dos anos. O prefeito de Medellín, Sergio Fajardo Valderrama (2004 – 2007), em convênio com o Governo Colombiano, instituiu o “Plano de Desenvolvimento Medellín Compromiso de Toda La Ciudadanía, o programa Paz e Reconciliación: Regreso a La Legalidad”. A implantação dos Parques-Bibliotecas valeu-se da metodologia do Laboratório de Urbanismo de Barcelona e de estudos feitos em várias universidades sobre como compreender a complexidade enfrentada por Medellín. Conseguindo assim reduzir os índices de criminalidade, modificando vários aspectos da cidade que era considerada a mais violenta do planeta, tendo incluído em suas iniciativas, ações educativas, sendo que antes de seu mandato, o próprio Sistema Educacional era injusto. O Município de São Paulo, a partir do ano 2001, responsabilizou-se pela implantação do Programa Centros Educacionais Unificados – CEUs, nos locais definidos pelo Mapa da Exclusão/Inclusão Social, que identificou áreas do Município de São Paulo com os maiores índices de mortalidade juvenil, fertilidade e evasão escolar, abandonadas pelo circuito esportivo cultural e de lazer e que tivessem grande contingente de jovens desempregados (SOUZA, 2018).

Outro trabalho encontrado na base de dados do Google Acadêmico, apresentado no Estado da Arte e denominado “A gestão cultural mediadora nos Centros Educacionais Unificados” aborda a questão do Conselho Gestor que se configura como um colegiado formado por distintos representantes, tais como funcionários públicos municipais, membros de organizações representativas pertencentes à comunidade, além do público que frequenta o dispositivo. O colegiado institui-se como instância consultiva e deliberativa, responsável por organizar, promover e fomentar a assessoria social sobre as políticas públicas executadas pelo CEU. O conselho gestor tem por objetivo reunir membros da região onde o CEU está localizado para que possam opinar e acompanhar o que acontece no local (SILVA, 2017).

O grupo gestor do Centro deve ser formado por sociedade civil e poder público local, preferencialmente de composição tripartite. Como é apontado na Cartilha de orientação para ações de mobilização social nos CEUs (BRASÍLIA, 2014, p.11),

1/3 dos participantes do poder público (gestores eleitos ou indicados pelo ente federado); 1/3 da comunidade (moradores, trabalhadores do bairro, lideranças eleitas ou voluntários); 1/3 da sociedade civil organizada – pessoas que representem organizações civis, instituições e entidades atuantes na comunidade (que podem ser eleitas ou indicadas por essas organizações).

O projeto do Centro Educacional Unificado prevê gestão compartilhada a ser realizada por diversas instâncias. A proposta de uma gestão conduzida a partir da interação entre diversas partes permite refletir sobre a eventualidade hibridação entre órgãos públicos e sociedade civil. O Centro Educacional Unificado precisaria ser reconhecido como espaço de múltiplas vozes que privilegia a participação, produção de conhecimento e o protagonismo dos indivíduos. Nele os cidadãos devem trabalhar coletivamente, organizando uma gestão orientada por processos democráticos.

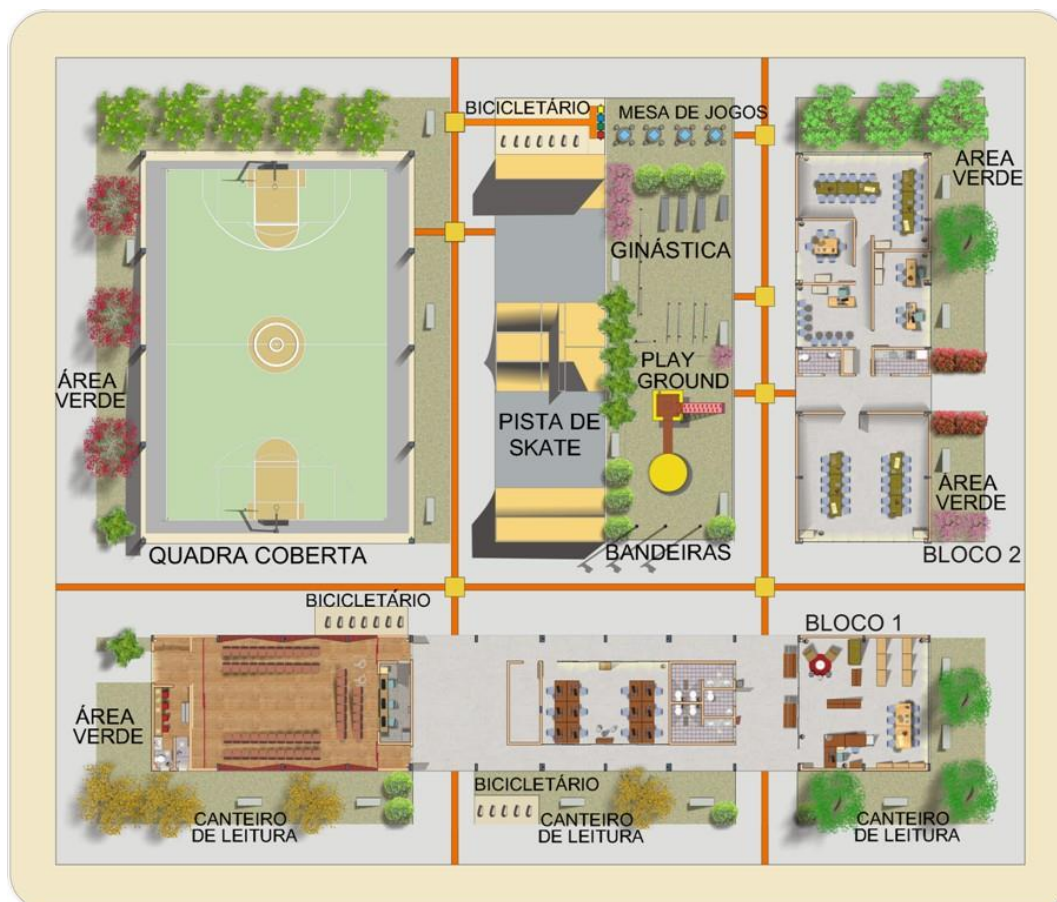
Em um mesmo espaço de Praça CEU, é possível encontrar ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital. Por meio da parceria entre União e municípios, estão sendo construídos 357 CEUs, com unidades já inauguradas nas cinco regiões do país. A gestão das Praças CEUs é compartilhada entre as prefeituras e a comunidade, com

a formação de um Grupo Gestor, que fica encarregado de criar um Plano de Gestão, e também conceber o uso e programação dos equipamentos (BRASÍLIA, 2014, p.5).

Os projetos arquitetônicos de referência dos CEUs foram desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar que concebeu três modelos do equipamento, previstos para terrenos com dimensões mínimas de 700 m², 3.000 m² e 7.000m².

Esse modelo de Praça CEU localizada em Cambé, é o modelo médio de 3.000 m², para esse modelo de acordo com informações do site: ceus.cultura.gov.br, são disponibilizados pela União um investimento de cerca de R\$ 2,02 milhões. É um espaço que conta com uma Biblioteca, um cineteatro (60 lugares), uma quadra coberta, playground, pista de caminhada, laboratório multimídia, salas de oficinas, espaços multiuso, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), além de pista de skate. Podemos analisar na planta (conforme a figura 5), modelo para 3.000 m².

Figura 5 - Planta baixa humanizada do modelo Praça CEU de 3.000 m².

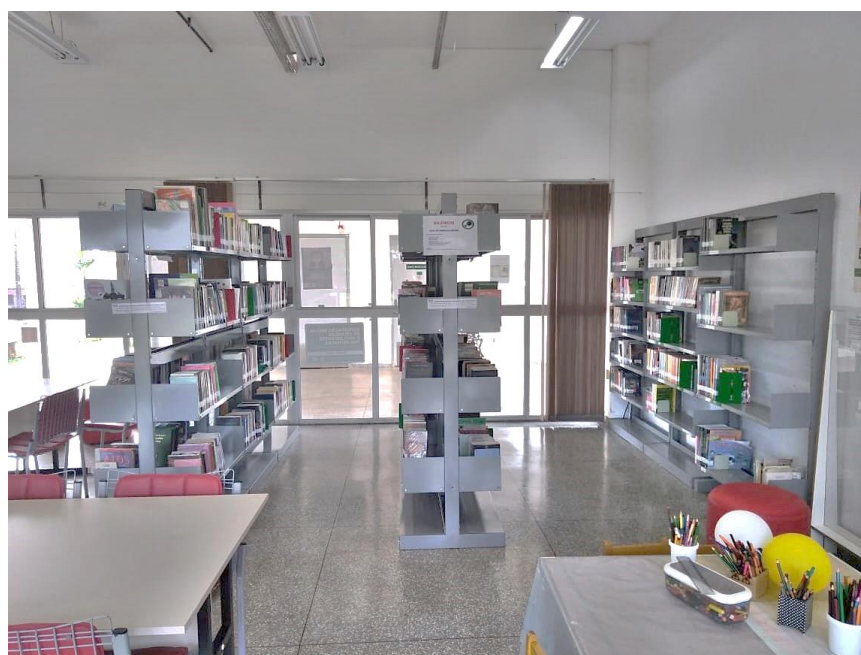


Fonte: Página Estação Cidadania - Cultura¹¹

¹¹ Disponível em: < <http://estacao.cultura.gov.br/>. Acesso em 13 de nov. 2019.

A Biblioteca da Praça CEU fica localizada no bloco 1, canto inferior na direita da planta. É um espaço destinado ao atendimento, por meio do seu empréstimo e consulta do seu acervo, dos diferentes interesses de leitura e informação da comunidade, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e à cultura. Além do acesso e empréstimo do acervo catalogado, que chega a 5.000 exemplares, as Bibliotecas também recebem atividades como Hora do Conto, oficinas literárias, debates com a comunidade, entre outra forma para despertar o interesse pela leitura e produção de textos. A organização da Biblioteca é realizada pela Gestora do Centro, pois a Biblioteca não conta com uma bibliotecária no momento. Portanto, os dois campos de pesquisas não possuem um bibliotecário atuando no local. A Biblioteca municipal de Cambé, envia uma bibliotecária quinzenalmente que cataloga os livros, organiza nas estantes, verifica os empréstimos, mas após a conferência fica a cargo da Gestora do Centro manter os livros organizados, realizar os empréstimos e receber as voluntárias e o público do Projeto “Era uma vez...” aos sábados, projeto esse de extensão da escola municipal do bairro. Podemos observar nas figuras abaixo a organização da Biblioteca.

Figura 6 - Biblioteca campo Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Observando que os alunos que frequentam a escola passaram a se sentir motivados à leitura, houve-se a necessidade de estender o projeto da escola para a comunidade, ideia essa da Professora Regente do 1º ano, a mesma turma na qual foi realizada a pesquisa com o questionário dos participantes.

É na Biblioteca da Praça CEU, que acontece a Hora do Conto para a comunidade, que além da professora, conta com o apoio de outras voluntárias que também realizam a Hora do Conto, ou seja, o trabalho desta pesquisa surgiu diante de uma possibilidade de investigar a prática de leitura desenvolvida por uma professora, apontando as relações presentes em suas ações e concepções.

Buscamos encontrar em uma escola pública de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e um Centro de Artes e Esportes Unificados, denominado Praça CEU, informações para compreender de que forma isso ocorre, e identificar a ação docente e as práticas pedagógicas que contribuem para uma apropriação da leitura, assim como identificar também possíveis dificuldades no processo de formação de leitores.

O projeto “Era uma vez...” é realizado quinzenalmente aos sábados às 16h, na Biblioteca da Praça CEU, no Jardim Alvorada, em Cambé. E sua divulgação acontece na escola, na Biblioteca e na página do Facebook da Praça CEU. Em entrevista ao *Jornal Pretexto* (2018), a professora relata sobre a importância do projeto:

O intuito não é a quantidade, mas qualidade e conscientizar os pais e, também as crianças de que a leitura não é algo específico da escola, mas, sim da vida do ser humano. Muitas crianças que vêm, acompanhadas dos pais, participar no projeto são da escola [Alvorada], porque a instituição faz parte do bairro, mas além delas a gente são “pescando” as crianças que estão na quadra, no parquinho [da praça CEU]. (RIBEIRO, *Jornal Pretexto*, 2018).

Diante dos dizeres da professora voluntária, percebe-se a preocupação em realizar um excelente trabalho mesma que seja para uma criança telespectadora, realizado de maneira voluntariada e com ajuda de outros professores que se propuseram a participar. Porém, deixamos aqui um questionamento, o centro recebe verbas para a contratação de oficinairos, dispõe de um espaço grande, aconchegante, Biblioteca repleta de livros, por que é necessário uma professora se sensibilizar com uma atividade que deveria estar na grade do centro como atividade permanente? Ao questionar a Gestora da CEU, ela informa que é disponibilizada

uma bibliotecária, mas que trabalha na Biblioteca Pública da cidade e atende simultaneamente à demanda da Praça CEU. Essa bibliotecária faz a catalogação e organização das obras literárias nas prateleiras, porém como está em atividade em dois espaços, não consegue realizar maiores ações na Praça CEU, já que a Biblioteca Municipal demanda de muito mais trabalho. Assim, as ações que ocorrem na Praça CEU, são organizadas pela Gestora do espaço que realiza convites para a comunidade se engajar nas atividades da Praça.

No levantamento realizado na base do Google Acadêmico mencionado no Estado da Arte, encontramos um trabalho denominado “Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (ceus): a construção de uma cultura comum”, que aborda o modelo de Biblioteca da Praça CEU, que é vista como dispositivo informacional e cultural, insere um novo conceito de Biblioteca no Brasil, já que está voltado para a apropriação cultural, cuja lógica é de experimentação ou experimentação do saber, em que os sujeitos autônomos são aqueles que se orientam no dispositivo. Dessa forma, tira o dispositivo de uma condição instrumental em que sempre esteve, até mesmo para a Biblioteconomia, e o coloca como algo que é ao mesmo tempo meio e mensagem, que pode tanto se ligar ao consumo como à produção de significados (LEMOS, 2013).

A pesquisadora buscou no decorrer das seções, apresentar a relação da leitura na sociedade, no trabalho e na educação, como também apresentar os campos: espaço formal e espaço não formal para a realização da pesquisa. Na última seção, que vem a seguir, serão apresentados os dados coletados de forma a compor o cenário dos participantes e buscar a reflexão de como ocorre a atividade de leitura nestes dois campos selecionados.

4 A PRÁXIS EFETIVADA: A OBSERVAÇÃO, INTERVENÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Para a escrita desta seção, utilizamos além de aportes teóricos que orientaram a pesquisa como também dados produzidos por meio de observação, intervenção e análises do questionário dos campos selecionados, em que foi possível entender melhor o objeto de estudo, acompanhar a transformação dos sujeitos e perceber as aproximações e distanciamentos entre os campos.

Como apresentado anteriormente os procedimentos da pesquisa foram divididos em 12 (doze) fases que dizem respeito aos processos que vão desde a pesquisa bibliográfica, as coletas e as análises. (1) Coleta de assinaturas da: Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição Co-Participante; (2) A aprovação do Comitê de Ética do projeto de pesquisa; (3) Envio e coleta do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) durante o período de 3 dias; (4) Levantamento da leitura na sociedade atual; (5) Análise estatística dos Centros de Artes e Esportes Unificados; (6) Análise do IDEB na instituição, contexto da escola; (7) Realizou-se o levantamento da ação docente, caracterização da escola e do Centro de Artes e Esportes Unificados; (8) Aplicação e análise de questionário para os participantes da pesquisa, que foi respondido em sala de aula/escola e Biblioteca/CEU individualmente composto por 5 perguntas relacionadas as impressões dos participantes diante da leitura. Assim como a participante/responsável também respondeu a um questionário com 5 perguntas; (9) Constitui-se de seleções de obras literárias para as intervenções realizadas nos dois campos escola/CEU.

Para a continuação da pesquisa, foram realizadas (10) as intervenções. Após, houve a aplicação e análise de questionário para as crianças, que foi respondido em sala de aula/escola e Biblioteca/CEU individualmente composto por 5 perguntas relacionadas às impressões das crianças diante a leitura. Assim como a professora/responsável também respondeu a um questionário com 5 perguntas, após as intervenções realizadas, como (11); E para finalizar, como (12) Análise dos resultados dos projetos de intervenção, comparação e análise dos dizeres no questionário.

Vásquez (1985, p.24) aponta o pensamento de Marx como “uma concepção estruturalista da história”, pois ele contempla as realidades sociais como totalidades,

assim se uma parte é alterada, muda-se o todo. Para isso, é necessário estudar os vínculos do todo com suas partes, ter um conhecimento da realidade, do objeto em transformação, conhecimento dos meios e antecipação dos resultados que se pretende atingir. Vásquez infere que o marxismo é originariamente uma filosofia da práxis, “não só porque brinda a reflexão filosófica com um novo objeto mas sim especialmente por ‘quando do que se trata é de transformar o mundo’ forma parte como teoria, do processo de transformação do real.” (VÁSQUEZ, 1980, p.12)

A Práxis, como afirma Vásquez (1980), é uma atividade prática que faz e se refaz as coisas, ou seja, transmuta uma matéria ou situação. Apresentamos aqui a práxis efetivada das observações, intervenções e análises do questionário da pesquisa, resultado de um próprio movimento do conhecimento, no qual parte-se do concreto, transformação dos conhecimentos, dos dados identificados nos campos, em que se apontam saídas para o incentivo pela leitura dos participantes. A busca por esses campos de pesquisa realizou-se no intuito de ter uma visão externa do contexto, identificando determinantes sociais, para que se possa ter um olhar diferenciado sobre a leitura crítica dos participantes. Por isso, a análise busca observar a realidade da aplicação do questionário em sala de aula e na Biblioteca, no qual foram considerados, a recepção dos participantes e o trabalho docente da professora.

Para realizar as análises desse questionário; foi necessário observar nos discursos dos participantes, as considerações dos participantes diante da atividade de leitura, denominada Hora do Conto, pois sabemos que a linguagem é resultado da comunicação verbal entre os sujeitos (BAKHTIN, 2006), ou seja, a associação por meio dos interlocutores funda a linguagem. A linguagem deve ser vista, na atitude responsiva do outro e, assim, deve ser concebida a partir de sua essência sócio-histórica. Desse modo, para Bakhtin (2006), a concepção de linguagem deriva do pensamento de que o sujeito se constrói na medida que convive com o outro, à medida que se relaciona com o outro.

Por assim, entende-se que a linguagem não é acabada, a língua é viva e se transforma a todo instante, não podendo ser separada do fluxo da comunicação verbal. Segundo Bakhtin (2006), a língua está vinculada a um conteúdo ideológico e, sendo assim, seus signos tornam-se flexíveis, mutáveis, históricos e polissêmicos. A língua está em constante atualização porque se renova, se constrói e se reconstrói

nas relações sociais. A âmago da língua é a interação verbal entre falantes, consumada pelas enunciações.

A língua resulta das relações dialógicas dos enunciados, pois o enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. Todo enunciado busca uma resposta, uma atitude responsiva do outro. O locutor dá forma ao seu enunciado a partir do ponto de vista do outro. Desse modo, a palavra é o espaço compartilhado pelo expedidor e pelo destinatário (BAKHTIN, 2006). Sabendo disso, apresenta-se aqui, alguns discursos narrativos de caráter dialógico, respondidos em questionário pela professora regente idealizadora do projeto Era uma vez..., que acontece nos campos selecionados.

Quadro 3 - Questionário professora regente.

| | |
|---|---|
| 1) Como você interage com as crianças em relação à leitura? | Eu proponho momentos de leitura dentro e fora do ambiente escolar. |
| 2) Como você julga o desempenho das crianças em relação à leitura? | Elas estão na fase de descobrimento. Estão na expectativa da “leitura”. |
| 3) Você percebe iniciativa das crianças em procurar material de leitura? Como isso se manifesta? | Sim. Interesse em ir até a biblioteca, pedem para ler títulos e querem levá-los para casa. |
| 4) Quais livros as crianças procuram mais e pedem na Hora do Conto? (Ação, aventura, ciência, poesia, comédia...) | Aventura e comédia. |
| 5) O que você julga necessário para motivar as crianças a lerem mais? | A prática da leitura por parte de um adulto; Oferta de títulos/ acervo; Possibilidade de acesso; Visitas frequentes à biblioteca; Liberdade de escolha do título. |

Fonte: O autor (2019)

Para as questões “Como você interage com as crianças em relação à leitura?” e “Como você julga o desempenho das crianças em relação à leitura?” a professora utiliza a palavra “proponho”, o que nos dá condições para se pensar que é realizado em comum acordo, de forma democrática, apresenta como opção. Quando menciona “dentro e fora” está se referindo ao projeto como extensão, ao sair da escola e ir para a praça CEU, executando de forma voluntária. Nesses momentos de

leitura realiza a atividade Hora do Conto. Em relação ao desempenho das crianças, considera que estão na fase de descobrimento. Cabe ressaltar, que se trata de uma turma de 1º ano, a expectativa ocorre por estarem na fase do letramento, portanto querem ler todos os livros apresentados pela professora.

Relacionando com as questões anteriores, percebe-se o nível de interesse das crianças, a busca por livros que os amigos já leram, livros que a professora fez a mediação em sala, livros contados na Hora do Conto, que são sempre disputados na Biblioteca. Se empolgam com o livro e levam para a casa, observa-se que a procura é por livros de aventura e comédia, o que se comprova na resposta dos alunos ao questionário proposto pela pesquisadora.

Já na questão “O que você julga necessário para motivar as crianças a lerem mais?” ela partilha suas ideias, apresenta alternativas interessantes, que podem auxiliar o desenvolvimento e criar na criança a necessidade pela leitura. Evidencia o papel do mediador, a representação de um adulto leitor como exemplo. Menciona a possibilidade de acesso aos campos selecionados que possuem uma grande oferta de títulos. Em relação ao acesso e visitas à Biblioteca, na escola acontece uma vez na semana, com horário dividido por turmas. Quando realizado na Biblioteca pública, necessitam da participação efetiva de um familiar, pelo fato de estar longe de casa.

A liberdade de escolha do título está no fato de livros tratarem de temas sobre morte, luto, tristeza, e que muitas vezes são retirados das estantes, porém a criança não pode ficar marginalizada a esses sentimentos, faz se necessário ofertar para essas crianças sugestões em forma simbólica, para que elas possam lidar com esses sentimentos. “Exatamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar.” (BETTELHEIM,1980, p. 13).

4.1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES DA HORA DO CONTO

A Hora do Conto destina-se à atividade de ler e contar histórias de forma alegre, envolvente e agradável, a fim de fomentar a leitura na escola, ajudar no amadurecimento intelectual e moral de novos leitores. Nas instituições escolares, mais precisamente na rede municipal de Cambé, onde ocorreu esta pesquisa, a Hora do Conto é uma atividade permanente na rotina da escola, como podemos

observar no Currículo para a Rede Pública Municipal de Ensino de Cambé (CAMBÉ, 2016, p.507), citada em Leitura Diária,

Desenvolver atividades diárias relacionadas a um projeto de leitura proposto em sala ou planejado para toda a escola; propor atividades sequenciadas de leitura sobre um determinado gênero; estabelecer atividade permanente como “Hora do conto”, curiosidades, roda de leitores, outros; propor atividade escrita como resenhas, resumos, recontos etc.

Observamos que a Hora do Conto é encontrada no Currículo como Leitura Diária, porém ela acontece nas escolas para todos os alunos, uma vez na semana. Ainda com certa resistência por parte dos professores da rede em realizar a Hora do Conto, por ficarem envergonhados, por falta de formação continuada acerca da Hora do Conto, apontam que não dominam a arte da leitura e contação, entre as demais coisas, a exemplo de estar atrelada a própria fragilidade conceitual e da importância que se dá a Hora do Conto, posto que ainda pela questão das histórias servirem como pretexto para atividades de escolarização. Mesmo que no Currículo (CAMBÉ, 2016, p.508) aponte a necessidade de que a leitura seja prática, “sistemizada no contexto de sala de aula e orientada para fora dela, [...] que possa ser objeto de discussão e reflexão sobre língua/linguagem e que o processo interativo entre leitor e texto envolva a presença de um leitor ativo, capaz de ler de forma crítica e transformadora.”

Segundo Saviani (2013), o significado da palavra ‘Pedagogia’, vai além da condução do aluno ao saber, pois muitas das conquistas psíquicas do ser humano são provocadas no ambiente escolar, na mediação do professor, mediação essa que necessita estar relacionada as práticas de leitura também. O leitor iniciante precisa observar nos adultos essa necessidade pela leitura, observar seu professor realizando o ato de ler. Para que aconteça uma mediação efetiva, o adulto necessita ir em busca dessa arte da contação, mesmo que a criança já seja alfabetizada, pois a leitura compartilhada fortalece o vínculo, afeto e reflexões críticas entre adultos e crianças.

Como afirma Leontiev (2004, p.285), “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento da sociedade humana”.

Para de fato o ser humano se apropriar desse legado, no qual estão acumulados os conhecimentos que a sociedade acumulou acerca da história, pelas gerações precedentes, o ser humano necessita de ações mediadas, essencialmente por meio da educação, ainda para o autor supracitado,

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas estão aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, menos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação (2004, p. 290).

O momento da história é um espaço responsável pelo armazenamento e disseminação de histórias, integrando-se com o mediador que por meio da palavra, instrumentos, signos e mediadores repassa o conto até o leitor. A Hora do Conto é ofertada na escola uma vez na semana, nas sextas-feiras nos dois períodos, matutino e vespertino. A escolha por observar no período vespertino, deu-se pelo fato de acompanhar a turma de 1º ano da professora regente. Já na Biblioteca da Praça CEU, ela acontece quinzenalmente aos sábados, no período da tarde. Com intuito de apresentar essa atividade de Hora do Conto, apresentamos aqui os aspectos da coleta de dados da pesquisa que ocorreu por meio das observações de contação de histórias nos campos selecionados: Escola e Biblioteca da Praça CEU.

O período de observação nos campos aconteceu entre o dia 17/08/2018 a 01/09/2018. Podendo ser observadas três Horas do Conto na escola, e apenas uma na Biblioteca da Praça CEU. Importante ressaltar que a Hora do Conto acontece quinzenalmente na CEU, pois é realizada por voluntárias do projeto “Era uma vez...”.

4.1.1 Observação da Hora do Conto na Escola

No dia dezessete de agosto, foi possível realizar a primeira observação da Hora do Conto na escola, no período vespertino. A Hora do Conto é realizada para todas as turmas, podendo ser contada por professores, funcionários e alunos, respeitando um calendário de histórias, em que cada pessoa anota o dia e o livro que será apresentado na Hora do Conto. Nesse horário também acontece o show de

talentos, caso algum aluno, professor ou funcionário queira cantar, dançar, interpretar, o espaço fica livre para as apresentações, bastando ser realizada a reserva no calendário, uma forma de organizar as participações. Esse calendário encontra-se na sala dos professores, quando alguém se habilita para a Hora do Conto ou para o show de talentos avisam a coordenadora e a mesma reserva a data para a apresentação.

O pátio é organizado, delimitando um espaço com cones para os alunos se sentarem no chão. Utilizam mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio da apresentação. Enquanto os alunos aguardam o momento da Hora do Conto brincando com os jogos que são disponibilizados no pátio: xadrez, dama, bilboquê, boliche, jogos de tabuleiro... O sinal é tocado, sempre utilizam músicas com melodias conhecidas e alegres. Os recados da escola são dados, acontece um momento de oração, cantam parabéns aos aniversariantes da semana, cantam o Hino Nacional e o Hino de Cambé.

Após toda a organização, começam a Hora do Conto com a história: A parte que falta em mim - Shel Silverstein (conforme a figura 7), que foi realizada por duas professoras, a professora regente do 1º ano narrou a história, enquanto outra professora e sua filha que também é aluna da escola dramatizaram. Contou com auxílio de materiais confeccionados por elas mesmas como: formas geométricas, personagem principal e outros acessórios feitos de E.V.A e papelão.

Figura 7 - Livro utilizado na primeira observação da Hora do Conto no campo Escola.



Fonte: Página Amazon¹²

¹² Disponível em:< www.amazon.com.br>. Acesso em 13 de nov. 2019.

Depois da Hora do Conto, exploraram o sentido da história em que a personagem busca pela parte que falta nela, e que não temos que sair a procura de uma parte que falta, pois somos completos e temos que descobrir dentro da gente essa parte, que está ali guardada e precisa ser explorada. A história permitiu fazer reflexões críticas acerca do que a sociedade impõe. Coelho, (2000, p.28) aponta como a literatura alerta e transforma os sujeitos,

A pressão do processo social/cultural/ político, hoje em plena expansão (principalmente em nosso continente sul-americano), atua sobre a criação, quanto ao aspecto ideológico, e não só altera a matéria literária (em estrutura/forma/linguagem/gênero...), como transforma a possível *função* do produto literário. Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa *alertar ou transformar a consciência crítica* de seu leitor/receptor (grifo do autor).

Sabendo desse caráter que a literatura possui, de transformar criticamente esse leitor/receptor, a diretora antes de anunciar a próxima apresentação do show de talentos, aproveitou para fazer um gancho, dizendo que “a parte que falta pode ser um talento a ser descoberto por nós” a fim de transformar a consciência e permitir uma reflexão dos alunos que ali estavam. Nesse dia, um grupo de 4 meninas dançaram uma música latina. A organização da escola para essas atividades é muito bem realizada, como já é rotina da sexta-feira os alunos já ficam preparados e na expectativa. Os jogos que são disponibilizados permitem que os alunos fiquem concentrados, brincando e não correndo ou gritando no pátio. Tanto a Hora do Conto como o show de talentos são muito bem vistos pela escola, e os alunos se preparam e ensaiam para este momento.

No dia vinte e quatro de agosto, no período da tarde, foi realizada a segunda observação da Hora do Conto. Constata-se que seguem uma rotina na sexta-feira, organizam o pátio, delimitam o espaço, diretora passa os recados, cantam parabéns aos aniversariantes da semana, cantam o Hino Nacional e o Hino de Cambé. Os alunos já estão organizados em fila, então sentam-se no chão esperando o momento da história.

Nesse dia, a Hora do Conto foi realizada por uma aluna, que se inscreveu para participar da contação de histórias para seus colegas. Escolheu o livro “Um amor de família” – Ziraldo (conforme a figura 8). Dessa forma, a aluna fez a leitura da história e sua professora auxiliou segurando o microfone. Como o tema família

estava sendo muito falado na escola, visto que na semana seguinte haveria atividades destinadas as famílias, por isso o motivo da escolha desta história.

Figura 8 - Livro utilizado na segunda observação da Hora do Conto na Escola.



Fonte: Página Travessa¹³

A turma escutou a história, gargalhavam quando surgiam os personagens, e apontavam dizendo: “Meu primo é assim, bem bagunceiro! Igual a minha vó...” mostrando o quanto se viram protagonistas da história lida pela colega. A leitura literária é associada à reflexão e à imaginação. No momento em que essa aluna decide por si só realizar a Hora do Conto, ela rompe com a rotina escolar, do fazer por obrigação, por nota. Exerceu no momento da Hora do Conto, sua função social. Dessa forma, concordamos quando Lajolo destaca que

A literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 1997, p. 106).

Com a ideia de uma aluna fazer a contação de história, é possível refletir o quanto a leitura está se tornando uma necessidade nas crianças não apenas um

¹³ Disponível em:< www.travessa.com.br>. Acesso em 13 de nov. 2019.

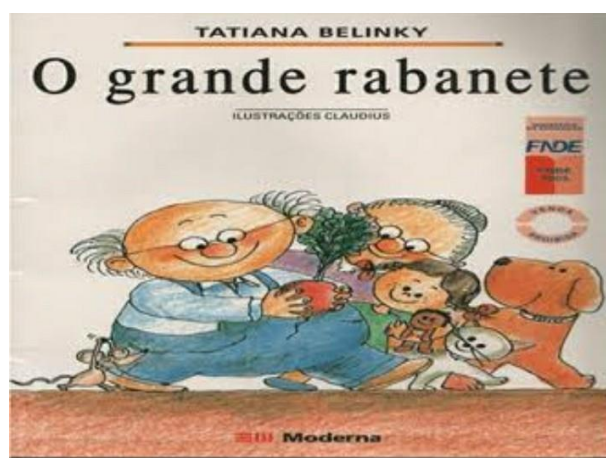
hábito ou leitura por obrigação. Encantadora essa oportunidade que ofertam aos alunos, essa iniciativa da criança e o olhar pela escolha da história.

Logo após a Hora do Conto, os alunos foram para suas respectivas salas, junto à professora regente. Assim, foi possível conhecer a turma do primeiro ano em que foi realizada a pesquisa, conversar com eles sobre o estudo, informar da participação na Hora do Conto da escola, enviar o TCLE para família, e colar um bilhete na agenda explicando a pesquisa para os responsáveis.

Já no dia trinta e um de agosto foi possível observar a terceira Hora do Conto. Essa tarde foi especial, pois contava com a presença da família dos alunos na escola, acompanhando a Hora do Conto e o Show de talentos.

De início seguiram organizando o pátio, delimitando o espaço, diretora informou dos recados, cantaram parabéns aos aniversariantes da semana, cantaram o Hino Nacional e o Hino de Cambé. Os alunos estavam organizados em fila, então sentaram-se no chão esperando o momento da história, e as famílias puderam se sentar nos bancos disponibilizados pela escola. Como se tratava de uma tarde especial, aconteceram diversas apresentações. Iniciando com a Hora do Conto do livro “O grande rabanete” – Tatiana Belinky (conforme a figura 9), mediada pela professora e interpretado por alunos. A professora mostrou o livro e comentou com todos que a turma escolheu a história pois representava união e, já que as famílias estavam presentes, seria muito importante ouvirem a história com atenção.

Figura 9 - Livro utilizado na terceira observação da Hora do Conto na Escola.



Fonte: Página Saraiva¹⁴

¹⁴ Disponível em: < www.saraiva.com.br >. Acesso em 15 de nov. 2019.

Os alunos se prepararam vestindo máscaras e com recursos que utilizariam na hora do conto. O público adorou a história, tanto pais como os alunos riram com a desenvoltura, pois dramatizaram muito bem. Os pais comentavam entre eles “é bonita a história e parte deles esse interesse de apresentar”. Nesse dia, houve muitas apresentações no Show de talentos: coreografias de ballet, street dance, alunos cantando, até uma apresentação em que pai e filho cantaram e tocaram no violão a música Asa Branca. É necessário estimular o pensamento infantil, sabemos que o apoio dos adultos auxilia na produção da imaginação e criação humana, como reitera Vigotski (2009, p.45),

[...] a imaginação da criança como está claro, não é mais rica, e sim mais pobre que a do homem adulto; ao longo do processo de desenvolvimento da criança, desenvolve-se também a sua imaginação, que atinge a sua maturidade somente na idade adulta.

Dessa forma, percebemos um equívoco na fala de muitos profissionais, vale salientar que não se trata dos participantes da pesquisa, mas de forma geral quando dizem que a criança é criativa por si só, e que na medida em que crescem vão perdendo a criatividade. Acreditamos que quanto maior o contato com as manifestações culturais, a partir das relações estabelecidas entre os pares na instituição escolar e familiar, maior será o desempenho na produção de imaginação e criatividade. Por meio dessas observações, constatamos o quanto a arte e cultura estão presentes nessa instituição escolar. O incentivo por parte dos professores e equipe pedagógica são claramente vistos e os alunos sentem a necessidade de estar presentes nas ações de arte, cultura e esporte da escola. Os pais relatam a todo momento o quanto é prazeroso estar presente nesses eventos, que a escola tem um olhar diferente para os alunos e para as famílias, e que é nesse contato família/escola que enxergam a importância de participar da vida escolar dos seus filhos e o quanto ficam motivados de ver esse trabalho bonito.

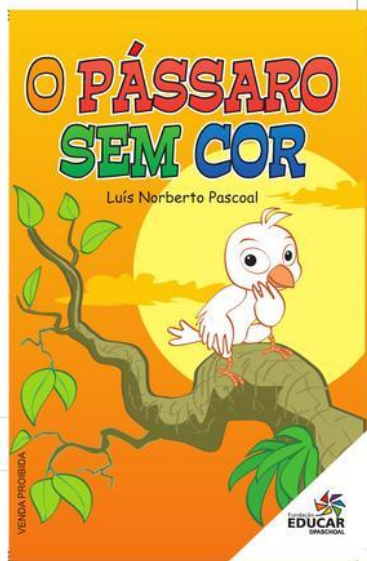
4.1.2 Observação da Hora do Conto na Praça CEU

No dia primeiro de setembro, a contadora de histórias voluntária do projeto “Era uma vez...”, realizou a contação de duas histórias: Maria vai com as outras-Silvia Orthof e Pássaro sem cor - Luiz Norberto Pascoal (conforme a figura 10), na

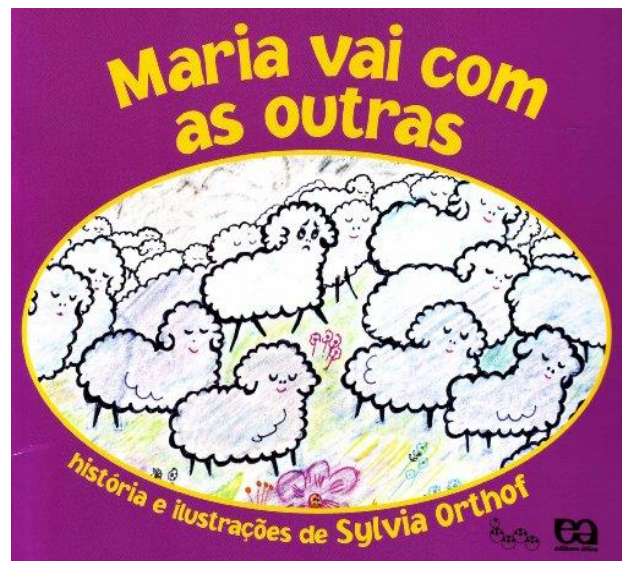
Biblioteca da Praça CEU. Antes de iniciar a história, realizou-se uma organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora. Nesse momento crianças, adolescentes e adultos, aguardaram o momento da Hora do Conto. Enquanto isso, a Pesquisadora se apresentou e informou a todos que realiza no local uma pesquisa sobre leitura, convidou os participantes para responderem a um questionário, entregou o TCLE para todos e se dispôs a tirar todas as dúvidas.

Momento da Hora do conto: A contadora voluntária tem experiência em contar histórias para crianças, já que atua na Educação Infantil. Mas, nesse dia além de crianças, contamos com a participação dos adolescentes e adultos, um público novo para a contadora, era sua primeira participação no Projeto “Era uma vez...”.

Figura 10 - Livros utilizados na observação da Hora do Conto na Praça CEU.



Fonte: Página Livraria Cultura¹⁵



Fonte: Página Skoob¹⁶

Então, a mesma se apresentou, agradeceu a participação do público e anunciou o título da história. Iniciando com a história da Maria vai com as outras, no qual foi reproduzida em formato grande com feltro. As ovelhas se deslocavam no livro, bem dinâmico, criado pela contadora em um trabalho totalmente artesanal.

¹⁵ Disponível em: < www.livrariacultura.com.br.>. Acesso em 10 de out. 2019

¹⁶ Disponível em: < www.skoob.com.br.>. Acesso em 10 de out. 2019.

Já a história de O pássaro sem cor foi reproduzida em história em lata, também criação artesanal da contadora, na qual retira os personagens da lata, ligados por uma fita, como em uma linha do tempo.

A voluntária teve como objetivo trabalhar a imaginação dos participantes, apresentando os recursos criados, que normalmente não são vistos em Biblioteca, ou seja, ela conheceu o livro, imaginou uma nova forma de apresentar a história e teve como resultado desse processo sua criação, seu recurso. No momento da Hora do Conto, ela transformou novos pensamentos movendo a imaginação e criação.

Figura 11 - Recursos utilizados pela contadora voluntária.



Fonte: O autor (2019).

Ambas as histórias foram contadas com dinamismo e entusiasmo e o público se divertia e fazia comentários. Uma criança ria quando as ovelhas pulavam do corcovado e dois adultos comentavam que “Tem muita gente que é Maria vai com as outras, principalmente nas eleições.” O que nos permite pensar no trabalho da mediadora de leitura naquele momento, que nesse ato de comunicação com o outro, proporcionou uma experiência de ler e interpretar criticamente para o exercício da cidadania. Contar histórias é algo característico do homem, pois quando nos reunimos no cotidiano relatamos sobre a vida, o que aconteceu, notícias etc.

Contar histórias é uma arte muito antiga e ela responde à necessidade humana mais profunda de manter esse relacionamento de empatia entre os indivíduos, tornando possível experimentar o que o outro experimenta e, assim, dar forma à própria experiência. Mesmo num passado remoto, quando as palavras ainda não existiam, as histórias eram contadas por meio dos olhares, da mímica, dos gestos, dos sons. Com eles se contava o

medo, as surpresas, o desejo, o desconforto, a coragem, a conquista. (RIZZOLI, 2005, p.6).

Na outra história, crianças chamavam o pássaro de indeciso, adultos pensavam que o pássaro escolheria ser branco mesmo. Percebe-se aqui o momento que o público se inquieta e processa a informação de algo que para eles era uma certeza na história.

A contadora agradeceu a participação de todos, tiraram fotos e informaram que voltariam nos próximos encontros. Como se trata de um espaço aberto, não imaginávamos quantas pessoas apareceriam ali, mas mesmo que tenha uma criança a hora do conto é realizada. Os adultos também passam na Biblioteca para ouvir histórias, adolescentes são mais resistentes, ficam envergonhados, porém quando realizamos o convite informamos que o espaço é aberto para todas as idades, podendo realizar empréstimos de livros, assim acabam aceitando o convite para a Hora do Conto.

4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Os dois campos selecionados foram acompanhados semanalmente, em que foi possível acompanhar a Hora do Conto realizadas por professoras, alunos e voluntária, explorar as Bibliotecas para conhecer os livros que se encontram no local, conversar com os professores a respeito da prática e, principalmente, com as crianças que relatam com alegria esses momentos de leitura e visita à Biblioteca. Estando inseridos nestes locais, realizou-se a aplicação de um questionário primário em que nele havia perguntas sobre a relação que os participantes possuem com a leitura.

[...] o uso do questionário como instrumento da entrevista exige alguns cuidados: que o pesquisador tenha clareza sobre as informações pretendidas expressas no planejamento rigoroso do instrumento; que as questões sejam redigidas de forma a garantir a compreensão dos entrevistados, levando-se em conta o nível social e escolar dos sujeitos e suas experiências sócio históricas [...] (TOZONI-REIS, 2005, p.42).

O mesmo questionário foi respondido pelos alunos em sala de aula e na Praça CEU, e as questões se tratava de múltiplas escolhas, tendo em vista que estão ainda no 1º ano dos Anos Iniciais. As perguntas abordaram: a importância da

leitura na sua vida; conceito de leitura; se os pais leem para você e com você em casa; A quantidade de visitas à Biblioteca; os livros que mais procuram na Biblioteca.

Na Praça CEU, aplicação do questionário aconteceu no dia primeiro de setembro, antes de começar a Hora do Conto da contadora voluntária. Realizou-se um convite aos frequentadores da Praça para participarem da pesquisa respondendo a um questionário, todos que ali estavam se propuseram a colaborar com a pesquisa, entregamos o TCLE para todos e nos dispomos a tirar todas as dúvidas.

Na escola, essa aplicação de questionário ocorreu no dia quinze de setembro, os alunos entraram na sala de aula, foram se acomodando nos lugares, retirando os materiais de dentro da bolsa. Enquanto a professora regente avisava a turma que antes de iniciar a aula, responderiam o questionário da pesquisa.

Na última observação da Hora do Conto foi apresentada à turma a pesquisa e entregue o TCLE para levarem para a casa. Dessa vez, recolhemos os TCLE assinados e entregamos um questionário para cada criança, pedindo que colocassem o nome no espaço acima, e que acompanhassem na leitura das questões. Realizamos a leitura pausadamente dando um tempo para que pensasse em qual alternativa seria marcada. Ressaltávamos, várias vezes que a resposta era pessoal e não haveria uma resposta correta. Então, colaboraram e não falaram as respostas para os colegas. Após todos responderem, recolhemos e agradecemos por terem aceitado participar. Nesse dia também, foi possível observar a aula da professora e o andamento das atividades, identificar a relação professor - aluno e organização das atividades. Possuem uma boa relação, respeitando a professora e colegas, embora muito pequenos ainda, são dedicados à aula, colaborando com o andamento da pesquisa.

Nesse momento, apresentaremos os primeiros dados obtidos por meio de questionário impresso, que foi submetido a análise acerca do contato com a leitura e transformado em gráfico por meio do *Google Forms*¹⁷, após a observação nos campos selecionados.

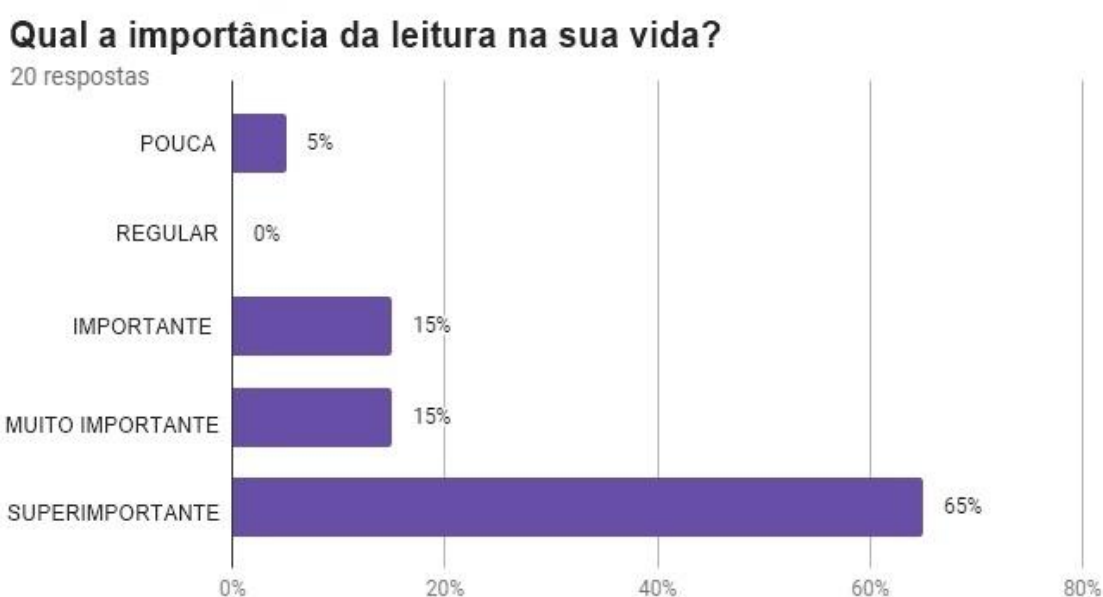
Primeiramente, na escola com vinte alunos do 1º ano, vale ressaltar que a turma possui vinte e um alunos, porém até a data da aplicação recebemos o TCLE de vinte alunos, pois um aluno havia faltado por motivos pessoais; posteriormente na

¹⁷ Serviço gratuito para criar formulários online, onde é possível produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

Biblioteca da Praça CEU com dez participantes da Hora do Conto, tratando-se de cada questão apresentada no questionário, no caso, cinco questões de múltipla escolha.

4.2.1 Questionário Escola – 20 alunos

Gráfico 1 - Importância da leitura para o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



Fonte: O autor (2019)

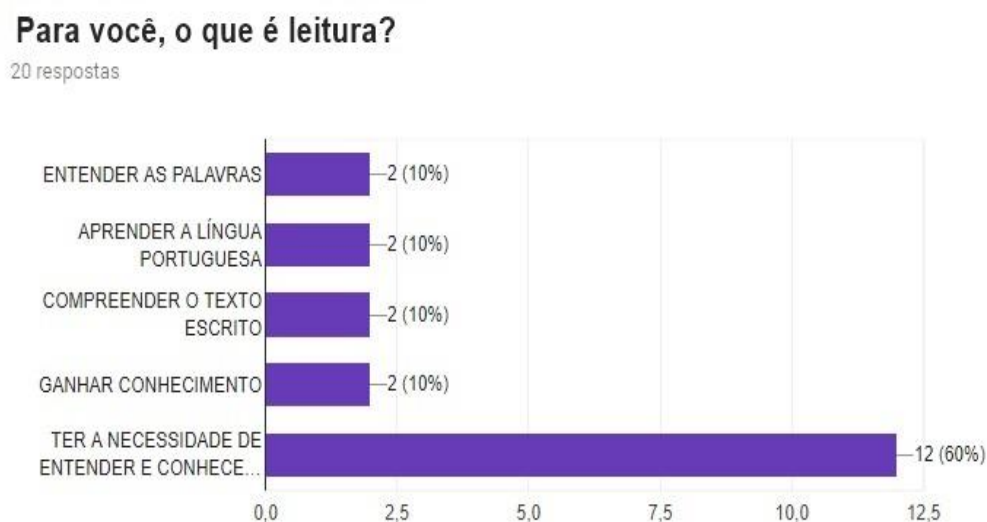
A primeira pergunta, **“Qual a importância da leitura na sua vida?”**, trata-se de uma pergunta bem direta, apresentando como alternativas: pouca, regular, importante, muito importante e superimportante. Podemos observar, que apresenta uma resposta bem significativa já de início, pois é possível observar no gráfico a seguir, que 65% dos alunos do 1º ano consideram a leitura superimportante na vida deles, e apenas 5% considera de pouca importância. Entendemos que as necessidades pela leitura desses alunos ainda estão sendo criadas a partir das vivências e experiências, e isso não está relacionado a gosto pela leitura ou hábito de ler, como afirma Arena:

Considero que não há nem hábito a ser formado, nem gosto a ser criado, nem prazer a ser desenvolvido ou despertado nas práticas das leituras. Há necessidades provocadas pelas circunstâncias criadas pelas relações entre

os homens ancoradas no conhecimento. [...] o leitor poderá ser entendido como quem sabe operar essas relações para satisfazer necessidades que ele próprio criou na interação com o outro, sejam escritos nobres ou não, sejam comercialmente consumidos ou não. (ARENA, 2003, p.60).

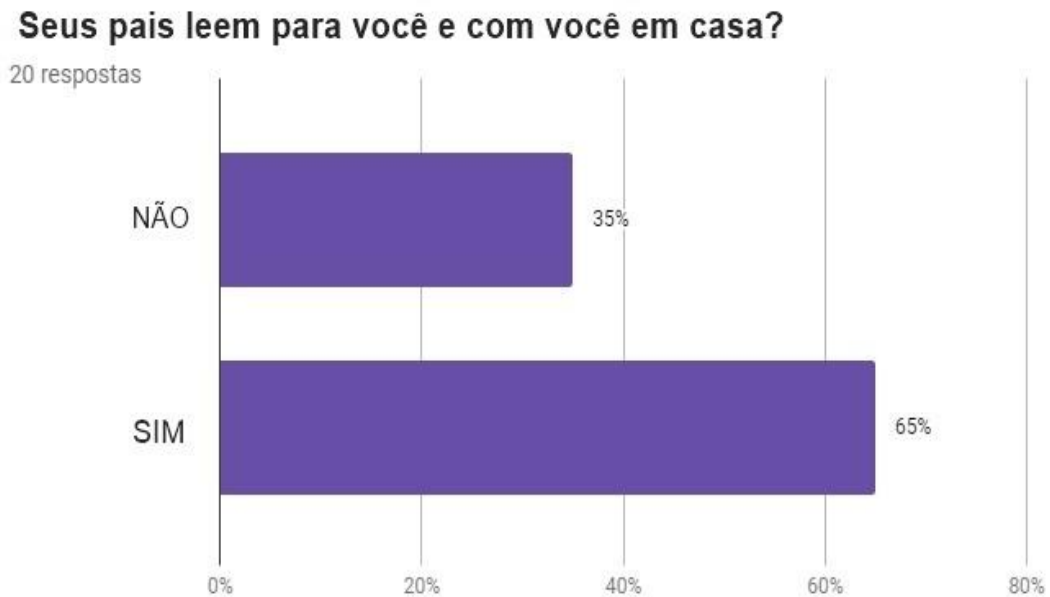
Então, como se trata de uma turma de leitores iniciantes, aqui se faz muito importante o papel do mediador, a fim provocar essas necessidades pelas leituras, satisfazer vontades que esse leitor ainda que muito pequeno, já possui.

Gráfico 2 - Conceito de leitura para o 1º ano.



Fonte: O autor (2019)

A segunda questão, se refere à pergunta: **“Para você, o que é leitura?”**, apresentando como alternativas: entender as palavras, aprender a língua portuguesa, compreender o texto escrito, ganhar conhecimento e ter a necessidade de entender e conhecer o mundo. Nessa questão, muitos tiveram a necessidade de marcar mais de uma alternativa, como uma forma de complementar a resposta. Vale ressaltar que 60% representado aqui por 12 alunos, assinalaram a opção “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo”, estabelecendo relação ao que Manguel (2000, p. 27) discorre, “ler nos ajuda a manter a coerência no caos, não a eliminá-lo [...]; a não confiar na superfície brilhante das palavras, mas a investigar a escuridão”, demonstrando um resultado do envolvimento e trabalho realizado com a leitura, Hora do Conto, visitação à Biblioteca e outros momentos a mais que possuem esse contato com a leitura, onde buscam investigar, pesquisar e conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo em que vive.

Gráfico 3 - Incentivo pela leitura.

Fonte: O autor (2019)

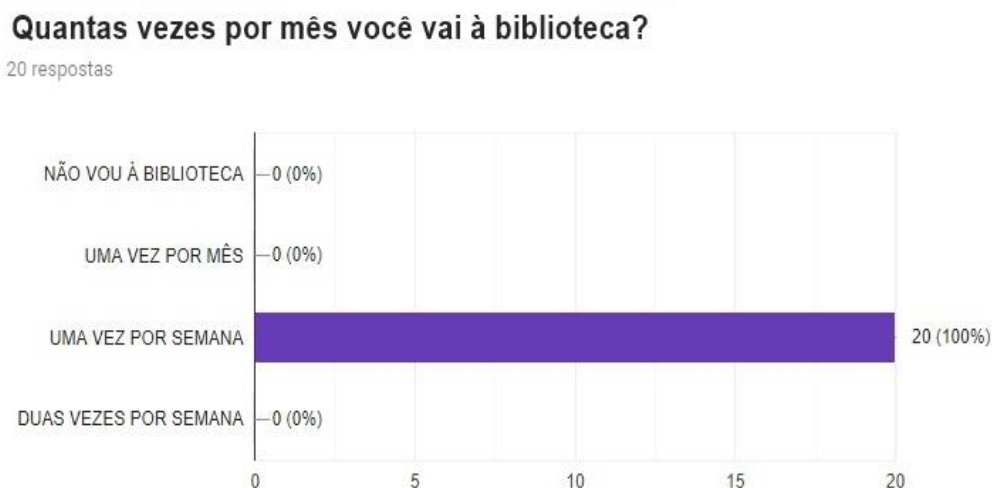
A terceira questão, aborda: **“Seus pais leem para você e com você em casa?”**, apresentando como alternativa: Sim ou Não. Algo que também nos dá condições para se pensar que o incentivo pela leitura não está sendo realizado somente na escola, pois 65% dos alunos relatam essa influência e incentivo também em casa. Complementando o trabalho realizado na escola, por meio da Hora do Conto e na relação com a leitura literária. Observe o que Aguiar (2013, p. 158) menciona:

Quanto mais intensa, a experiência de leitura, tanto maior serão seus benefícios para o sujeito. No entanto, para que isso aconteça, é necessário um movimento receptivo do próprio leitor ao texto, isto é, o ato de ler só funciona quando parte do interesse do leitor. Esse varia segundo diversos fatores pessoais e sociais, como nível socioeconômico, o ambiente em que vive, o sexo, a faixa etária, a maturidade, as experiências de leituras anteriores, entre outros.

Para tanto, fica evidente o importante papel do mediador, quando ele apresenta experiências de leituras, livros em diferentes formatos, outras obras de determinado autor... vão permitindo a esse leitor iniciante vivências literárias, criando necessidade pela leitura. No 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, período esse em os alunos se encontram, é o momento onde estão aprendendo a ler, onde necessitam ver os adultos lendo, por ser modelos para as crianças, obter

experiências de leitura, não tão somente para decodificar, mas sim para “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo” como apontaram anteriormente.

Gráfico 4 - Frequência das visitas à Biblioteca.



Fonte: O autor (2019)

A quarta questão trata-se: **“Quantas vezes por mês você vai à Biblioteca?”**, aqui todos responderam uma vez por semana, visto que a professora regente os leva para escolher livros e realizar empréstimos na Biblioteca, cada turma possui seu horário, ocorrendo uma vez na semana. Silva (2010, p. 12) disserta sobre a importância da Biblioteca que,

Deve ser entendida como pulmão da escola, oxigenando e renovando o conhecimento que circula nas salas de aula, nos colégios invisíveis, na administração e no próprio entorno da escola, entre os pais e parentes, colegas dos alunos e a comunidade na qual está inserida. A Biblioteca escolar traz o novo para dentro da escola; alimenta constantemente os seus usuários de conhecimentos.

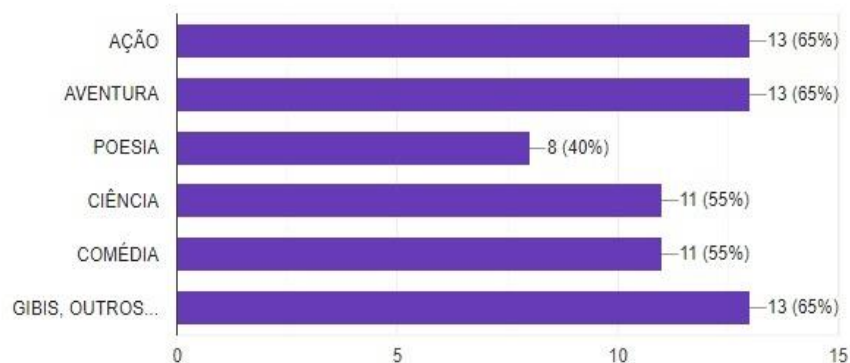
O trabalho da professora regente implica em levar esses alunos para Biblioteca, apresentar os livros e os autores, a fim de aumentar o repertório de leituras e promover a mediação, que acontece tanto por parte da professora para os alunos, como também alunos para alunos e alunos para professora. No momento em que indicam determinada leitura que fizeram, alimentando o imaginário e

transformando pensamentos. Como Meireles reitera “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (MEIRELLES, 1984, p. 32).

Gráfico 5 - Preferência por livros.

Que livros você mais procura na biblioteca?

20 respostas



Fonte: O autor (2019)

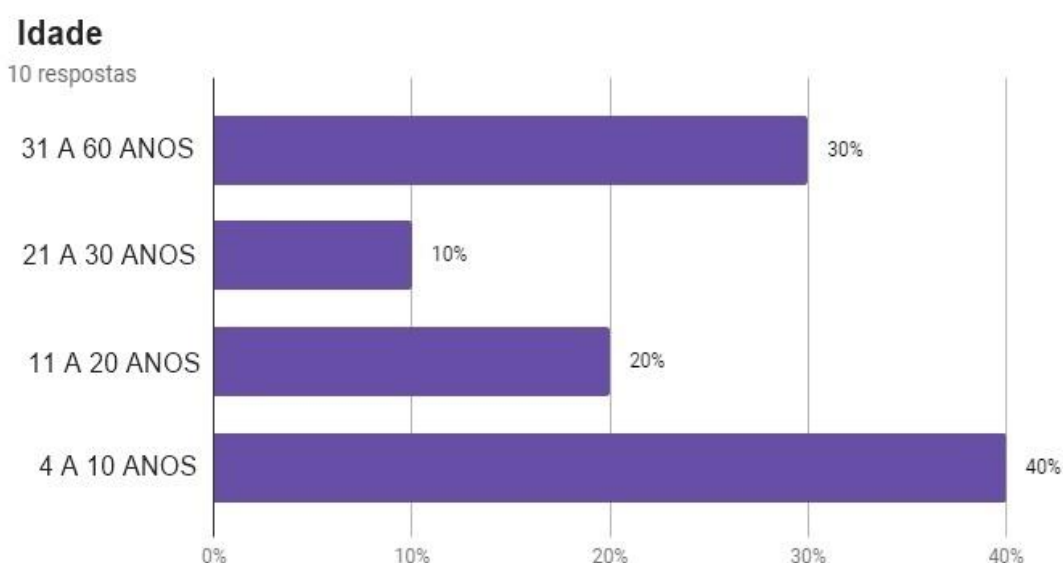
A última questão abordava: “**Que livros você procura na Biblioteca?**”, estava relacionada mais às preferências de cada aluno ao realizar suas leituras, livros que mais buscam na Biblioteca, quando realizam empréstimos. Essa questão, permitia escolher mais de uma alternativa, ficando assim Ação, Aventura, Gibis, outros... com 13 votos de preferência, Ciência e Comédia com 11 votos e Poesia com 8 votos. Soares (2006, p. 23) aborda a Biblioteca como uma instância de escolarização da literatura infantil, pois a Biblioteca é um local escolar de guarda e de acesso à literatura, um local que se constrói certa relação escolar com o livro, com organização do espaço e do tempo de acesso aos livros e à leitura, fundadora da relação posterior do aluno com a instituição social não escolar “Biblioteca”.

Sabemos que é necessário que o próprio leitor sinta a necessidade pela leitura, e não a realize por obrigação. Porém, é na atuação do mediador que ocorre o estímulo para a leitura, no momento de escolher um livro que lhe agrade, um tipo de leitura que o satisfaça, para adquirir conhecimentos sobre determinado assunto e ou recrear-se. Dessa forma, o mediador possibilita o acesso aos diversos tipos de leituras: livros de diversos gêneros, jornal, revista e oportuniza o contato com diversas obras literárias, para que tenha intimidade com a leitura e conhecimento.

4.2.2 Questionário Biblioteca da Praça CEU – 10 pessoas

No campo da Biblioteca pública foi possível contar com a participação de sujeitos de distintas idades, pois, trata-se de um espaço aberto e livre para circulação. As crianças frequentam o espaço com a companhia de um responsável. Esse diferencial para nossa pesquisa traz o ponto de vista da criança, do adolescente e dos adultos que frequentam a Biblioteca e apreciam a Hora do Conto.

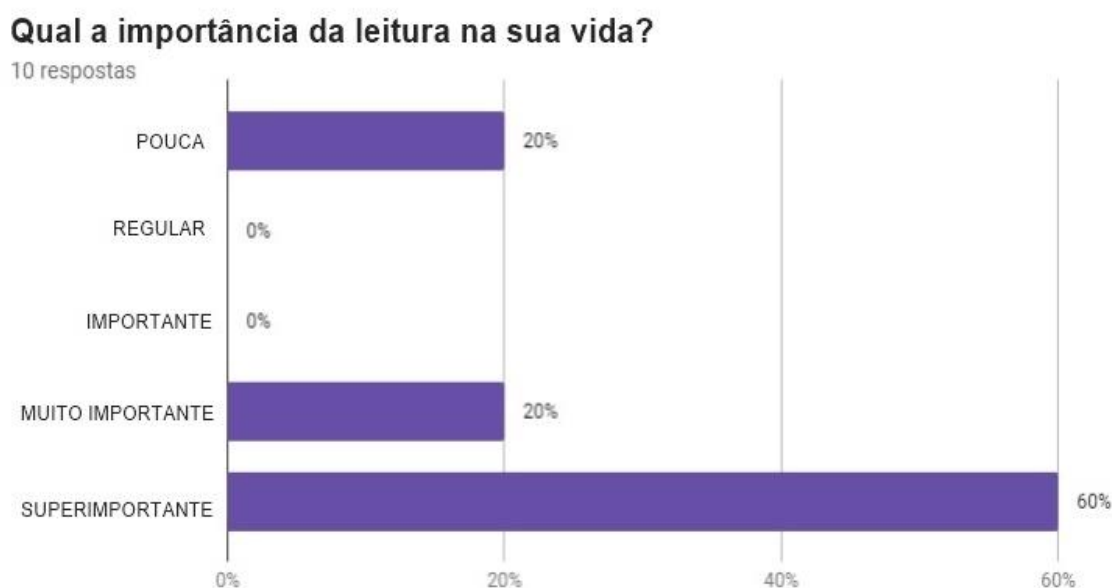
Gráfico 6 - Participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Para isso, fez-se necessário indicar as distintas idades no gráfico 6, para que o leitor tenha dimensão dos participantes da pesquisa. Constata-se abaixo, que o público de 40% é formado por crianças de 4 a 10 anos, apresentando 20% para números de adolescentes, 10% entre 21 a 30 anos e com 30% o público de 31 a 60 anos.

Gráfico 7 - Importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Na primeira pergunta, “**Qual a importância da leitura na sua vida?**”, duas pessoas assinalaram como de pouca importância e outras duas consideraram regular. Porém, seis pessoas optaram pela alternativa de superimportante. Como reitera Colomer (2002), a leitura supõe sempre ampliação da experiência, porque nos põe em contato com outras vozes que traduzem outras experiências, outras maneiras de entender a realidade na qual se inclui a visão própria. Assim, acreditamos que as vozes que circundam esse leitor, ampliam e transcendem as experiências de leitura. O reconhecimento da leitura como algo de super importância nos dá condições para se pensar nas vivências com a leitura que eles já obtiveram, sendo uma das mais ricas manifestações culturais onde o leitor cria e recria histórias, se apropriando cada vez mais da cultura humana.

Gráfico 8 - Conceito de leitura para participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Para você, o que é leitura?

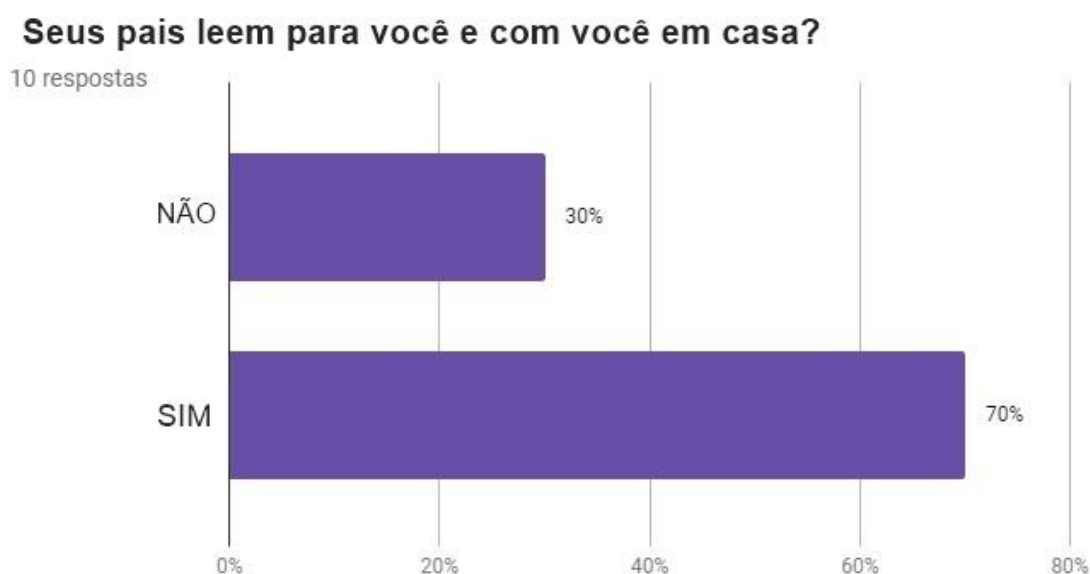
10 respostas



Fonte: O autor (2019)

Na segunda pergunta, apresentamos o resultado da pergunta: **“Para você, o que é leitura?”**, apresentando como alternativas: entender as palavras, aprender a língua portuguesa, compreender o texto escrito, ganhar conhecimento e ter a necessidade de entender e conhecer o mundo. Os participantes preferiram assinalar mais de uma alternativa. Obtendo 50% de votos as alternativas “Ganhar conhecimento” e “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo.”, “Compreender o texto escrito” obteve 20% de votos. A alternativa “Aprender a língua portuguesa” recebeu 30% de votos. Já a alternativa “Entender as palavras” teve 10% de votos. A preferência se encontra na busca de conhecimento para si, de entender e conhecer o mundo por meio da leitura.

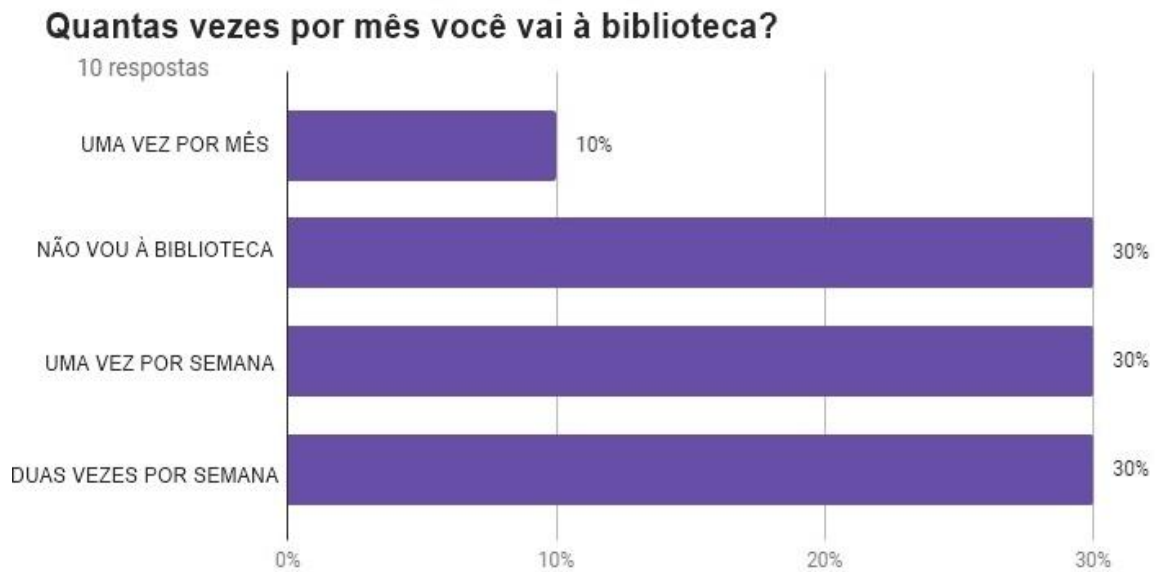
Gráfico 9 - Incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Na terceira questão, abordamos: **“Seus pais leem para você e com você em casa?”**, apresentando como alternativa: Sim ou Não. A alternativa “Sim” recebeu 70% dos votos, porém, não descartamos a possibilidade de influência na resposta, em vista da presença dos pais no momento de responder ao questionário. Queremos acreditar, que a resposta tenha sido fidedigna e que realmente esses responsáveis leem com as crianças e para as crianças.

Gráfico 10 - Visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU.

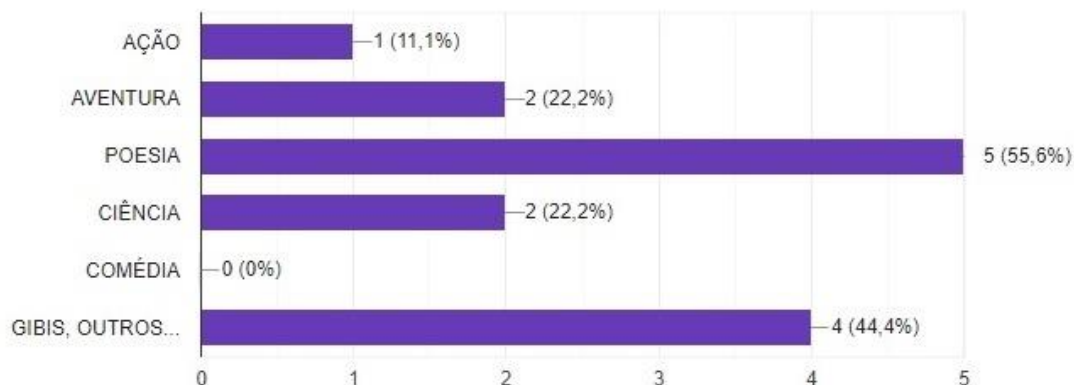


Fonte: O autor (2019)

A quarta questão trata-se: **“Quantas vezes por mês você vai à Biblioteca?”**, nesse momento percebemos a descaracterização do espaço Biblioteca. Evidenciamos que estavam dentro de uma Biblioteca pública, após a Hora do Conto, quando responderam a esse questionário. Porém, 30% responderam que não frequentam a Biblioteca. O que nos dá condições para pensar que o conceito de Biblioteca ainda está atrelado à imagem da Biblioteca escolar, não reconheceram como Biblioteca a esse espaço que possui mais de 5.000 mil livros em acervo.

Gráfico 11 - Preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU.**Que livros você procura na biblioteca?**

9 respostas

**Fonte:** O autor (2019)

A última questão abordava: **“Que livros você procura na Biblioteca?”**, estava relacionada às preferências de cada participante ao realizar suas leituras, livros que mais buscam na Biblioteca, quando realizam empréstimos. Nessa pergunta, assinalaram mais de uma alternativa, dentre as preferências. Apresentando as preferências de 5 votos por Poesia, 4 votos por Gibis, outros..., para Ciência e Aventura 2 votos, para Ação 1 voto e zero votos para Comédia.

A escolha dos leitores por determinadas obras literárias, também acontece muito pela influência de Hora do Conto realizadas, indicações dos frequentadores da Biblioteca da Praça CEU, mediadores voluntários. Observamos que após as histórias contadas os participantes perguntavam sobre o autor, se tinha outros livros parecidos, ali ficava claro o quanto o mediador de leitura é peça chave para que as atividades de leitura, como aponta Arena (2010a), possa manter uma relação dialógica histórica e cultural com o leitor. O ato de aprender a ler literatura é desafiante, estruturante, constituinte, mas mutante, estabilizante, todavia, instabilizante no processo de apropriação da cultura do literário e da língua como traço cultural.

4.3 PROJETO DE INTERVENÇÃO

Antes de iniciar os Projetos de Intervenção, a pesquisadora selecionou três obras literárias, a fim de trabalhar a dialética e determinantes sociais, analisando o todo, o movimento, a transformação, buscando a totalidade de conhecimento alcançando a compreensão da realidade por suas múltiplas conexões. Obtendo assim como pressuposto de análise a categoria dialética conteúdo e forma, que são dinâmicas e dependem das transformações históricas e sociais.

Considera-se que o conteúdo é dinâmico, mutável, formado por uma estrutura, em constante interação. A forma compõe a estrutura, a ponte que estabelece o entendimento do conteúdo. Assim, o conteúdo seria o conhecimento em si e a forma a maneira como transformá-lo em conhecimento para si (CHEPTULIN, 2004, p. 254).

Para Gamboa (1998), as categorias marxistas são dialéticas, pois apresentam em forma de pensamento a realidade mais concreta, em outras palavras, consistem na realidade em suas múltiplas determinações. Essas categorias são históricas e apresentam uma função metodológica para o movimento que vai do conhecido ao desconhecido, do concreto ao abstrato, elas não separam o homem do mundo, ao contrário, ela permite que ele, ao conhecer o desconhecido por meio delas, compreenda a sociedade em que vive e reflita sobre o contexto em que vive (MARX, 2011).

De acordo com Franco e Giroto (2017), a forma é um elemento concreto, pois é capaz de ouvir, ler e ver. Onde fixa o conteúdo e transmite, ou seja, o conteúdo fixado é carregado pela forma. Conteúdo é uma realidade imaterial, enquanto a forma é a materialidade. Conteúdo e forma são realidades concomitantes, inter-relacionadas e interativas. Nessa perspectiva, Lukács (1978, p. 182) estuda Hegel e o Materialismo Histórico e Dialético acerca da discussão da categoria forma e conteúdo:

Se bem que, desde Hegel, seja claro que forma e conteúdo se convertem incessantemente um no outro; se bem que o materialismo dialético e histórico – Indo além de Hegel – estabeleça firmemente a prioridade do conteúdo, mesmo reconhecendo a recíproca relação de conversão do conteúdo na forma e vice e versa.

Hegel (apud LUKÁCS, 1978, p. 182) reconhece que o conteúdo é converter-se da forma em conteúdo, e a forma é converter-se do conteúdo em forma. Como

aponta Duarte (2009, p. 8), por meio da relação dialética entre conteúdo e forma, “[...] a obra de arte opera [...] uma crítica à vida, leva o sujeito, no processo de fruição, a uma intensificação daquilo que em sua própria cotidianidade ele vive de forma muitas vezes fetichista e superficial”.

Nesta perspectiva, a pesquisa utilizou a categoria dialética conteúdo e forma, onde foram selecionadas três obras literárias, e posteriormente apresentadas para as crianças durante a intervenção da pesquisadora na Hora do Conto. A seleção das obras não ocorreu pelo fato de serem autores estrangeiros, foi uma coincidência, pois ao selecionar uma história para a Hora do Conto, partimos do princípio de que contador, seja o primeiro a simpatizar com a história que vai contar. Para selecionar obras, é necessário ter em mente o leitor que deseja formar, apresentar livros com qualidade, sem erros ortográficos e que não seja apenas um manual de boas maneiras. Nesse sentido “se a obra é mediadora entre o autor e o público, êste é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros”. (CANDIDO, 2006, p. 88, grifo do autor)

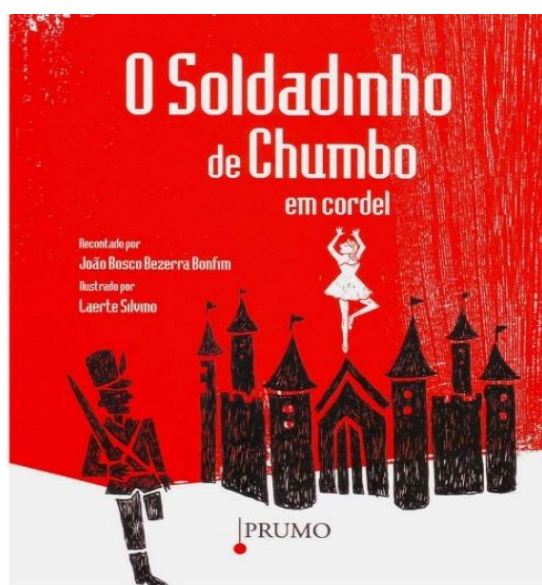
Se a história lhe comover, lhe instigar para conhecer outras obras do autor, lhe despertar sensações ao contar, algo muito bom aconteceu e nos dá condições para se pensar que os ouvintes também vão se emocionar. Outro ponto, que acreditamos que seja importante é o fato de conhecer a turma que vai ouvir a história, as características, as histórias mais requisitadas, isso ajuda muito na escolha das obras. Com objetivo de atingir o imaginário infantil, foram selecionadas obras que a pesquisadora acredita que será uma experiência significativa para a formação das crianças.

Martins (2011) aponta que não se reconhece uma imaginação verdadeiramente criativa apenas pelo conteúdo que um ser humano é capaz de imaginar, mas sim pela integração das experiências do projeto artístico às exigências objetivas da realidade, pois sem isso a obra não conquista certa materialidade ou valor artístico.

As obras literárias utilizadas foram: O Soldadinho de chumbo em Cordel - Hans Christian, uma adaptação do brasileiro João Bosco Bezerra Bonfim para o cordel do comovente conto "O soldadinho de chumbo", de Hans Christian Andersen (conforme a figura 12). A adaptação que o autor faz do conto "O soldadinho de chumbo", de Hans Christian Andersen, trata-se da paixão do Soldadinho pela

Bailarina da caixa de música ganha ainda mais graça em formato de cordel. Uma história que leva à reflexão e toca o coração dos leitores. A escolha pela obra aconteceu pelo fato de apresentar na Hora do Conto uma manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira, mais precisamente do interior nordestino, que é a Literatura de Cordel, onde “traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro [...]” (ALVES, 2013 p.38).

Figura 12 - Obra literária: O Soldadinho de Chumbo em cordel



Fonte: Página Amazon¹⁸

Para a realização das atividades de Hora do Conto no momento de intervenção, optamos por utilizar adaptação da didática de Gasparin (2012), pois possui o objetivo de apresentar um novo modo de pensar a didática aos professores. João Luiz Gasparin indaga sobre a instrução pedagógica que embasa a prática educacional. O autor apresenta uma proposta de trabalho ao educador, fornecendo-o didaticamente uma “nova forma de ensinar”. Estudo que busca associar a prática social do aluno com a teoria no propósito de melhorar as particularidades da formação do aluno. Dessa forma, Gasparin elaborou “Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica”, onde possui cinco passos que permitem que o professor pense nos conteúdos de forma diferente. Prática Social Inicial (o que os alunos e os professores já sabem); Problematização (reflexão dos principais

¹⁸ Disponível em:< www.amazon.com.br>. Acesso em 10 de out. 2019.

problemas da prática social); Instrumentalização (ações didático-pedagógicas); Catarse (nova forma de entender a prática social), finalizando com a Prática Social Final (nova proposta de ação a partir do novo conteúdo sistematizado).

O primeiro passo denomina-se prática social inicial, nessa etapa o professor apresenta os conteúdos que serão estudados e seus objetivos, como também realiza um levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos acerca do conteúdo a ser estudado. O segundo passo, denomina-se problematização, inicia-se com a identificação dos problemas apresentados no primeiro passo, com discussões dos sentidos e significados. Nesse momento, elabora-se questões problematizadoras sobre o conteúdo, levando em conta as dimensões que Gasparin apresenta, (científicas, cultural, social, conceitual, política, econômica...) (MARTINS, 2018).

A instrumentalização é o terceiro passo, aqui o professor apresenta novas formas pedagógicas aos alunos, a fim de que percebam as relações entre os conhecimentos prévios, com as problematizações. Nessa etapa, por meio da mediação, o professor transforma para o conhecimento científico. No quarto passo, encontra-se a catarse, os alunos realizam uma síntese mental, do pensamento que ele obteve após ultrapassar o conhecimento do senso comum pela apropriação do conhecimento científico (MARTINS, 2018).

No quinto passo, a prática social final, realiza-se fora da sala de aula, em momentos que muitas vezes não possuem a presença do professor, pois, serão as novas manifestações após se apropriarem do conhecimento científico, que foi ofertado durante todos os passos no processo de ensino e aprendizagem.

Constatamos que é necessário que os professores compreendam os passos e se apropriem por completo, com o objetivo de trabalhar uma prática organizada intencional, sistematicamente e transformadora. Nesta pesquisa, realizamos uma adaptação dessa didática (conforme o quadro 4), pois diferente dos conteúdos abordados em sala de aula, aplicamos obras literárias, vale salientar que não utilizamos o quinto passo, visto que desejamos trabalhar apenas a leitura e a formação e leitores.

É necessário explicitar que a organização didática de Gasparin (2012) não foi pensada para a Hora do Conto, contudo, realizamos adaptações na organização do trabalho pedagógico. No lugar das dimensões que o autor apresenta, utilizamos as

funções psíquicas, pois trata-se de um planejamento para Hora do Conto, onde trabalhamos com atenção, memória, linguagem, afeto, inteligência, entre outras.

Associado ao movimento do Materialismo Histórico-Dialético, Gasparin (2012) busca orientar e reorganizar a prática pedagógica relacionando ao saber crítico e à disseminação da produção histórica e cultural.

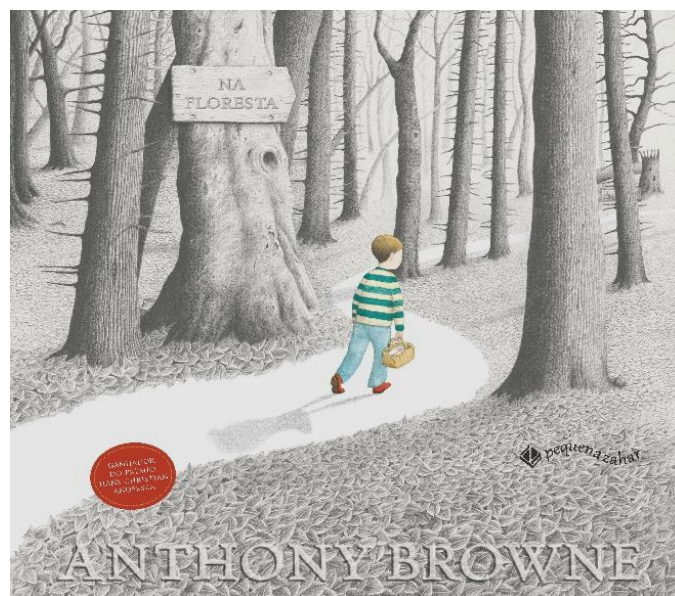
Quadro 4 - Plano da Hora do Conto: O Soldadinho de Chumbo em cordel

| | |
|---|---|
| Obra literária: | O Soldadinho de Chumbo em cordel - João Bosco Bezerra Bonfim |
| Objetivo Geral: | <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o conhecimento do mundo daqueles que ainda estão aprendendo a confrontar realidade e fantasia; |
| Objetivo específico: | <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar os conhecimentos prévios dos participantes acerca da história; • Compreender os acontecimentos da literatura do cordel, essa manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira; • Trabalhar a leitura por meio da Hora do Conto; • Trabalhar a categoria dialética conteúdo e forma; • Explorar as funções psíquicas. |
| 1º Momento Prática Inicial do Conteúdo Vivência do conteúdo | <p>Apresentação da Contadora; Anunciar a história; Mostrar a capa do livro; Perguntar: Já ouviram falar de literatura em cordel? Já conhecem essa história? Já ouviram histórias de soldados? Conhecem alguma história onde brinquedos ganham vida?</p> |
| 2º momento Problematização Discussão Funções psíquicas | <p>Levantar questões: Parece ser história de aventura, mistério, romance? Quem será o personagem principal? Quem já estudou rimas? Aguçar a todos para ouvirem a história; Cantar a canção inicial para preparar os ouvintes; Iniciar a contação. Proporcionar reflexões aos participantes para que identifiquem ações na história, explorando a atenção, afeto, linguagem, memória...: Que lugar é esse? Está perdido? O soldado gosta de quem? Está triste, sozinho...?</p> |
| 3º momento Instrumentalização Procedimentos | <p>Utilização do suporte livro, caixinha de música e figurino de ballet. No decorrer da história é possível identificar por meio do discurso dos participantes as funções psíquicas como: memória, linguagem, atenção, afetividade, consciência, raciocínio dedutivo, conduta.</p> |
| 4º momento Catarse Síntese mental do aluno | <p>Após a leitura da obra, fazer perguntas a respeito da obra para motivar uma reflexão, análise, crítica... de uma forma que apresentem uma síntese do que conheceram nesse momento. Identificando o momento de catarse desses alunos, se perceberam o ápice da história, determinantes sociais presentes, entre outras.</p> |

Fonte: Adaptado de Gasparin (2012)

A segunda obra Na floresta - Anthony Browne (conforme a figura 13), a escolha pela pesquisadora ocorreu por se tratar de um texto misterioso, atraindo a atenção para as imagens. Em Na floresta, o autor e ilustrador aborda algumas angústias infantis, como o afastamento dos pais e o enfrentamento do desconhecido. As referências aos contos de fadas estão por toda parte: na travessia da floresta para a casa da avó, nos personagens que o menino encontra pelo caminho, nos detalhes das ilustrações. Uma história de familiaridade e estranhamento, de medo e coragem, de busca e encontro. O que é real e o que é fantasia se contrastam em imagens em cor e as nuances em cinza. Surgindo no decorrer do livro pontos como histórias de suspense, contos de fadas; medos infantis, imaginação; relacionamentos familiares, amigos imaginários, solidão... entre as demais coisas.

Figura 13 - Obra literária: Na floresta.



Fonte: Página Saraiva¹⁹

¹⁹ Disponível em: < www.saraiva.com.br >. Acesso em 10 de out. 2019.

Quadro 5 - Plano da Hora do Conto: Na floresta

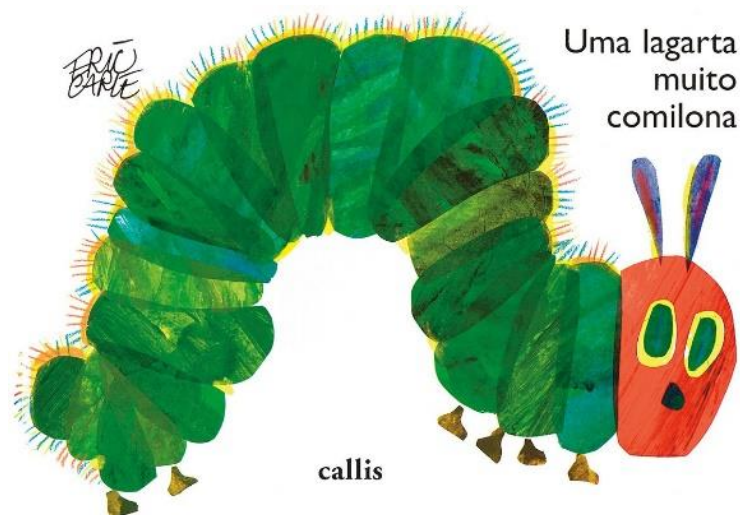
| | |
|---|---|
| Obra literária: | Na floresta - Anthony Browne |
| Objetivo Geral: | <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o conhecimento do mundo daqueles que ainda estão aprendendo a confrontar realidade e fantasia; |
| Objetivo específico: | <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar os conhecimentos prévios dos participantes acerca da história; • Compreender os acontecimentos da narrativa e identificar personagens de outras histórias; • Trabalhar a leitura por meio da Hora do Conto; • Trabalhar a categoria dialética conteúdo e forma; • Explorar as funções psíquicas. |
| 1º Momento Prática Inicial do Conteúdo Vivência do conteúdo | Apresentação da Contadora; Anunciar a história; Mostrar a capa do livro; Perguntar: Já conhecem essa história? Já ouviram histórias de florestas? |
| 2º momento Problematização Discussão Funções psíquicas | Levantar questões: O que será que tem nesse livro? Parece ser história de mistério, aventura, romance? Quem será o personagem principal? Aguçar a todos para ouvirem a história; Cantar a canção inicial para preparar os ouvintes; Iniciar a contação. Proporcionar reflexões aos participantes para que identifiquem ações na história, explorando a atenção, afeto, linguagem, memória...: Ele tem uma família? Mora na floresta? Parece estar triste ou feliz? De quem está com saudades? |
| 3º momento Instrumentalização Procedimentos | Utilização do suporte livro; No decorrer da história é possível identificar por meio do discurso dos participantes as funções psíquicas como: memória, linguagem, atenção, afetividade, consciência, raciocínio dedutivo, conduta. |
| 4º momento Catarse Síntese mental do aluno | Após a leitura da obra, fazer perguntas a respeito da obra para motivar uma reflexão, análise, crítica... de uma forma que apresentem uma síntese do que conheceram nesse momento. Identificando o momento de catarse desses alunos, se perceberam o ápice da história, determinantes sociais presentes, entre outras. |

Fonte: Adaptado de Gasparin (2012)

O terceiro livro Uma lagarta muito comilona - Eric Carle (conforme a figura 14), trata-se de um conto acumulativo, um tipo de conto que repete uma narrativa, onde alguns elementos são repetidos e outros adicionados, mas sempre respeitando a mesma ordem até o final desse conto. Uma divertida história de uma lagarta

gulosa que come de tudo. Come até as páginas do livro, Eric Carle nos mostra a semana da lagarta. Por meio de repetições, este livro ajuda a criança a memorizar os dias da semana e os números de 1 a 10. Esse tipo de história é muito requisitada na Hora do Conto, pois permite a interação dos ouvintes, como os elementos vão se repetindo os ouvintes aguardam o momento para falarem junto com a contadora, a próxima etapa da história. Fiorussi (2003) define conto como uma narrativa curta, onde não se faz rodeios, pois vai direto ao assunto. Todo enredo da história importa, cada palavra é uma pista, possui informações valiosas, cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço, tudo está cheio de significado.

Figura 14 - Obra literária: Uma lagarta muito comilona.



Fonte: Página Amazon²⁰

A seguir no Quadro 6 vemos a proposta planejada desse conto:

²⁰ Disponível em: < www.amazon.com.br >. Acesso em 16 de out. 2019.

Quadro 6 - Plano da Hora do Conto: Uma lagarta muito comilona

| | |
|---|--|
| Obra literária: | Uma lagarta muito comilona - Eric Carle |
| Objetivo Geral: | <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o conhecimento do mundo daqueles que ainda estão aprendendo a confrontar realidade e fantasia; |
| Objetivo específico: | <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar os conhecimentos prévios dos participantes acerca da história; • Compreender os acontecimentos do conto acumulativo; • Trabalhar a leitura por meio da Hora do Conto; • Trabalhar a categoria dialética conteúdo e forma; • Explorar as funções psíquicas. |
| 1º Momento Prática Inicial do Conteúdo Vivência do conteúdo | <p>Apresentação da Contadora; Anunciar a história; Apresentar o boneco LOLO; Perguntar: Já conhecem essa história? Já ouviram histórias de lagartas? Quem aqui é comilão?</p> |
| 2º momento Problematização Discussão Funções psíquicas | <p>Levantar questões: O que será que esse boneco veio fazer nessa história? Parece ser história de aventura, romance? Quem será o personagem principal? Aguçar a todos para ouvirem a história; Cantar a canção inicial para preparar os ouvintes; Iniciar a contação.</p> <p>Proporcionar reflexões aos participantes para que identifiquem ações na história, explorando a atenção, afeto, linguagem, memória...: Como é a casa dela? Mora na floresta? É triste ou feliz? Por que come tanto?</p> |
| 3º momento Instrumentalização Procedimentos | <p>Utilização do boneco para demonstrar a metamorfose; Ao decorrer da história é possível identificar por meio do discurso dos participantes as funções psíquicas como: memória, linguagem, atenção, afetividade, consciência, raciocínio dedutivo, conduta.</p> |
| 4º momento Catarse Síntese mental do aluno | <p>Após a leitura da obra, fazer perguntas a respeito da obra para motivar uma reflexão, análise, crítica... de uma forma que apresentem uma síntese do que conheceram nesse momento. Identificando o momento de catarse desses alunos, se perceberam o ápice da história, determinantes sociais presentes, entre outras.</p> |

Fonte: Adaptado de Gasparin (2012)

A fim de apresentar significados para esses participantes, e seguir a mesma linha de trabalho, elaboramos um roteiro a ser seguido durante as contações de história, como apresentado nos planos de Hora do Conto, conforme o quadro 6.

Inicia-se a Hora do Conto se apresentando, dizendo seu nome, contando que é professora, bailarina e contadora de histórias, e que esse dia foi reservado para

assistirem a uma Hora do Conto muito legal, nesse momento a pesquisadora pergunta para os participantes algo relacionado à história, exemplo: Quem aqui tem medo de trovão? Vocês conhecessem alguma floresta encantada? Sempre introduzindo algo da história antes mesmo de começá-la, assim os participantes comentam alguma situação, citam casos parecidos, levantando um conhecimento prévio de determinado assunto.

É comum na educação infantil, as crianças interromperem a história por várias vezes, querendo contar algo, se o contador fizer as perguntas antes elas já mencionarão algo sobre a história, aliviando a angústia por querer contar algo que lhe aconteceu. Porém, é evidente que não precisamos cortar o comentário de cada participante, mesmo que não se trate de alunos da Educação Infantil, mas dessa forma a história flui sem grandes interrupções. Vigotski (2018, p.18) aponta sobre essa questão de os alunos terem comportamentos distintos estando no mesmo ciclo de desenvolvimento “**o ritmo do desenvolvimento**, a sequência das etapas que a criança percorre, os prazos que são necessários para que ela passe cada etapa não coincidem com o ritmo do tempo, **não coincidem com a contagem cronológica do tempo.**” (grifo do autor) Ou seja, mesmos que os alunos estejam em uma determinada turma, poderão transitar entre um ciclo do desenvolvimento e outro.

Após os primeiros comentários, a contadora informa qual é a história escolhida, nesse momento ficam eufóricos ao anunciar o título, então a contadora avisa que tem uma canção²¹ para prepará-los para a história, e começa cantando, “[...] quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela.” (VIGOTSKI, 2009, p.22):

Quem conta um conto aumenta um ponto
Conta, canta, aumenta dois pontos
Conta, canta, conta o conto e pronto.

²¹ Essa canção é da abertura do programa Cantarolando, da contadora de histórias Carol Levy da qual serve de inspiração para muitos contadores de histórias. Unindo histórias e canções em seus shows, vídeos e programas na televisão. Carol Levy é cantora e contadora de histórias. Possui como formação o Canto lírico pelo Conservatório Pernambucano de Música e o curso de Publicidade e Propaganda. Trabalhou em agências, fazendo locuções, jingles publicitários e várias vozes para personagens de desenhos animados. Carol se interessou pela arte de contar histórias, então começou a estudar, pesquisar e ler bastante. Iniciou contando histórias para as crianças do prédio em que morava. Foi a primeira vez que Carol se uniu às crianças para contar histórias. Hoje Carol, possui muitos acessos no YouTube, já fez programa de rádio, um DVD, um CD, um programa de TV. Carol Levy, faz seus shows por todo o Brasil, cantando e contando histórias. No site da www.carollevy.com.br, é possível ouvir e assistir histórias contadas por ela na Tv, no rádio e até mesmo ouvir suas canções.

Era uma vez que já não é mais, outra vez que já não é mais.
Era uma vez que já ficou pra trás
Lá, lá, lá, lá, lá, lá
Conta, canta, conta o conto e pronto.
(Anuncia-se o nome da história).

Após a canção, inicia-se a história que pode ser contada ou realizada por mediação de leitura. Na mediação de leitura a pessoa tem o auxílio do suporte livro, na qual faz a leitura da obra literária, podendo fazer interrupções e entonações de voz. Como também a história pode ser contada, dessa forma o contador que já leu determinada história, decorou a mesma, conta de uma forma em que pode trocar as palavras, contar do seu jeito, como se estivesse contado um fato/caso para determinada pessoa, podendo acrescentar informações citadas pelos participantes, porém tomando o cuidado para manter o mesmo enredo, exemplo: “Chapeuzinho vermelho estava indo pelo caminho da floresta, contador pergunta: como é essa floresta? Participantes respondem: Escura e fria. Então acrescenta: Chapeuzinho vermelho estava indo pelo caminho da floresta escura e muito fria, quando...”.

Nessas situações os ouvintes se beneficiam da mediação da voz alheia para ter acesso à *história do livro* – como dizem as crianças, para distingui-la da *história da boca*, improvisada pelo contador – enquanto não podem entender o texto gráfico. Entre eles nascem inter-relações que transitam, sem dúvida, pelas palavras do texto, mas também por gestos e olhares, isto é, por linguagens não verbais. [...] As palavras pertencem certamente ao personagem da história, mas também à voz do “locutor” que as enuncia. A menina pode até escutar com receio as palavras “Eu vou te comer” pronunciadas não somente pelo lobo da narrativa, mas – magia da representação – oriundas também da voz masculina do mediador, acompanhada por seu olhar fixo. (BAJARD, 2010, p.23-24).

Assim, permite o envolvimento dos demais na história, o que torna tudo muito criativo e fantasioso. Após a contação de história, a contadora agradece por terem participado da história e pergunta aos participantes se gostaram da história, qual momento não gostaram ou tiveram medo. Esse momento é importante, pois terão a oportunidade de dialogar sobre as experiências e impressões que tiveram. Nota-se que aqui não se aplica uma atividade, nem de pintura, desenho ou reescrita, pois acreditamos que esse momento já vai proporcionar aos participantes da Hora do Conto percepções distintas, reconhecimento e pertencimento da história, podendo ocorrer transformações de pensamento no mesmo momento ou posteriormente, já que a arte permite representar o mundo, o homem, a vida, por meio de manifestações estéticas, com o objetivo de estimular a consciência em um ou mais

espectadores, com significados únicos e diferente. Martins (2016); cita o conceito das funções psíquicas para Vigotski (1995) que:

foi pioneiro na busca pela explicitação das origens dessas transformações, identificando primeiramente uma diferença qualitativa fulcral entre as propriedades psíquicas legadas pela natureza e transmitidas filogeneticamente e aquelas edificadas pela vida social. As primeiras ele denominou de *funções psíquicas elementares*, que pautam as respostas imediatas aos estímulos e expressam uma relação fusional entre sujeito e objeto. [...] As segundas, por sua vez, foram qualificadas como *funções psíquicas superiores*, que não resultam formadas como cômputo de dispositivos biológicos hereditários, mas das transformações condicionadas pela atividade que sustenta a relação do indivíduo com seu entorno físico e social, ou seja, resultam engendradas pelo trabalho social. (MARTINS, p.15, grifo do autor).

Então, nesses momentos em que se mantém contato com as histórias, movimenta esse pensamento, essa imaginação, uma vez que para Saccomani (2014, p.67) “imaginar significa, em primeira instância, construir a imagem antecipada do produto da atividade”, em que ocorre as manifestações de pensamento, entorno das percepções adquiridas, sentimento de pertencimento a história, assimilação das percepções além do livro, que o torna um sujeito crítico perante as situações cotidianas, transformações essas, determinadas pelas funções psíquicas superiores.

Podemos fazer uma analogia da literatura com o cinema, os dois tratam de arte, porém fica aqui um grande questionamento. Quando vamos ao cinema, escolhemos um filme dedicamos um tempo nosso para assisti-lo, porém quando saímos do cinema não há nenhuma pessoa com um papel em branco e giz de cera, pedindo que façamos um belo desenho do filme, retratando a parte que mais gostamos ou reescrevendo um final para tal história. Por qual motivo? Porque acreditamos que o filme em si, já nos proporciona reflexões, indagações, identificação com os personagens, com o espaço, vivenciando os conflitos, entre as demais coisas. Por que isso acontece após a Hora do Conto? Deixamos aqui essa reflexão a ser realizada. Pois, acreditamos no poder de uma obra, e como ela transforma uma pessoa, atribuindo grandes significados a esse leitor. Nesse sentido, Lukács (1978, p. 272) salienta um progresso para a individualidade humana, pois “[...] nenhum sujeito receptivo se encontra em face da obra de arte como *tabula rasa*.” O que acaba por revelar a importância da literatura enquanto manifestação artística, que intensifica as percepções e emoções dos leitores.

4.4 RELATO DAS INTERVENÇÕES NOS CAMPOS

Entendemos que o mediador ao preparar práticas leitoras deve estabelecer quais os objetivos desejam atingir, assim como ter a possibilidade de escolha de suas leituras, ampliando assim o diálogo, tendo um grande auxílio para a sua mediação. Nessa fase de intervenção apresenta-se “o objetivo de promover, pela ação-reflexão-ação, transformações na realidade socioambiental que investigam. Cada um com seu papel no delineamento, coletivo e participativo – democrático das investigações pretendidas.” (TOZONI-REIS, 2005, p.33)

Coelho (1990) aborda questões que deverão ser observadas pelo contador de histórias antes mesmo de se iniciar o processo de contação, como uma conversa inicial, permite conhecer o público e dar-lhes oportunidade para falar. O contador precisa ter em mente que a história é o elemento importante, ele é um transmissor, precisa acontecer com naturalidade, clareza, deixar as palavras fluírem e modular a voz de acordo com o decorrer da história. A duração da história para os pequenos poderá ser de 5 a 10 minutos, e de 15 a 20 minutos para os maiores. Outro ponto importante está na conversa após a história “não significa propor questões interpretativas e muito menos destacar a mensagem contida na história. A criança por si só percebe essa mensagem e a revela as colocações que faz.” (COELHO, 1990, p. 57)

As intervenções nos campos ocorreram entre o dia 26/10/2018 a 06/12/2018. Realizando três Horas do Conto na escola, e quatro na Biblioteca da Praça CEU. Importante ressaltar que aconteceram duas Hora do Conto no mesmo dia, a pedido da gestora da Praça CEU, uma no período matutino e outra no período vespertino, ambas a mesma história para públicos diferentes. A seguir, serão apresentados os aspectos da coleta de dados da pesquisa que ocorreu por meio das intervenções de contação de histórias nos campos selecionados: Escola e Biblioteca da Praça CEU.

4.4.1 Intervenção da Hora do Conto na Escola

No dia vinte e seis de outubro foi possível realizar a primeira intervenção da Hora do Conto na escola, no período vespertino. A Hora do Conto (conforme na figura 15), foi realizada para todas as turmas, seguindo a rotina da escola,

organização do pátio para a Hora do conto, utilização de púlpito, caixa de som, microfone e livro. Durante a organização as crianças aguardavam o momento da Hora do Conto, próximos, curiosos, chovia bastante na tarde. O sinal foi tocado, recados foram dados, houve o momento de oração de parabéns aos aniversariantes da semana. Cantaram o Hino Nacional e Hino de Cambé. A diretora anunciou no microfone que a pesquisadora faria a Hora do Conto para eles, nesse dia. Mas, também haveria um teatro após, preparado por uma professora e sua turma, uma história com o tema: Idoso, já que estavam trabalhando a semana do idoso na escola.

Assim, a pesquisadora se apresentou para escola, e também sobre a pesquisa e seus objetivos. Dessa forma, pode iniciar a Hora do Conto do livro “Na floresta” – Anthony Browne, com auxílio do púlpito para apoiar o livro ao lado e um microfone para ampliar o som ao público. Iniciando com a música, para que todos se acalmassem e assim realizasse a Hora do Conto. Todas as turmas da escola estavam sentadas ouvindo a história. Houve momentos de participações das crianças em que a pesquisadora perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura, alguns alunos falavam durante a história: “Tenho medo da floresta, sempre aparece coisa ruim”, “Ah, esse é João do pé de feijão”, “Parece a história da Chapeuzinho vermelho, já sei essa”.

Figura 15 - Momento da primeira intervenção de Hora do Conto na Escola.



Fonte: O autor (2019)

Os participantes identificaram na obra literária a categoria dialética conteúdo e forma, onde o conteúdo é dinâmico, mutável, formado por uma estrutura, em constante interação e a forma compõe essa estrutura, ela é a ponte que estabelece o entendimento do conteúdo. Por esse motivo, o conteúdo seria o conhecimento em si e a forma a maneira como transformá-lo em conhecimento para si (CHEPTULIN, 2004, p. 254).

A obra utilizada apresentava um enredo parecido com a de Chapeuzinho Vermelho e personagens de outras histórias que adentravam ao conto, tornando o livro muito atrativo aos olhos de quem conhecia os outros contos, no qual faziam referências. Nas páginas do livro (figura 16) podemos identificar personagens, objetos, casas e torres de outras histórias que ficam escondidas em segundo plano, dando ao leitor a possibilidade de explorar e identificar quais são as histórias, uma experiência muito rica em detalhes a serem descobertos. Podemos observar detalhes nas páginas como: o sapato de cristal da Cinderela, o Gato de botas fugindo, o tear da Bela Adormecida no chão, casaco da Chapeuzinho vermelho com o menino, ao fundo a torre da Rapunzel.

Figura 16 - Detalhes da página 19 da obra literária: Na floresta.



Fonte: Página Amazon²²

E na outra página aparece João e Maria em volta de uma fogueira, ao fundo temos pássaros comendo as migalhas de pão, um machado de lenhador na árvore, uma gaiola e uma casa feita de doces, detalhes esses em branco e preto que se posicionam nas páginas estrategicamente permitindo que o leitor faça uma leitura do texto e uma leitura de imagem, identificando as referências que nos remetem aos contos de fadas (Figura 17).

²² Disponível em:< www.amazon.com.br>. Acesso em 10 de nov. 2019.

Figura 17 - Detalhes da página 17 da obra literária: Na floresta.



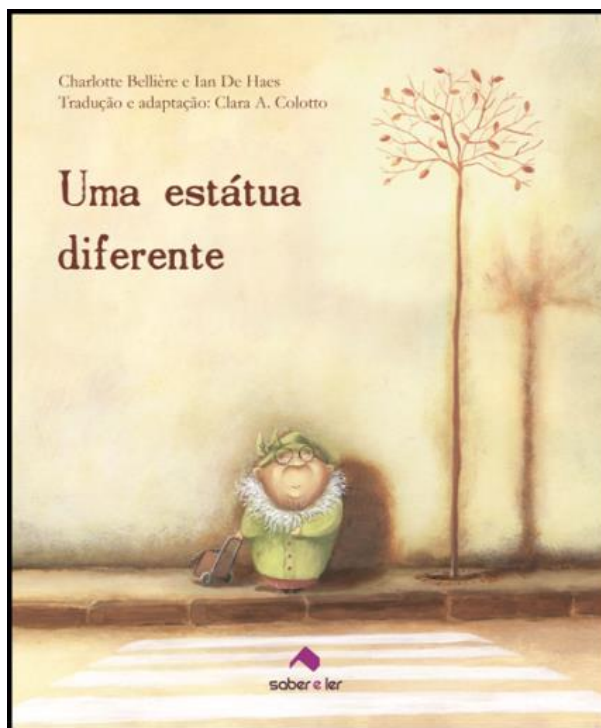
Fonte: Página Amazon²³

A história se assemelha a Chapeuzinho Vermelho, passando por outros contos de fadas, mas como trata sobre o parentesco da avó, a pesquisadora fez um gancho com o teatro que seria ali apresentado.

O texto do teatro apresentado é do livro “Uma estátua diferente” – Charlotte Belliere (conforme a figura 18), foi mediada pela professora e interpretada por alunos de sua turma, tratava-se de uma idosa moradora do andar térreo, que passava despercebida pelos outros moradores. Até que um incidente permitiu que eles a enxergassem, transformando assim, a vida de todos. Os alunos estavam se preparando para a semana do idoso que se iniciaria.

²³ Disponível em: < www.amazon.com.br >. Acesso em 10 de nov. 2019.

Figura 18 - Livro utilizado pela turma na Hora do Conto para a semana do idoso.



Fonte: Página Saraiva²⁴

A escola é bem organizada para essas atividades, como é rotina da sexta-feira os alunos ficam preparados e na expectativa. Os alunos e professores foram bem receptivos. Demonstraram estar felizes ouvindo a história, com olhares curiosos e relembrando todos os contos de fadas que na história apareciam, participando dos questionamentos sobre a história.

No dia vinte e três de novembro realizou-se a segunda intervenção no campo de pesquisa Escola. A história escolhida foi “Uma lagarta muito comilona” - Eric Carle (conforme a figura 14), diferentemente das outras duas histórias, essa não foi utilizada o suporte livro, a pesquisadora contou a história com o auxílio do boneco Lombardi (figura 19), apelidado de “Lolo” e do microfone.

²⁴ Disponível em:< www.saraiva.com.br>. Acesso em 10 de out. 2019.

gostavam de comer, nesse momento todos falaram, levantaram as mãos, gritaram, bem eufóricos para participarem, assim que todos se acalmaram pode-se concluir a história, que se tratava do percurso que uma lagarta passa até se tornar uma borboleta e com a ajuda desse boneco, foi possível apresentar essa metamorfose, de lagarta, casulo e borboleta ao final. A reação deles foi muito positiva, pois ficaram eufóricos querendo participar mais, falavam sobre as comidas que eles gostavam, que aprenderam sobre casulos na escola, que já viram uma lagarta, repletos de comentários acerca da história (Figura 20).

Figura 20 - Momento da segunda intervenção de Hora do Conto no campo Escola.



Fonte: O autor (2019)

No dia trinta de novembro realizou-se a última intervenção no campo de pesquisa Escola. A história mediada foi “O Soldadinho de Chumbo em Cordel” – João Bosco Bezerra Bonfim (figura 21). Para esta história, a pesquisadora preparou um figurino de bailarina e levou para os alunos conhecerem uma caixinha de música.

Como em todas as Horas do Conto, após o sinal, recados e Hinos cantados, as crianças aguardavam a história que seria contada. Nesse dia, em especial, o fato da pesquisadora estar com figurino de bailarina e sapatilhas de pontas, aguçou ainda mais a curiosidade e a necessidade de ouvir e assistir a história apresentada.

De início, a pesquisadora se apresentou novamente, explicou que além de contadora de histórias era bailarina. Perguntou quem queria ouvir a história, assim ficaram eufóricos levantando a mão e gritando, estavam ansiosos. Para isso, iniciou-se indagando se conheciam o cordel, se sabiam o que eram rimas, versos. Responderam que já viram, que estudaram rimas... A pesquisadora fez uma explicação do que é o Cordel, tradição do nordeste. Então, cantando a música de preparação, foi deixando-os mais calmos.

Figura 21 - Momento da terceira intervenção de Hora do Conto no campo Escola.



Fonte: O autor (2019)

O livro tratava da clássica história do Soldadinho de chumbo apaixonado pela bailarina da caixinha, porém em literatura em cordel. A história era mais longa em vista das outras, então foi preciso ir interagindo com as crianças ao decorrer da mediação de leitura, pediam para que fizessem os sons de trovões, assoprassem com o gênio da história. Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.

Após a contação, a pesquisadora agradeceu a participação e mencionou que dançaria para eles ao som de uma caixinha de música. Mostrou a caixinha, que

funcionava ao dar cordas, que dentro tinha uma bailarina que dançava. Enquanto a diretora segurava o microfone na caixinha de música, a pesquisadora bailarina dançava para a plateia, que nesse momento estava paralisada, com os olhos fixos nas sapatilhas de pontas e no figurino de tule verde (figura 22).

Figura 22 - Dança da bailarina ao som da caixinha de música.



Fonte: O autor (2019)

Ao final, as crianças aplaudiram, abraçaram a pesquisadora e perguntaram várias coisas sobre figurino, música, sapatilhas, também contaram que já viram soldados, que assistiram a danças, que faziam ballet, entre as demais experiências que queriam contar. Uma história e tantas coisas a serem exploradas, muito conhecimento a ser compartilhado e o sentimento de que foi benéfico todo o período passado naquele espaço, período significativo para os alunos/professores e para a pesquisadora que aprendeu ouvindo as histórias dos demais. Aguiar (2013, p.154) afirma, que ler é apropriar-se de um produto cultural, é entrar em contato com um objeto histórico e social, construído ideologicamente, por onde o sujeito marca sua presença no coletivo em que vive. Essa atividade de leitura propicia a expansão das experiências desse sujeito, que passa a interagir com novas ideias e sentimentos, novas formas de conceber o mundo e as relações humanas, ofertando a possibilidade de diálogo do leitor com os outros homens, levando-o a compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico.

4.4.2 Intervenção da Hora do Conto na Biblioteca da Praça CEU

No dia dezessete de novembro realizou-se a primeira intervenção no campo de pesquisa Biblioteca da Praça CEU com as histórias “Na floresta” – Anthony Browne e “Uma lagarta muito comilona” – Eric Carle. Antes de iniciar a Hora do Conto, foi realizada a organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora, para que se sentissem mais confortáveis e pudessem participar da história (figura 23).

Enquanto as crianças e adultos aguardavam o momento da Hora do Conto, a pesquisadora se apresentou e informou que realizávamos ali uma pesquisa sobre leitura, aproveitou para fazer um convite aos participantes, para que respondessem a um questionário da pesquisa, entregando o TCLE para todos e se dispôs a sanar todas as dúvidas a respeito da pesquisa. A gestora da Praça aproveitou e fez um convite as crianças e aos pais que brincavam no parque naquele momento para assistirem a Hora do Conto. Em poucos minutos já tinham ali no espaço várias pessoas esperando a Hora do Conto. Antes de iniciar a pesquisadora canta a música inicial para acalmar a todos e para que aguardem o início da história.

A primeira história, “Na floresta”, foi uma história mediada com suporte livro. A pesquisadora narrou a história, fazendo entonações de vozes, representando as personagens que surgiam, instigando ao público a participar também.

Figura 23 - Momento da primeira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Durante essa história uma criança comentou que conhecia os personagens que ali apareciam, e que já conhecia aquele capuz vermelho “AAAAh eu conheço essa história, e ela tem um lobo” ... dando risada e fazendo uma cara de que sabia como era o final da história.

Uma leitura assim – produtivamente dialógica – amplia a conscientização social da pessoa, representada por sua expressão sujeito-leitor que percebe, também por esse exercício [...] uma ampliação de suas capacidades, já que o processo de recepção se dá mesmo antes do contato do leitor com o texto. (AGUIAR, 2013, p. 148).

Ao final quando o personagem chega à casa da avó, ele faz um suspense ao mencionar que estaria na casa e, nesse momento, todos falaram que era o lobo, mostrando uma cara de medo, quando na verdade quem aparece na casa era realmente a avó, depois o pai e por último surge a mãe do menino, riram muito com o final, pois a história se assemelha à da Chapeuzinho vermelho, porém aponta uma outra ideia, mais relacionada ao medo da separação familiar.

Um livro bem rico em imagens que vão dando pistas de conto de fadas, com objetos, personagens escondidos, no fim da história foi possível chamar os participantes para observarem os detalhes do livro, as pistas, personagens escondidos nas imagens.

A segunda história (figura 24) tratava-se de “Uma minhoca muito comilona”, foi contada utilizando de um boneco (LOLO) que se transforma em diversas coisas e personagens. Se divertiam com as comidas que a lagarta podia comer, e comentaram também de guloseimas que eles gostavam de comer. Identificaram que se tratava do processo que a lagarta faz até transformar-se em borboleta e já sabiam o que era um casulo.

Figura 24 - Segunda história da primeira intervenção na Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Durante a história, interrompiam com algumas falas: “Eu já vi uma lagarta na folha de uma planta”, “Isso é o casulo, casa da lagarta”, “Daí de dentro vai sair uma borboleta”, antecipando o desfecho, o que deixava bem claro que conheciam o

processo de metamorfose. Refletir uma concepção de linguagem dialógica e interativa é reconhecer que toda ação de linguagem é realizada em conjunto, ou seja, é compreender uma “linguagem responsiva” (BAKHTIN, 2006). Consideramos que a constituição do “diálogo” é permeada por discursos que refletem as opiniões e pontos de vistas dos sujeitos sociais acerca do conto que está sendo ouvido; um discurso é permeado por vozes distintas.

Ambas as histórias foram contadas alegremente e o público se divertia e fazia comentários. A pesquisadora agradeceu a participação de todos, convidou para olharem a mala de leitura, os recursos, o boneco e o livro. Como se tratava de um espaço aberto, nunca sabemos quantas pessoas aparecerão ali, nesse dia tivemos 13 pessoas assistindo, mas mesmo que tenha uma criança a Hora do Conto é realizada. Ao final tiraram fotos e comentaram que voltariam nas próximas histórias.

A segunda intervenção, aconteceu no dia primeiro de dezembro, com a história “O Soldadinho de Chumbo em Cordel” – João Bosco Bezerra Bonfim (figura 25). Antes de começar realizamos a organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora. A pesquisadora se apresentou e informou que realiza ali uma pesquisa sobre leitura, convidou aos participantes responderem a um questionário, entregou o TCLE para todos e se dispôs a tirar todas as dúvidas.

Com auxílio do figurino de bailarina e uma caixinha de música, já que a história se trata do amor do soldadinho de chumbo pela bailarina da caixinha. A pesquisadora cantou uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pode iniciar a Hora do Conto.

Figura 25 - Momento da segunda intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

A pesquisadora perguntou se conheciam o cordel, se sabiam o que eram rimas, versos. Então, fez uma explicação do que é o Cordel, tradição do nordeste. Essa história era grande em vista das outras, então foi interagindo com as crianças ao decorrer da mediação de leitura, pedia para que fizessem os sons de trovões, assoprassem com o gênio da história. Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.

Após a contação, agradeceu a participação e mencionou que dançaria para eles ao som de uma caixinha de música. Mostrou a caixinha, que funcionava ao dar cordas, que dentro tinha uma bailarina que dançava. Deu cordas nela e dançou para as crianças em uma breve apresentação. Ficaram em silêncio durante a dança, encantados. Foi bem interativa a contação de histórias, pois ficaram eufóricos comentando sobre a bailarina, depois pediram para tirar fotos com a bailarina, ver a sapatilha de ponta, perguntaram se o figurino era apertado, deram cordas na caixinha e exploraram as imagens do livro.

No dia seis de dezembro aconteceu o terceiro dia de intervenção, com duas Horas do Conto, uma no período matutino e outra no período vespertino. O convite foi feito pela gestora da Praça CEU, pois naquele dia estavam finalizando uma

oficina de arte, e como a oficina ocorre em dois períodos, foram necessárias duas Horas do Conto, para atender o público da manhã e o público da tarde.

As histórias escolhidas para esse dia foram “Na floresta” – Anthony Brown, e o “Galo Gripado” – Denise Batista dos Santos (figuras 26 e 27), essa segunda história trata-se de um conto bem curto que leva a história de um galo teimoso que não obedecia às ordens da mãe, até que acabou ficando gripado e sem voz. É uma história bem engraçada e as crianças sempre pedem para contar mais uma vez.

Realizou-se a organização da Biblioteca de outra forma, pois dessa vez o trabalho de mediação da história seria com o auxílio da saia literária. “Somente com livros mudos e sonolentos no escuro silencioso dos espaços eventualmente abertos a leitura não nasce, porque quem a faz nascer e existir são seus leitores com a mediação dos educadores da Biblioteca” (ARENA, 2011, p. 14). A saia literária é destinada a contações para um público menor, pois permite que os participantes fiquem mais próximos, permitindo mais contato com mediadora, onde é possível explorar os comentários dos participantes que se sentam na saia da contadora para ouvir a história. Como sabíamos que se tratava de um público pequeno, foi possível organizar dessa forma. Esse recurso foi confeccionado pela pesquisadora em tecido TNT azul, com alguns apliques de nuvens e sol feitos em tecidos.

O primeiro período a Hora do Conto foi realizada às nove horas da manhã, a pesquisadora se apresentou, comentou sobre a pesquisa que realiza neste espaço. Iniciou cantando a música para que todos se acalmassem, assim pode realizar a Hora do Conto. No primeiro horário se tratava de crianças menores, que estavam ali para o último encontro da oficina da qual participam, essas crianças prestavam atenção na história, falavam de seus medos no decorrer da história, medo de se perder na floresta, medo do lobo, comentaram que era uma história que tinham personagens de outras histórias. Na floresta (figura 26), mencionavam o que poderia acontecer a seguir, encontraram personagens escondidos nas páginas do livro. A outra história contada se tratava de um galo que ficou gripado, a pesquisadora utilizou o borrifador para simular o espirro, era uma história bem curta, porém bem divertida, adoraram, depois espirraram várias vezes o borrifador, exploraram bastante, inclusive ajudaram a dobrar a saia literária no final da história.

Figura 26 - Momento da terceira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

No segundo horário as crianças estavam inquietas esperando o momento da história, ajudaram a esticar a saia, organizaram-se prontamente. Seguindo o mesmo roteiro de organização da manhã, já essa Hora do Conto aconteceu às duas horas da tarde. A pesquisadora se apresentou, enquanto isso interromperam perguntando onde ela trabalhava, de quem era aquele livro, perguntavam sobre um amigo que estava atrasado para a Hora do Conto, demonstraram bastante curiosidade, até que finalmente o amigo atrasado chegou, aí ficaram tranquilos. Então, ela cantou a música inicial, foram se acalmando, e assim ela iniciou a história “Na floresta” (figura 27), esses comentavam a todo momento sobre cada página, estavam atentos e diziam rápido de onde surgiam aqueles personagens, enxergavam nos detalhes os personagens escondidos, se remetiam a outros contos, falavam que não tinham mais medo de lobo, nem de floresta escura.

Figura 27 - Segundo momento da primeira intervenção de Hora do Conto no campo Biblioteca Praça CEU



Fonte: O autor (2019)

Na história do galo contavam que estavam com gripe porque tomaram sorvete, outros diziam que nunca ficavam doentes, mencionaram situações em que não escutar a mãe dá problema, pois ficam com gripe, febre entre outras coisas. Havia uma criança de três anos que nos disse que ela gostava de andar descalço, mas a mãe sempre brigava com ela, “Coloca a sandália, criança fica doente, por isso tinha que escutar a mãe”. Exploraram tanto o livro quanto o galo feito com o borrifador, espirraram uns nos outros, queriam saber se a pesquisadora tinha confeccionado o galo também. Foi uma participação bem curiosa e eufórica dessas crianças, nos dois horários houve momentos onde a pesquisadora perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura. Ao final ela agradeceu a participação deles e tiraram fotos para o registro da Hora do Conto.

4.5 A ÚLTIMA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE LEITURA

Os campos foram acompanhados semanalmente, em que foi possível realizar as intervenções de Hora do Conto. Ofertando para os espaços histórias que tratassem de trabalhar a categoria dialética conteúdo e forma, foram selecionadas três obras literárias e assim pode-se realizar a Hora do Contos nos dois campos de pesquisa. Assim, após as intervenções realizou-se a aplicação de um questionário final em que nele havia perguntas sobre a relação que os participantes possuem com a leitura.

O questionário foi respondido pelos alunos em sala de aula e na Praça CEU, e as questões se tratava de múltipla escolha, tendo em vista que estão ainda no 1º ano dos Anos Iniciais. As perguntas abordaram: a importância da leitura na sua vida; conceito de leitura; se os pais leem para você e com você em casa; A quantidade de visitas à Biblioteca; os livros que mais procuram na Biblioteca. Vale ressaltar, que as perguntas do questionário eram as mesmas do questionário aplicado no primeiro dia de observação nos campos, com objetivo de identificar as mudanças e transformações do pensamento ao longo da pesquisa, com as contribuições ofertadas pela pesquisadora com a intervenção de Hora do Conto.

Na Praça CEU, aplicação final do questionário aconteceu após cada intervenção realizada no espaço nos dias: dezessete de novembro, primeiro de dezembro e seis de dezembro. Realizou-se um convite aos participantes para contribuírem com a pesquisa respondendo a um questionário. Todos que ali estavam se propuseram a colaborar com a pesquisa, entregamos o TCLE para todos e nos dispomos a tirar todas as dúvidas.

Na escola, a aplicação final do questionário ocorreu no dia trinta de novembro, na última intervenção no campo escola, os alunos entraram na sala de aula, foram se acomodando nos lugares, retirando os materiais de dentro da bolsa. Enquanto a professora regente avisava a turma que antes de iniciar a aula, responderiam a outro questionário da pesquisa, lembrando do questionário aplicado no primeiro dia de observação. Os alunos perguntaram porque estavam respondendo outro igual. Então, a pesquisadora explicou que queria saber se o pensamento deles sobre leitura e Biblioteca havia mudado, porque se passaram muitos dias desde que responderam aquele primeiro questionário. Opiniões mudam,

e não tinha alternativa certa ou errada, pois as respostas deles eram pessoais, que significava que cada um tem a sua própria resposta.

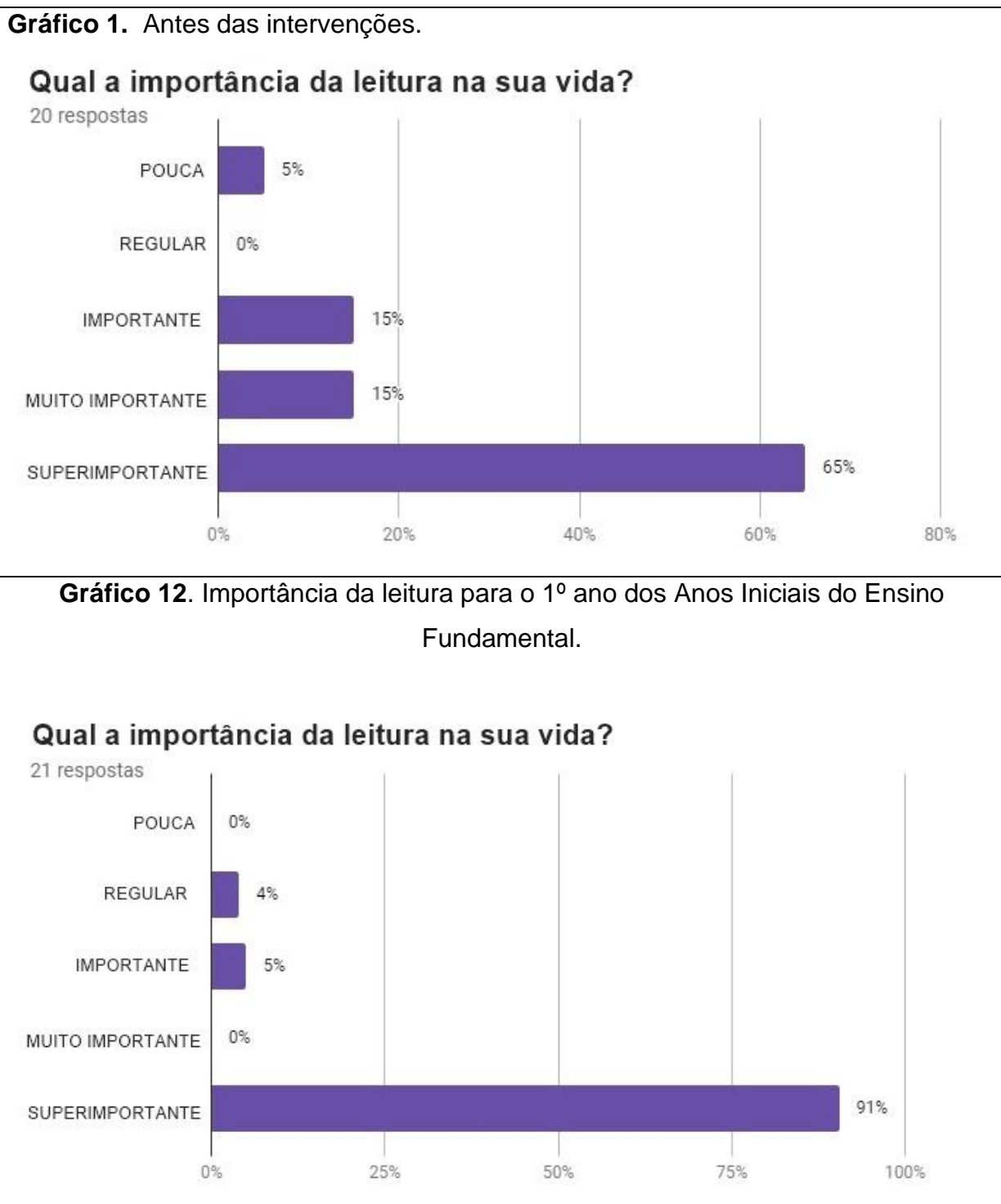
Dessa forma, entregamos um questionário para cada criança, pedimos que colocassem o nome no espaço acima, e que acompanhassem na leitura das questões. Realizamos a leitura pausadamente dando um tempo para que pensasse em qual alternativa seria marcada. Ressaltamos, várias vezes que a resposta era pessoal e não haveria uma resposta correta. Então, colaboraram e não falaram as respostas para os colegas. Após todos responderem, recolhemos e agradecemos por terem aceitado participar. A pesquisadora se despediu dos alunos, da professora regente e também da diretora, tiraram fotos para registrarem a participação da pesquisadora na escola. Os alunos embora muito pequenos ainda, são dedicados à aula e colaboraram com o andamento da pesquisa.

Nesse momento, apresentaremos os dados finais obtidos por meio de questionário impresso, que foi submetido a análise acerca do contato com a leitura e transformado em gráfico por meio do Google Forms, após as intervenções de Hora do Conto nos campos selecionados.

Primeiramente, na escola com vinte e um alunos do 1º ano, contando com a participação do aluno que não pode comparecer na primeira aplicação por motivos pessoais; posteriormente na Biblioteca da Praça CEU com vinte e cinco participantes da Hora do Conto, tratando-se de cada questão apresentada no questionário, no caso, cinco questões de múltipla escolha.

4.5.1 Questionário Escola – 21 alunos

Quadro 7 - Quadro comparativo do gráfico da importância da leitura para o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



Fonte: O autor (2019)

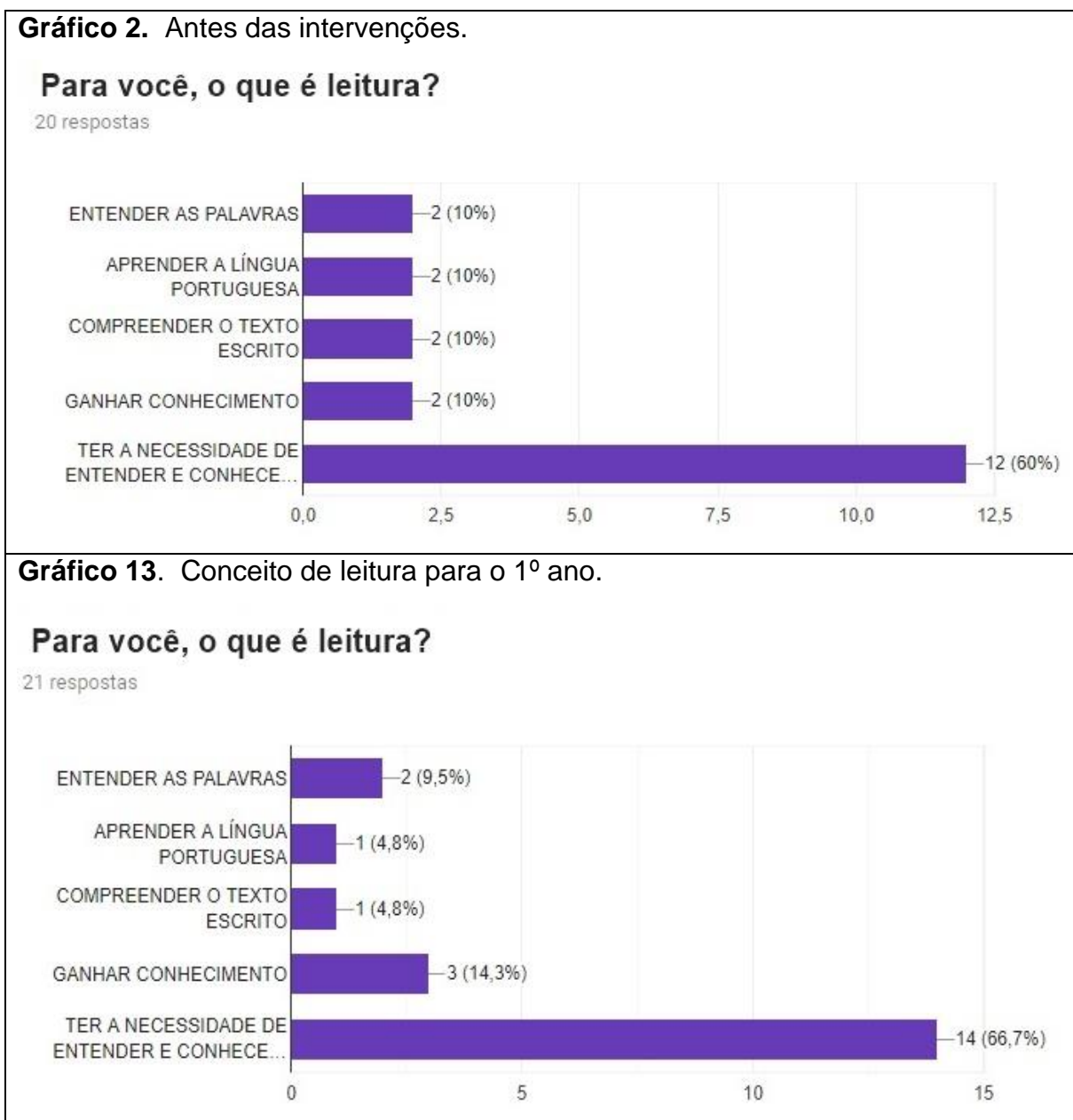
A primeira pergunta, “**Qual a importância da leitura na sua vida?**” (quadro 7), trata-se de uma pergunta bem direta, apresentando como alternativas: pouca,

regular, importante, muito importante e superimportante. Podemos observar (conforme o quadro 7), que diante do Gráfico 1 apontando na análise do questionário anterior as intervenções, houve uma mudança na porcentagem onde no Gráfico 1 apontavam: 5% para pouca, 15% para importante, 15% muito importante e 65% para superimportante. Agora, com o Gráfico 12 obtivemos o retorno de 91% dos alunos que consideraram a leitura como superimportante na vida deles. O que nos dá condições para se pensar, que esses alunos transformaram esse pensamento por meio das vivências que tiveram nesse tempo, queremos acreditar que as intervenções foram significativas. Como explica Vigotski:

Os momentos essenciais para a definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a **vivência**. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação no meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança (VIGOTSKI, 2018, p.75, grifo do autor).

Entendemos que não é qualquer momento que determina essa influência, mas sim o momento refratado por meio da vivência da criança. Ou seja, ela pode estar no mesmo ambiente e não ser impactada igualmente por determinada atividade. A forma como será direcionada a atividade, a experimentação e o impacto que isso trará para a vida dela poderá ser diferente para outra criança. Cada criança vivencia a atividade de forma diferente, as especificidades da personalidade e do meio são representadas na vivência.

Quadro 8 - Quadro comparativo do gráfico do conceito de leitura para o 1º ano.



Fonte: O autor (2019)

Tratando-se da segunda questão **“Para você, o que é leitura?”** (quadro 8), houve uma mudança da resposta em relação ao Gráfico 2, onde apontavam dois votos para “Entender as palavras”, dois votos para “Aprender a língua portuguesa”, dois votos para “Compreender o texto escrito”, dois votos para “Ganhar conhecimento” e doze votos para “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo”. Como podemos observar as alterações no Gráfico 13, “Entender as palavras” continuou com dois votos, “Aprender a língua portuguesa” caiu para um voto, assim como “Compreender o texto escrito”. Já a alternativa “Ganhar

conhecimento recebeu três votos. A opção “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo” obteve catorze votos, apresentando um aumento diante das respostas do questionário aplicado antes das intervenções. Os alunos apresentam a necessidade de conhecer o mundo, de ter uma visão diferente da realidade que os cercam, de acordo com Candido (2006, p.64) “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. [...] que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo”.

A literatura surge como uma forma de representar o mundo, determinados por diferentes fatores sociais presentes nos meios de vida e de organização de sociedade. É por essa necessidade de conhecer o mundo pelas palavras, que compreendemos as dimensões: culturais, políticas, epistemológicas, ética, psicológica e estética, a fim de refletir sobre a sociedade em que estamos inseridos.

Quadro 9 - Quadro comparativo do gráfico do incentivo pela leitura.

Gráfico 3. Antes das intervenções.

Seus pais leem para você e com você em casa?

20 respostas

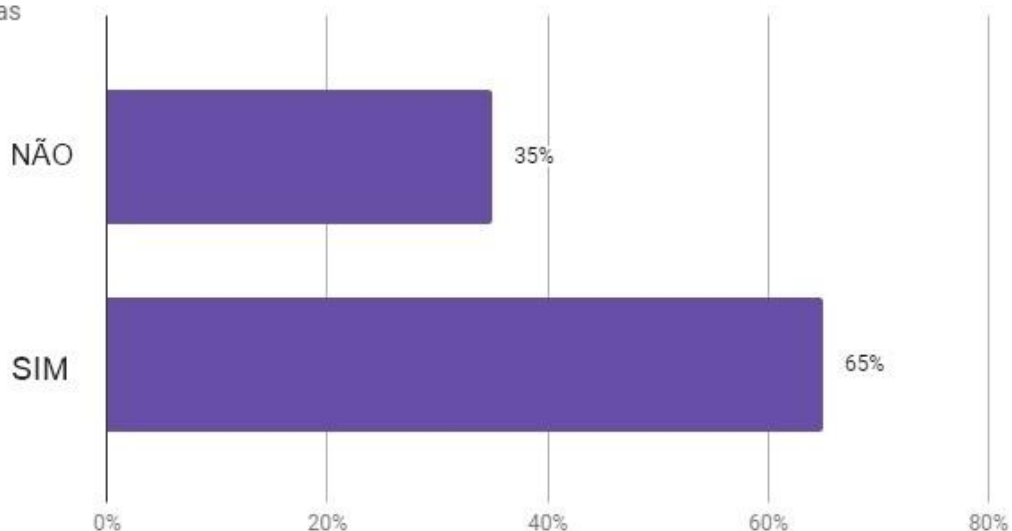
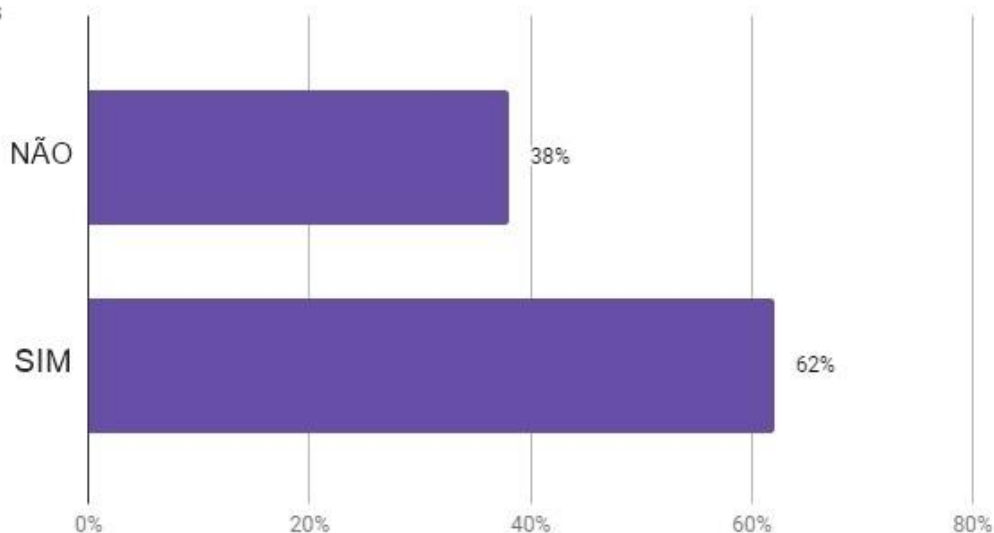


Gráfico 14. Incentivo pela leitura.

Seus pais leem para você e com você em casa?

21 respostas



Fonte: O autor (2019)

Na terceira questão, abordamos: “**Seus pais leem para você e com você em casa?**” (quadro 9), apresentando como alternativa: Sim ou Não. Diferentemente da resposta do Gráfico 3, onde informaram que 65% = 13 alunos tinham esse incentivo dos responsáveis em casa, e 35% = 7 alunos relataram que não havia esse momento de leitura em casa. No gráfico 14 podemos observar que 62% = 13

alunos recebem esse incentivo, e 38% = 8 alunos demonstram que não há momento de leitura com os responsáveis.

Vale ressaltar que nessa segunda aplicação do questionário tivemos a participação do aluno que não pode comparecer na primeira aplicação como mencionamos anteriormente, por isso tivemos uma diferença nos dados, pois o mesmo assinalou que não possui esse momento de leitura em família. Analisando os dados, constatamos que os mesmos alunos mantiveram as respostas, que ainda não houve mudança no incentivo pela leitura em casa. Sabemos que esse momento de leitura em família é primordial para a formação desse leitor iniciante, pois como aponta Aguiar (2013, p.154) “cada um traz para o ato de ler sua bagagem existencial e social, a partir do seu horizonte de experiências [...] montando uma rede de conexões possíveis.”

Delegar somente à escola esse momento de leitura distancia o aluno do contato com a leitura literária, pois na medida em que avancem os anos e esses alunos passem para outras etapas como: anos finais do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, a leitura assume um caráter didático, onde ficam presos na leitura obrigatória para conclusão dos estudos. Retomar com esse ato de ler, é trabalhoso, na maioria das vezes acusam não gostar de ler, mas quando eram crianças liam. O que acontece nessa transição? Por isso acreditamos, que o incentivo pela leitura tem que estar diariamente em casa, com pais e responsáveis. Um trabalho duplo, onde há incentivo na escola e incentivo em casa, onde veem professores e os responsáveis lendo, o exemplo do adulto leitor, é primordial.

Quadro 10 - Quadro comparativo do gráfico da frequência das visitas à Biblioteca.

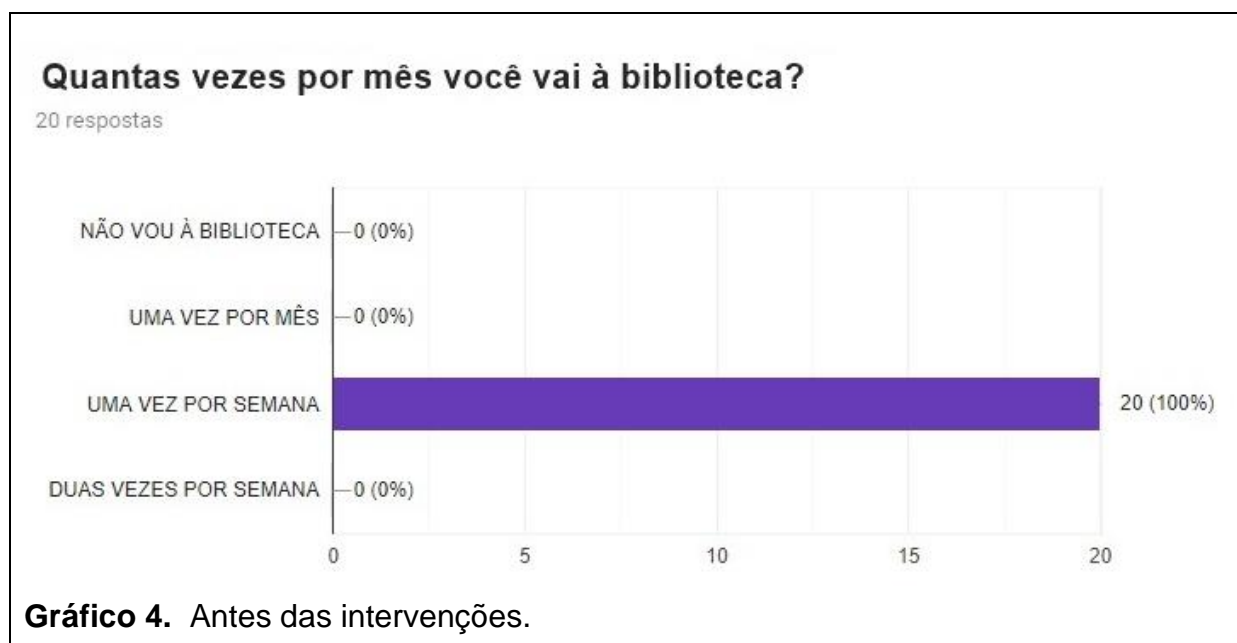
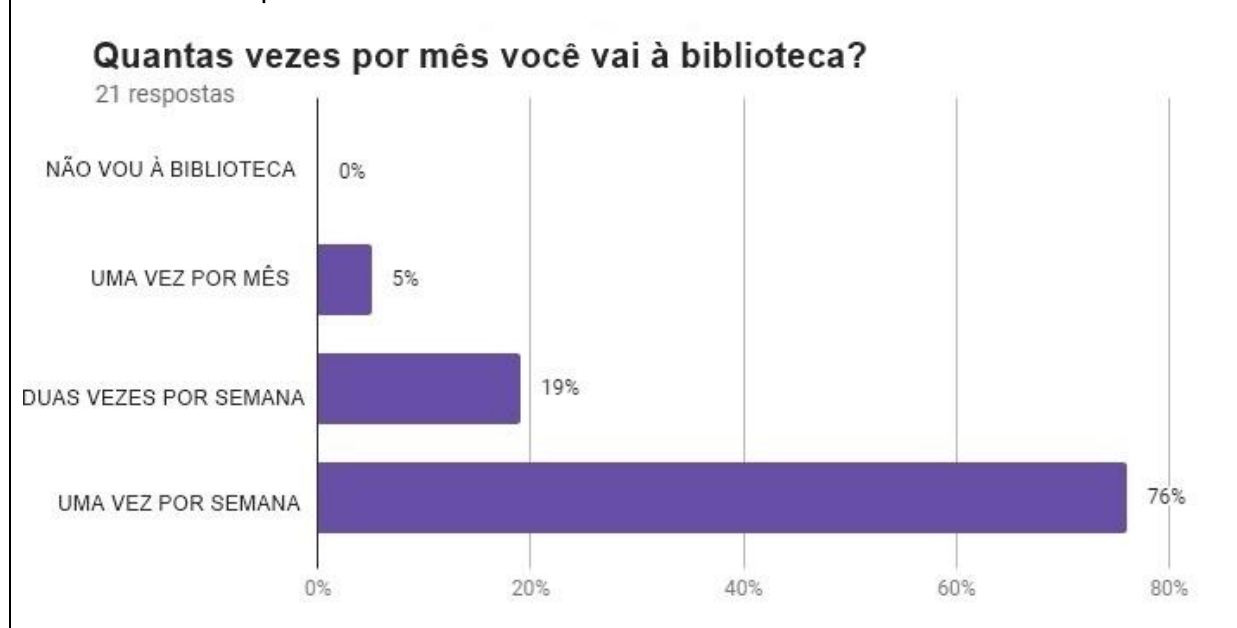


Gráfico 15. Frequência das visitas à Biblioteca.



Fonte: O autor (2019)

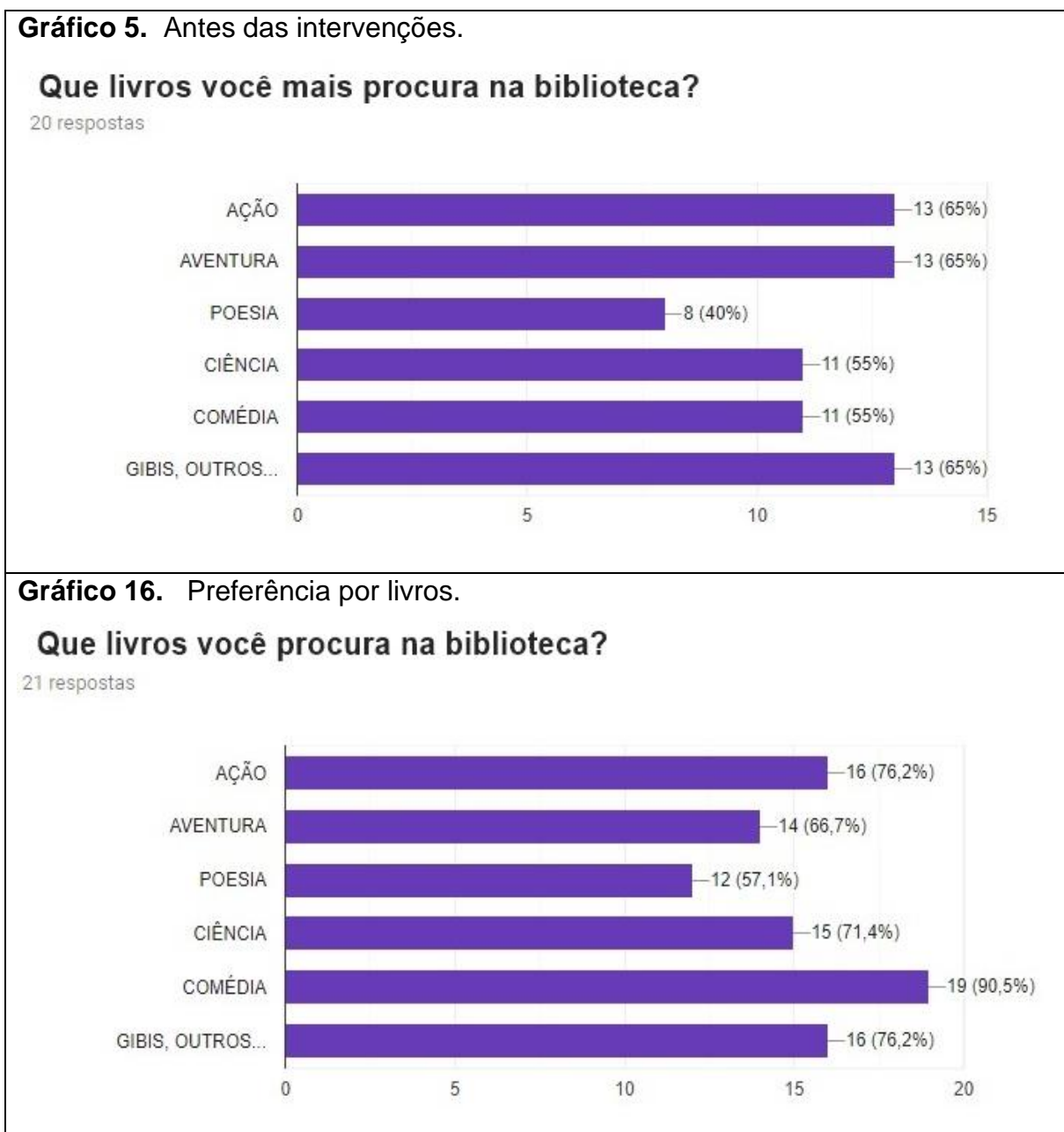
Percebemos durante nas intervenções o quanto esses alunos admiram a arte de contar histórias, pois a pesquisadora contava as histórias na escola e ao final os convidava para assistirem na Praça CEU, informava a data e o horário e a gestora reforçava o convite na semana. Realmente os alunos apareciam para ouvir a história e comentavam para a pesquisadora “Eu assisti sua história na minha escola. Você vai voltar lá?”, ou seja, por meio das vozes dos participantes, podemos fazer uma análise interpretativa.

O momento da Hora do Conto para essa criança obteve tanto significado que ela não se conteve em assistir aquela história contada pela pesquisadora uma vez, ela queria ouvir novamente e levar o pai para prestigiar esse momento. A autora Marina Colasanti reitera que é possível o diálogo com o mundo da fantasia, independentemente da idade.

Nessa época de transformações rápidas, muda a realidade externa, mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, se mantém inalterada. E é com esta que dialogam com as fadas, interagindo simbolicamente, em qualquer idade e em todos os tempos. (COLASANTI, 2006, p. 62).

Durante a Hora do Conto é possível observar as reações, as expressões e os comentários que os participantes vão demonstrando. Nesse momento, imaginamos o que essa história está causando dentro da cabeça do participante, pois acreditamos que cada pessoa possui um acervo individual de histórias extenso, que fazem relações com o que o participante escuta no momento, cabe a essa mediadora de leitura favorecer esse encontro dos acervos particulares para ampliação das experiências de leitura, buscando ter a necessidade. A imaginação é a função psíquica que cumpre a tarefa de modificar as conexões estabelecidas anteriormente entre o sujeito e o objeto, produzindo uma nova versão, ou seja, romper com as conexões estabelecidas, habituais entre um determinado objeto e uma determinada imagem e reordená-las do ponto de vista abstrato. (SACCOMANI, 2014).

Quadro 11 - Quadro comparativo do gráfico da preferência por livros.



Fonte: O autor (2019)

A última questão abordava: **“Que livros você procura na Biblioteca?”** (quadro 11), estava relacionada mais às preferências de cada aluno ao realizar suas leituras, livros que mais buscam na Biblioteca, quando realizam empréstimos. Essa questão, permitia escolher mais de uma alternativa, no Gráfico 5 tivemos essas porcentagens Ação, Aventura, Gibis, Outros... com 65% da preferência, Ciência e Comédia com 55% e Poesia com 40% das respostas. No Gráfico 16 podemos

observar algumas mudanças: Ação, Gibis e outros... com 16 votos, Aventura 14 votos, Poesia com 12 votos, Ciência com 15 votos. Houve um aumento de preferência em Comédia, ficando com 16 votos.

Esse espaço da Biblioteca, se torna um espaço central, porém, não exclusivo de promoção do livro e da leitura pela comunidade escolar,

deve dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa e o compartilhar de ideias, pois este local é parte integral do processo educativo [...] portanto, na escola, a criança e o adolescente não devem prescindir, em sua formação como leitor e escritor, dessa possibilidade de ampliar o conhecimento de si próprios e do mundo que os rodeia. (SILVA, 2009, p. 116).

Portanto, esse acesso facilitado à Biblioteca, à Hora do Conto e aos momentos culturais ofertados pela escola colabora para um avanço da compreensão do papel do leitor em seu processo de formação crítico-cidadã.

4.5.2 Questionário Biblioteca da Praça CEU – 25 pessoas

No campo da Biblioteca pública, foi possível contar com a participação de sujeitos de distintas idades, pois, trata-se de um espaço aberto e livre para circulação. Por esse motivo, as crianças não frequentam o espaço sem a companhia de um responsável. Esse diferencial para nossa pesquisa traz o ponto de vista da criança, do adolescente e dos adultos que frequentam a Biblioteca e apreciam a Hora do Conto.

Quadro 12 - Quadro comparativo do gráfico dos participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 6. Antes das intervenções.

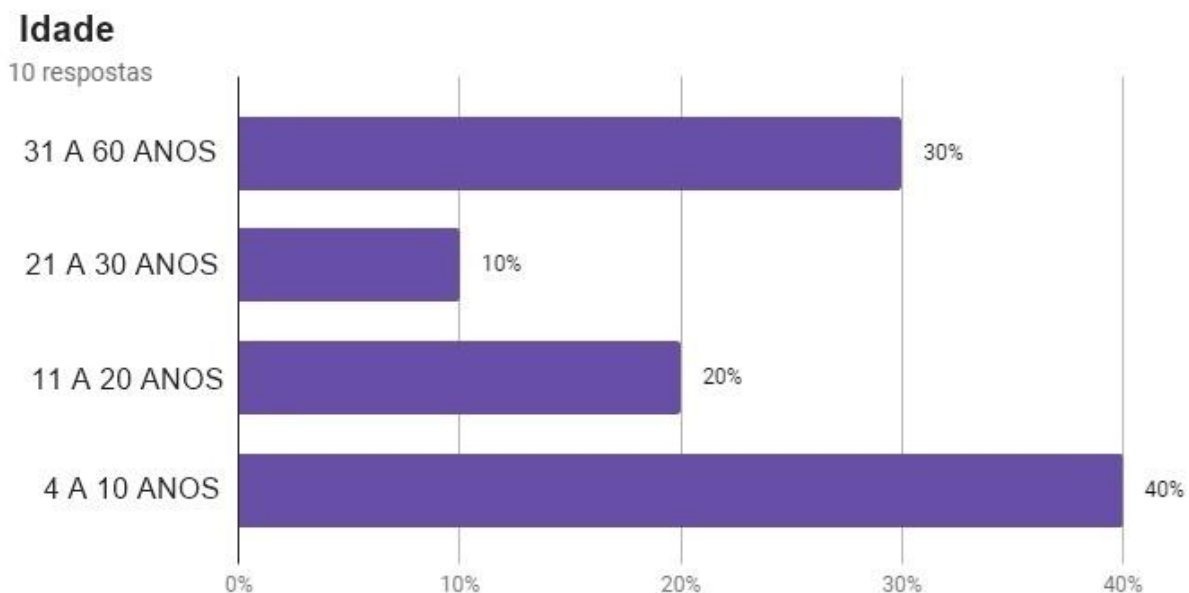
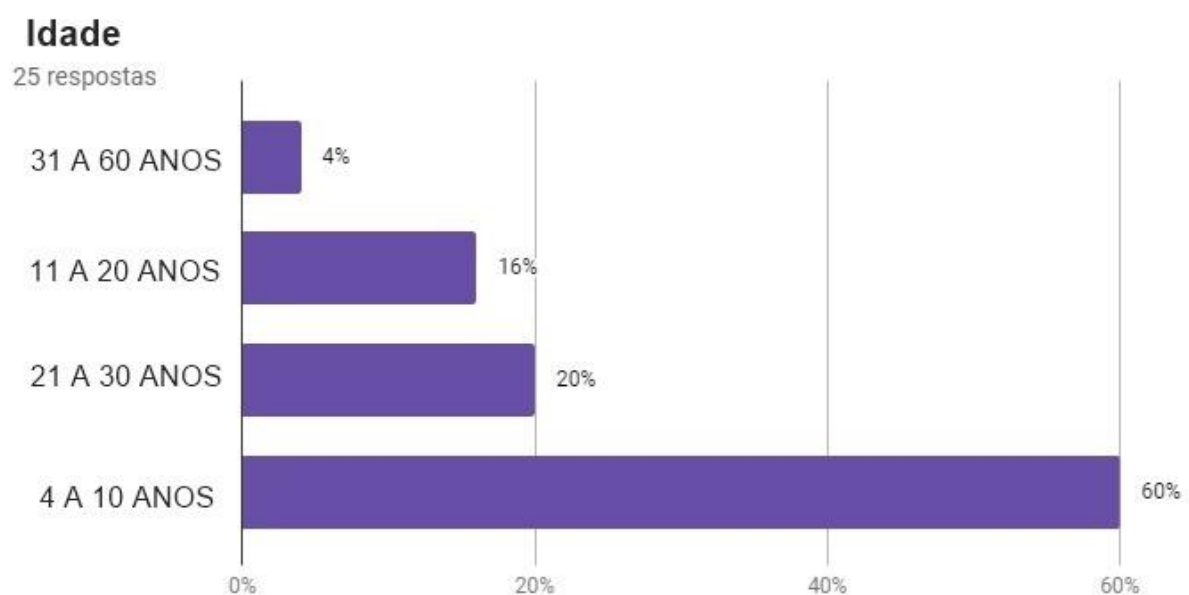


Gráfico 17. Participantes da pesquisa na Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

É necessário indicar as distintas idades no gráfico 17 assim como anteriormente no gráfico 6, para que o leitor tenha uma dimensão dos participantes da pesquisa. Percebe-se no quadro 12 que o público de 60% é formado por crianças de 4 a 10 anos, apresentando 16% para números de adolescentes, 20% entre 21 a 30 anos e com 4% o público de 31 a 60 anos. Vale ressaltar que esses momentos

de mediações orais em Biblioteca pública podem proporcionar um espaço de discussão das obras literárias sobe diversos olhares de distintas idades, tornando um momento dinâmico e ativo dos participantes. Bortolin (2010, p. 204) aponta “as narrativas orais, quando realizadas de maneira envolvente, provocam forte efeito nos ouvintes”. Portanto, sabemos que as narrativas podem aproximar crianças, jovens e idosos. Permitir um aprendizado mútuo, envolvendo o passado e presente por meio de experiências e expectativas. Contribuir com a necessidade pela leitura e conhecer a realidade do outro.

Quadro 13 - Quadro comparativo do gráfico da importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 7. Antes das intervenções.

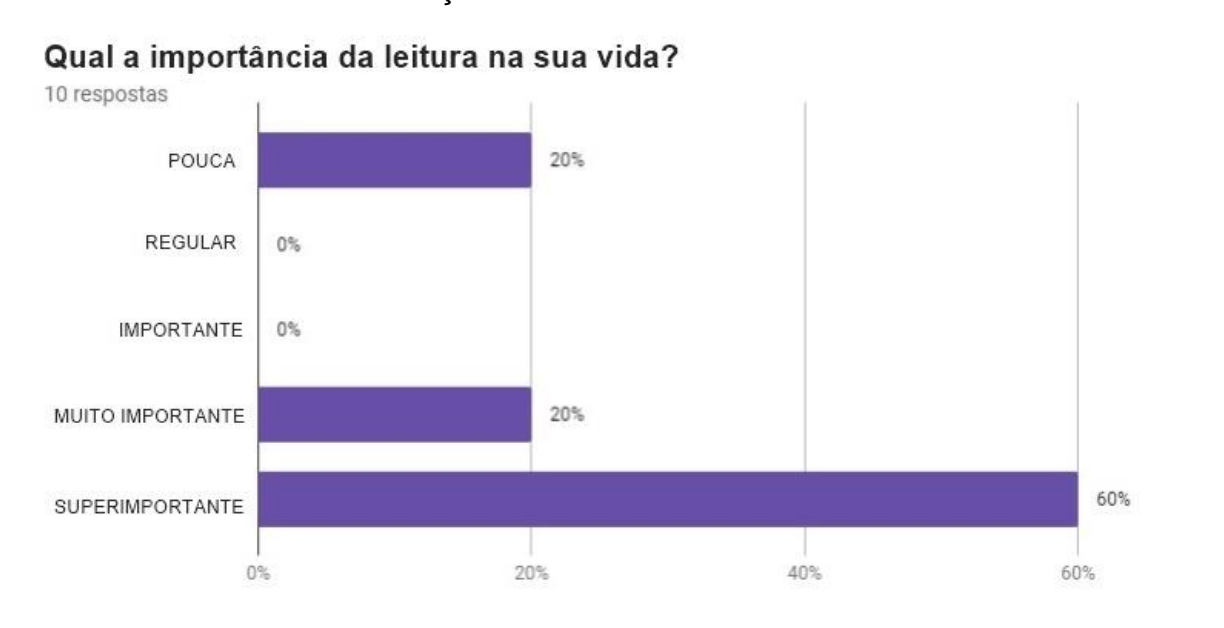
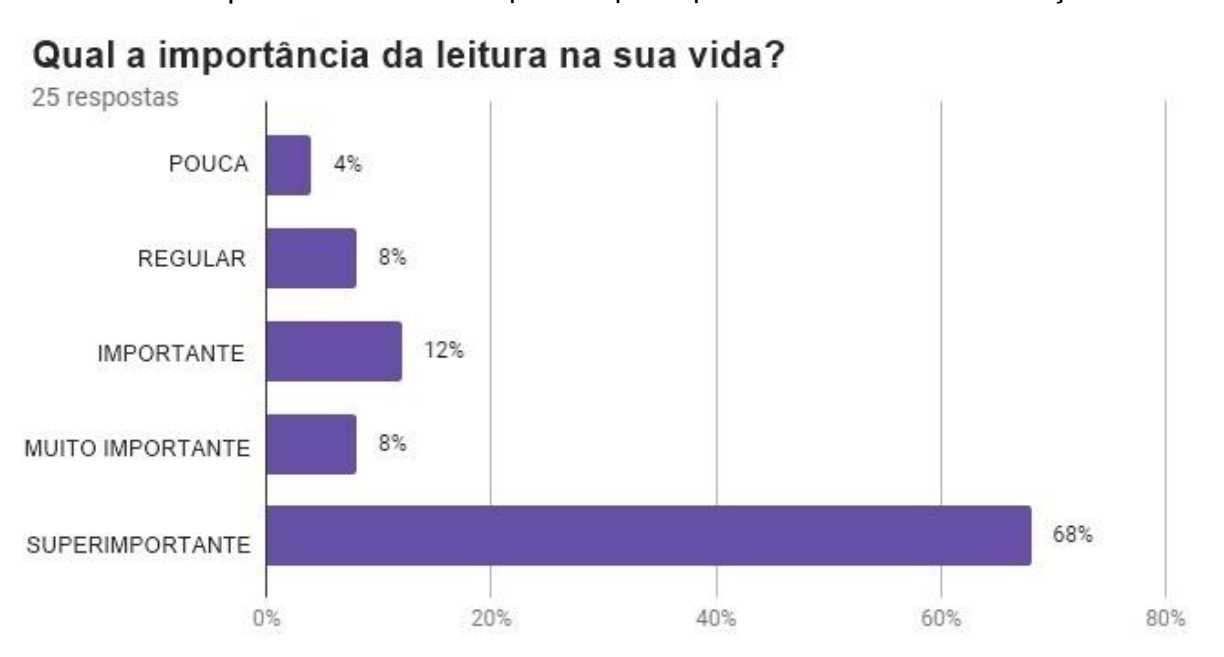


Gráfico 18. Importância da leitura para os participantes da Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Na primeira pergunta, “**Qual a importância da leitura na sua vida?**” (quadro 13), na primeira aplicação do questionário no Gráfico 7, duas pessoas assinalaram como de pouca importância e outras duas consideraram regular. Porém, seis pessoas optaram pela alternativa de superimportante. Já no Gráfico 18, tivemos 4% de votos para pouca importância, 8% de votos para regular, 12% para alternativa

importante, 8% para muito importante e 68% dos votos foram para a alternativa superimportante.

Quadro 14. Quadro comparativo do gráfico do conceito de leitura para participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 8. Antes das intervenções.

Para você, o que é leitura?

10 respostas

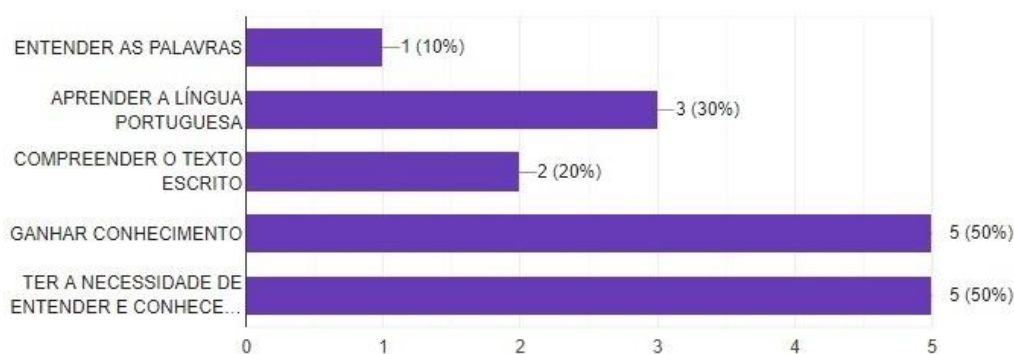
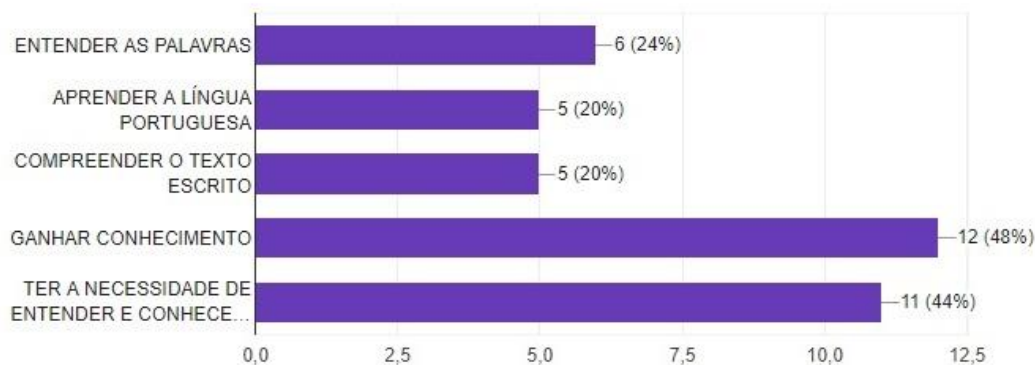


Gráfico 19. Conceito de leitura para participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Para você, o que é leitura?

25 respostas



Fonte: O autor (2019)

No próximo gráfico apresentamos o resultado da pergunta: **“Para você, o que é leitura?”** (quadro 14), tendo como alternativas: entender as palavras, aprender a língua portuguesa, compreender o texto escrito, ganhar conhecimento e ter a necessidade de entender e conhecer o mundo. No Gráfico 8, apresentando anteriormente, os participantes preferiram assinalar mais de uma alternativa. Obtendo 5 votos para as alternativas “Ganhar conhecimento” e “Ter a necessidade

de entender e conhecer o mundo.” “Compreender o texto escrito” obteve 2 votos. A alternativa “Aprender a língua portuguesa”, recebeu 3 votos. Já a alternativa “Entender as palavras” teve 1 voto. A preferência se encontra na busca de conhecimento para si, de entender e conhecer o mundo por meio da leitura. Já na segunda aplicação do questionário representado no Gráfico 19, temos 11 para “Ter a necessidade de entender e conhecer o mundo.”, 12 votos para a alternativa “Ganhar conhecimento”, 5 votos para “Compreender o texto escrito”, e “Aprender a língua portuguesa”. Já a alternativa “Entender as palavras” teve 6 votos.

Quadro 15 - Quadro comparativo do gráfico do incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 9. Antes das intervenções.

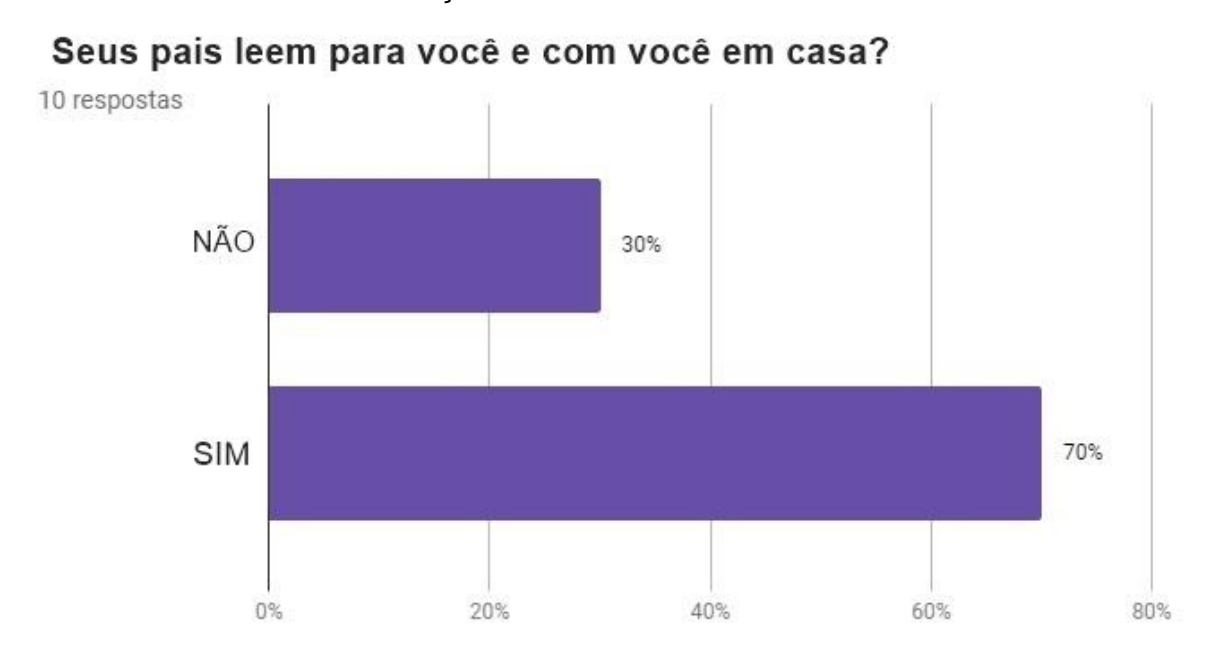
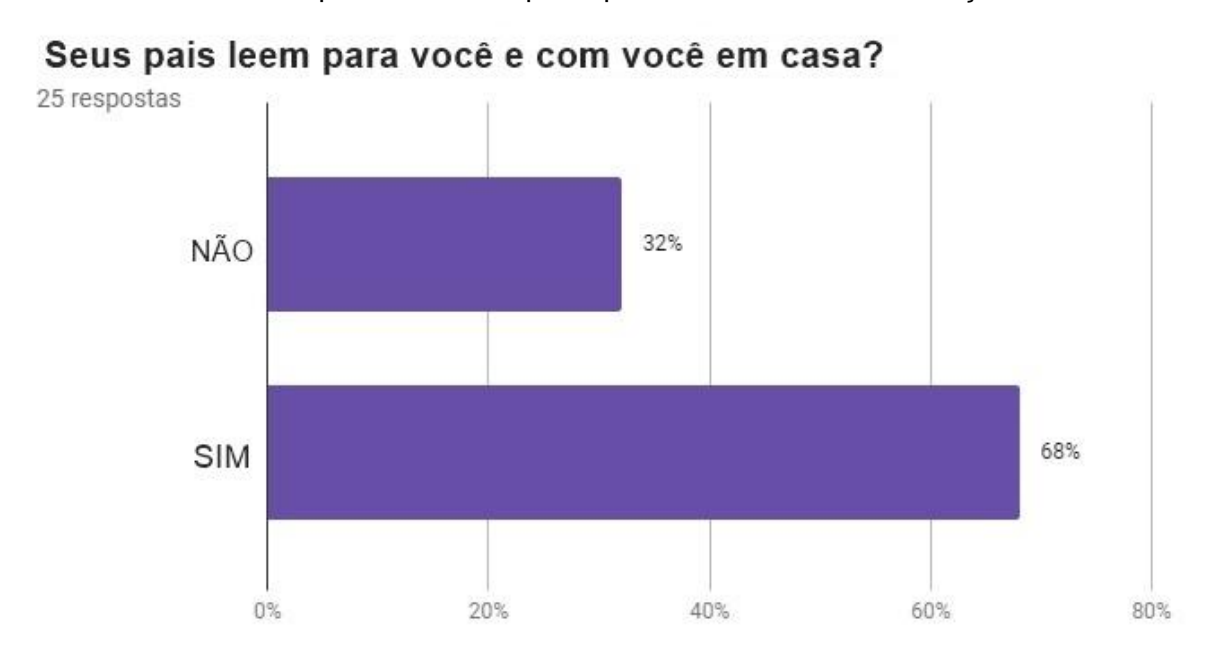


Gráfico 20. Incentivo pela leitura aos participantes da Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

Na terceira questão, abordamos: **“Seus pais leem para você e com você em casa?”** (quadro 15), apresentando como alternativa: Sim ou Não. Na primeira aplicação, no Gráfico 9 “Sim” recebeu 70% dos votos. No gráfico 20, podemos

observar o número de 68% para Sim²⁵ e 32% para Não. Queremos acreditar, que a resposta tenha sido fidedigna, e que realmente esses responsáveis leem com as crianças e para as crianças.

Quadro 16 - Quadro comparativo do gráfico da visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 10. Antes das intervenções.

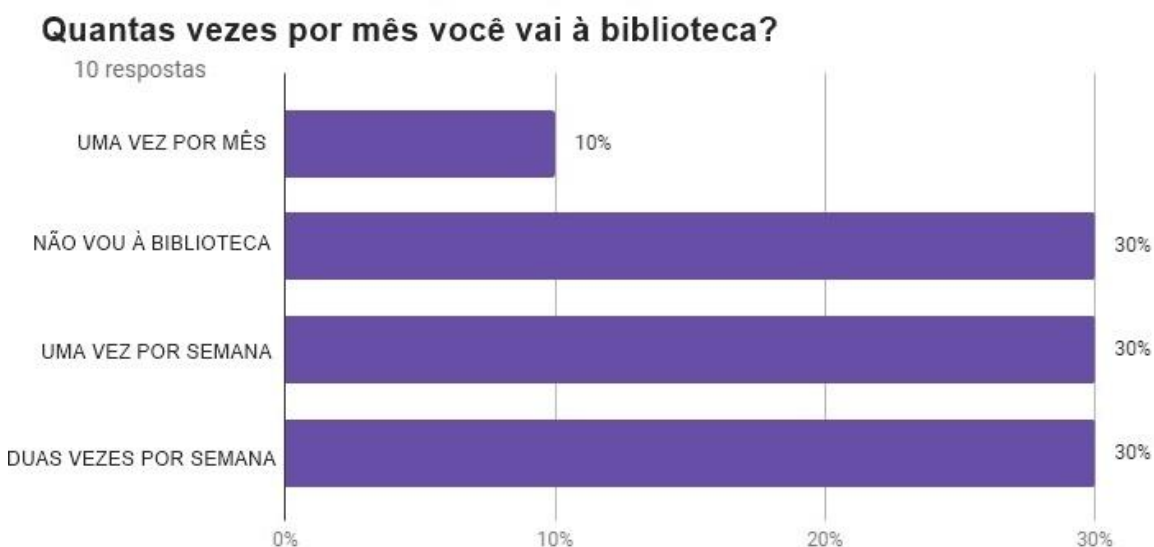
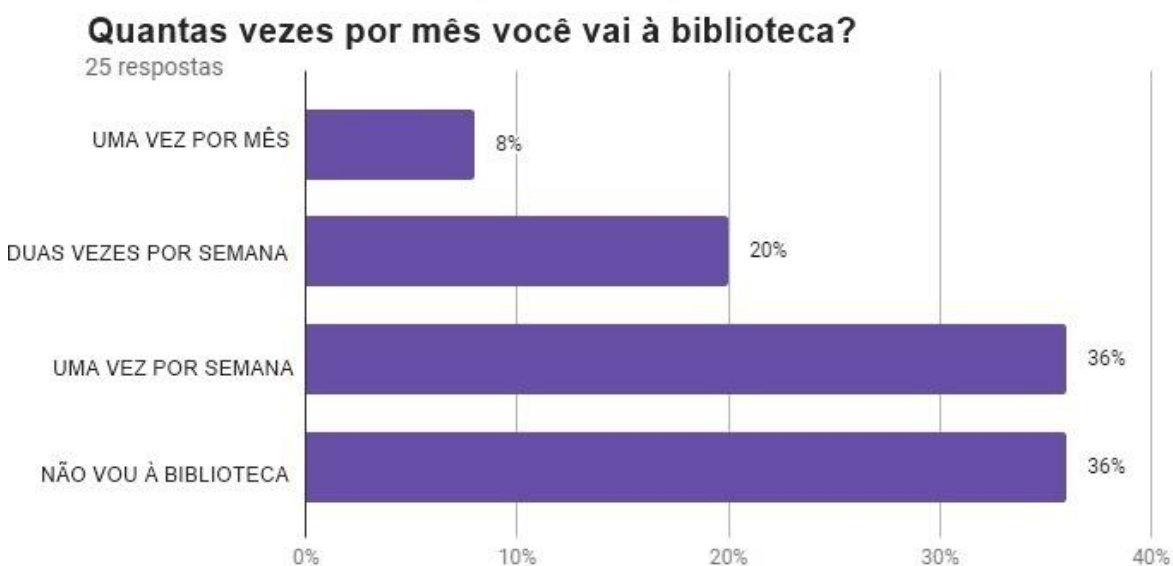


Gráfico 21. Visita dos participantes na Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

²⁵ Vale ressaltar novamente, que não descartamos a possibilidade de influência na resposta, em vista da presença dos pais no momento de responder ao questionário.

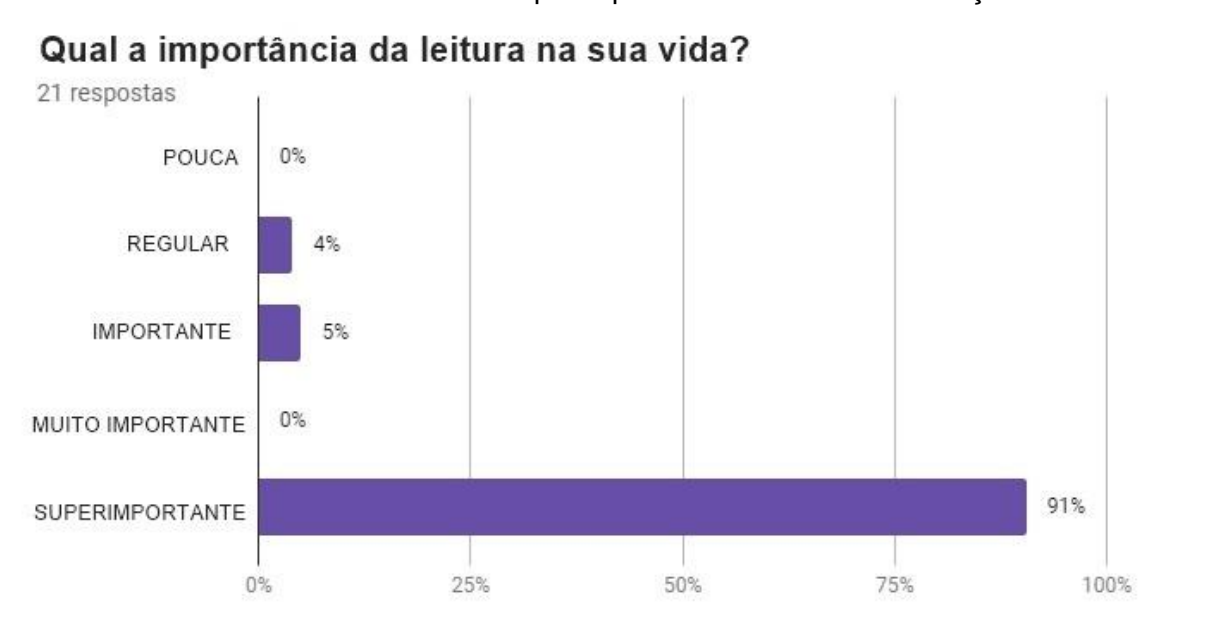
A quarta questão trata-se: **“Quantas vezes por mês você vai à Biblioteca?”** (quadro 16), aqui novamente fica uma dúvida enquanto a descaracterização do espaço Biblioteca. Evidenciamos que estavam dentro de uma Biblioteca pública, após a Hora do Conto, quando responderam a esse questionário. Porém, 36% responderam que não frequentam a Biblioteca, um fato curioso que nos dá condições para pensar que o conceito de Biblioteca ainda está atrelado à imagem da Biblioteca escolar. O trabalho realizado com a Hora do Conto na Biblioteca da Praça CEU vem justamente para oferecer esse contato maior com os livros, sabendo que ali acontece o momento de histórias os responsáveis, permitindo às crianças para prestigiar o momento. A contadora de histórias aproveita esses momentos para apresentar um novo livro, de nova autoria e, por assim, despertar nesses participantes a necessidade pela leitura. Ofertar o reconhecimento do espaço Biblioteca, disponibilizar o empréstimo de livro que ali é realizado, tendo assim uma oportunidade maior de incentivo à leitura, que talvez sozinho o mesmo não faria.

Quadro 17 – Quadro comparativo do gráfico de preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU.

Gráfico 11. Antes das intervenções.



Gráfico 22. Preferência de leitura dos participantes da Biblioteca da Praça CEU.



Fonte: O autor (2019)

A última questão, abordava: **“Que livros você procura na Biblioteca?”** (quadro 17), que buscou caracterizar as preferências de cada participante ao realizar suas leituras, livros por meio de empréstimos na Biblioteca. Nessa pergunta, no gráfico 11, assinalaram mais de uma alternativa, dentre as preferências. Apresentando as preferências de 5 votos por Poesia, 4 votos por Gibis, outros... para

Ciência e Aventura foram 2 votos, para Ação foi 1 voto e não teve voto para Comédia.

Já no Gráfico 22, apontaram 5 votos por Poesia, 10 votos por Gibis, outros..., para Ciência foi 1 voto, 12 votos para Aventura, 5 votos para Ação e 2 para Comédia.

Como aponta Lajolo (2002), cada leitor entrelaça o significado pessoal de suas leituras anteriores com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro, por exemplo. O ato de ler, então, não representa apenas a decodificação. Para isso, enquanto mediador de leitura, é importante ofertar diferentes gêneros textuais, gerando um momento propício de identificação, solução de conflitos internos, sensação de conforto e estimulação para a leitura, para que tenha intimidade com a leitura e conhecimento do que mais lhe agrada.

A essência da pesquisa com a leitura precisa estar na aplicabilidade da abordagem dialética, que consiste em utilizar da dialética para compreender o objeto de estudo. De acordo com Konder (2004), o método se fundamenta em Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.), que foi um pensador dialético radical na Grécia Antiga, com sua frase do fragmento nº 01: quando afirma “um homem não se banha no mesmo rio duas vezes”, onde considerava que nada é perpétuo, tudo está em constante transformação. Busca-se a totalidade de conhecimento para vir a ser humano, busca-se a compreensão da realidade por suas múltiplas conexões. Podemos observar que a dinâmica e o conhecimento se concretizam em tese- antítese- síntese.

Nos campos selecionados, o processo pode ser representado com a seleção e apresentação das obras literárias para obter um ressignificação dos saberes que possuem, para após proporcionar uma problematização acerca do tema abordado, trazendo os determinantes sociais das obras, a fim de apresentar as contradições presentes, para no entendimento das partes que se compõem o todo se alcance a totalidade do saber, estabelecendo uma síntese, apresentando um salto qualitativo do conhecimento, que se torna outro ponto de partida para a apropriação dos novos conceitos (MARX, 1990).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender as ações de leitura formais e não formais a fim de contribuir com a formação de leitores. A pesquisa apresentou a investigação acerca do contexto da leitura dos participantes de uma instituição de ensino pública e de um CEU, do município de Cambé.

Nesse sentido foi possível investigar a formação de leitores em dois espaços, um espaço formal, escola do município e um espaço não formal, um Centro de Artes e Esportes Unificados. Um projeto de leitura que já existia na instituição escolar todas as sextas-feiras, acaba por ultrapassar os muros da escola, por meio de uma ação voluntária da professora regente do 1º ano. A versão do projeto em extensão idealizado pela professora ganhou o nome de “Era uma vez...” ele acontece no campo Biblioteca Praça CEU, onde a idealizadora em conjunto com outras contadoras voluntárias tem o objetivo de formar leitores na comunidade. É por meio da Hora do Conto que elas almejam quebrar o paradigma em relação a leitura apenas dentro da escola e assim desenvolver nesses leitores iniciantes a necessidade pela leitura. O mediador de leitura é essencial nesse processo, pois atua como modelo leitor perante aos leitores iniciantes e frente a sua posição crítica na sociedade.

Diante dessa ação da escola, da Praça CEU e, principalmente, desta professora idealizadora do projeto, surgiu a necessidade de pesquisar a relação dos campos selecionados, a atividade de Hora de Conto de ambos os espaços e quais eram os participantes que ali frequentavam. Como problema de pesquisa, encontra-se o seguinte questionamento: Como as práticas pedagógicas de leitura desenvolvidas pela ação docente nos espaços escola/prça está contribuindo para a formação de leitores?

Para isso apresentaremos aqui os resultados das observações e intervenções nos campos selecionados, onde foi possível identificar as aproximações e distanciamentos entre o espaço formal e espaço não formal. Assim sendo, como aproximações identificamos que para ambos os espaços possuem um acervo na Biblioteca com mais de 5.000 livros, espaço mobiliado e arejado para o conforto dos leitores. Porém, ambos os espaços não contam com uma bibliotecária em ação todo o período. Na escola a função é atribuída aos próprios professores e na Praça CEU

a organização é realizada pela bibliotecária da Biblioteca Municipal, mas os empréstimos são realizados pela gestora da CEU.

A definição de leitura para os campos selecionados aparece como uma oportunidade para adquirir conhecimento e para ter a necessidade de entender e conhecer o mundo, ou seja, reconhecem a importância da leitura, apresentando-a em dados como importante. O que nos dá condição de se pensar que seja resultado da mediação de leitura desenvolvida no espaço formal e no espaço não formal. Os professores e mediadores de leitura, desse modo, podem contribuir com a formação do leitor principalmente no que tange a busca por obras literárias.

No quesito incentivo da leitura pelos pais ou responsáveis, em maioria, ambos indicam que existe um incentivo dos adultos em relação à leitura em casa. Sabemos que é nesse período em que se encontram entre 4 a 10 anos e que necessitam ver os adultos como um modelo de leitor para se inspirarem.

Como distanciamentos identificamos a questão do acesso à Biblioteca, no campo escola é facilitado aos alunos, pois está na grade da instituição o horário definido para cada turma, para a realização de empréstimos, pesquisas e Hora do Conto, pelo menos uma vez na semana. No campo Biblioteca Praça CEU, o acesso é restrito para as crianças, embora a Biblioteca esteja aberta durante a semana prontamente para atendê-los, as crianças necessitam da disponibilidade dos pais ou responsáveis para levarem até o local, visto que é um espaço público, aberto e as vezes longe de casa, ou seja, a criança não acessa sozinha.

Durante a Hora do Conto e visitas à Biblioteca escolar, o contato desses leitores com outros colegas é sempre o mesmo, seja com o colega de classe, amigo da escola, professores, entre outros. Já na Biblioteca da Praça CEU, o público é diverso, é possível conversar com crianças de outras escolas, de outras idades, ter contato com idosos, pais e mães de outras crianças, a troca de experiência de leitura tem um leque maior de possibilidades. Durante a Hora do Conto é possível ouvir a reflexão de outras pessoas bem como suscitar o interesse por outras leituras.

Verificamos em ambos os campos, em relação às ações relacionadas à leitura, mais precisamente a atividade de Hora do Conto, que está bem organizada em ambos espaços. Na instituição escolar todos se mostram muito envolvidos com as ações de leitura, visto que as crianças já realizam a mediação de leitura com o livro, as turmas participam da Hora do Conto encenando a história enquanto as professoras realizam a mediação por meio do suporte livro.

Há uma organização dos horários para as turmas visitarem a Biblioteca escolar, os professores e os pais estão engajados em formar leitores, incentivando a leitura dos livros que as crianças emprestam na Biblioteca e levam para a casa. A escola convida as crianças para participarem da Hora do Conto na Biblioteca da Praça CEU, envolvendo os pais que além de levarem as crianças também participam dos momentos de Hora do Conto e nesse processo realizam o cadastro na Biblioteca da CEU para realizarem os empréstimos de outras obras ali disponíveis.

Com relação ao objetivo específico que era o de investigar a prática de leitura desenvolvida por uma professora, apontando as relações presentes em suas ações e concepções, constatamos que além de visitarem a Biblioteca escolar, a professora utiliza de vários recursos para contribuir com a formação de leitores: Realiza a Hora do Conto em ambos os espaços, faz questão de ter uma estante de livros disponível na sala para as crianças acessarem ao final de uma atividade, como também leva sua mala de leitura com livros que pertencem ela para emprestar aos seus alunos. Além, é claro de ser idealizadora do projeto de extensão “Era uma vez...”, levando para a comunidade o trabalho que realiza dentro da escola.

Sabemos que não são todas as instituições do município que possuem essa preocupação com a formação de leitores, não desenvolvem ações para mobilizar a escola, preferem ficar acomodados com a situação. Porém, fica nítido que o envolvimento da comunidade escolar para transformar a prática é essencial, os professores em conjunto com a equipe pedagógica uniram forças para criar a necessidade da leitura nos alunos e, isso reflete na aprendizagem integral dos educandos. Como se trata de uma atividade básica na formação cultural do ser humano, atende a diversas finalidades, entre elas o senso crítico aguçado e uma maior percepção das diversas leituras intelectuais e do mundo, permitindo assim analisar toda e qualquer leitura. O que nos dá condições para pensar que essa ação tenha contribuído no IDEB da instituição, em conjunto com o trabalho dos professores em outros projetos, empenho dos alunos, e por esses motivos esteja em primeiro lugar no município.

Por conseguinte, reforçamos a justificativa e relevância do tema em continuar pesquisando mais sobre leitura, formação de leitores, mediação de leitura, leitura literária, com o objetivo de criar a necessidade pela leitura nas crianças, adolescentes e adultos. A leitura é hoje um dos temas presentes em discussões do

âmbito escolar, de preocupação das áreas curriculares. Dessa forma, pesquisar e colocar ao alcance dos professores de Educação Básica uma forma de pensar e entender a leitura, que anteriormente não tinha muito impacto na prática educativa, é evidenciar que a leitura e aprendizagem se constituem mutuamente, ainda que a leitura e a vivência dentro ou fora do espaço/tempo escolar sejam distintas.

Esperamos, com base nos resultados, estar contribuindo com discussões e reflexões acerca da formação de leitores em espaços formais e não formais. Da mesma forma que nos permitiu realizar inferências para repensar as práticas de leituras executadas. Para formar leitores críticos, reflexivos e participativos é necessário o acesso contínuo do leitor ao livro, de forma mediada e organizada.

Acreditamos que esse estudo constitui uma oportunidade para se promover mais investigações em forma de ação, pensar na leitura como atividade dinâmica, de sentido, de apropriação cultural, que transforme fatores pessoais e sociais, interiores e exteriores, em experiências de leitura a fim de transformar a realidade da educação, visando o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. O Saldo da Leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da informação e da leitura**. 2007.

ALVES José Helder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

AMAZON.COM, INC. **Capa de livro**. Site: comércio electrónico, c2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.amazon.com.br> Acesso em: 22 de mar. de 2019.

ARENA, D. B. **Alunos, professores e bibliotecários**: uma rede a ser construída. In: **Leitura: Teoria & Prática**, v. 29, n. 57, 2011. p.10 – 17. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/37>. Acesso em 19 de março. 2019.

ARENA, D.B. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita**. In: Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010a. p. 13-44.

ARENA, D.B. **Nem hábito, nem gosto, nem prazer**. In: Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental. 1ª ed. Araraquara. JM Editora, 2003. p 53-61.

ARENA, Dagoberto Buim. **O ensino da ação de ler e suas contradições**. Ensino Em-Revista, Uberlândia, v.17, n.1, p. 237-247, jan./jun.2010b.

BAJARD. Élie. **Caminhos da escrita**: espaços de aprendizagem. São Paulo: Cortez. 2002.

BAJARD. Élie. **Óculos de leitura**: Escuta do texto ou leitura? Revista Na Ponta do Lápis, a.VI, n.13, fev de 2010. p.23-24.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERNO, Gladis Marize et al. **Mediadores de Leitura**. XIV Seminário internacional de educação no Mercosul. 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 13.

BENEVIDES, Araceli Sobreira; BARBALHO, Francisco Cezar. **Letramento literário no Ensino Médio**: práticas metodológicas no ensino de literatura. 2014.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson J. da S. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BRASIL. **Decreto-lei nº12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm.

BRASÍLIA. **Cartilha de orientação para ações de mobilização social nos centros de artes e esportes unificados- CEUs**. 2ª edição. Brasília. 2014.

BRENMAN, Ilan. **Através da Vidraça da Escola: formando novos leitores**. 2 ed. São Paulo: Aletria, 2012.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMBÉ (PR). Secretaria Municipal de Educação. Rede Municipal de Ensino. **Currículo para a Rede Municipal de Ensino de Cambé/PR**. Cambé: A Secretaria, 2016.

CAMBÉ (PR). Projeto Político Pedagógico. **Escola Municipal Alvorada**. Cambé: Equipe pedagógica. 2018.

CANDIDO. Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2006.

CANGUSSÚ, Lílian Cristina Pereira. **Centros Educacionais Unificados de São Paulo: implementação e continuidade numa nova gestão política** / Lílian Cristina Pereira Cangussú. 2010. 112 f.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; RASTELI, Alessandro. **A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca pública**. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 18, n. 36, p. 157-180, 2013.

CELEDÔNIO, Pricila. GRADELA, Alilian. **A biblioteca e a formação de leitores**. Curso formação de mediadores de leitura. Ceará: Fundação Demócrito Rocha (FDR), fascículo 09. 2019.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (Org.). **Bibliotecas públicas municipais: orientações básicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, p. 133-137, 2007.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista: categorias e leis da dialética**. 2 ed. Tradução Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2004.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1990.
COELHO. Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, págs 27-32. 2000.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. 23. ed. São Paulo: Global, 2006. Cultura de Minas Gerais; Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2007.

DA SILVA, Greice Ferreira. ARENA, Dagoberto Buim. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária**. Álabe 6. dez. 2012.

DE PAIVA, Marília de Abreu Martins. **Contribuição da Biblioteca escolar no efeito escola relacionado à Prova Brasil-Leitura: estudo em Belo Horizonte, Contagem e Betim**. 2016.

DUARTE, Newton. SAVIANI, Dermeval. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. In: **Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: autores associados, 2015.

DUARTE, Newton. **A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo da educação escolar**. Educação & Sociedade, Campinas, ano 21, n. 71, p. 79-105, 2000.

DUARTE, Newton. **Arte e educação contra o fetichismo generalizado na sociabilidade contemporânea**. Perspectiva, Florianópolis, v.27, n.2, p.461-479, jul./dez, 2009.

DUMAZEDIER. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva. 1974.

FAILLA, Zoara (Org). **Retratos da leitura no Brasil 4**. São Paulo: Instituto Pró-livro; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_2015.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

FASANO, Edson. **Centro Educacional Unificado contraposição à pedagogia da lata**. São Bernardo do Campo, 2016.

FERRAZ, Marina Nogueira. **O papel social das Bibliotecas públicas no século XXI e o caso da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.19, número especial, p.18-30, out./dez.2014.

FIORUSSI, André, In: **Antônio de Alcântara Machado et alii**. De conto em conto. São Paulo. Ática, 2003.

FRANCO, Sandra Pires. GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim. **A categoria marxista conteúdo e forma na leitura literária**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.12, n.4, p. 1972-1983, out./dez. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Educação com qualidade social: projeto, implantação e desafios dos Centros Educacionais Unificados (CEUs)**. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Artigos, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GASPARIN, J. L. Esquema do Projeto de Trabalho docente-discente na perspectiva Histórico-Crítica. In: **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

IBGE. **Número de municípios: Indicadores Sociais Municipais - 2000**. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/tabela1a.shtm. Acesso em: 30 ago. 2018.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. Uberlândia, v.7. 2008.

JUNÇA, M. **Educação literária e contadores de histórias: um testemunho na primeira pessoa**. Leitura e Educação Literária. Lisboa: Pactor, p. 113-120, 2016.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LAJOLO, M. Tecendo a leitura In: **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

LEMOS, Charlene Kathlen de; OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUS): a construção de uma cultura comum**. 2013.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Maria Cecília Rizzi et al. **Da Biblioteca escolar à sala de leitura nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental paulista: leis, decretos, normas, agentes**. 2016.

LIVRARIA CULTURA. **Capa de livro**. Site: livraria brasileira, c2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.livrariacultura.com.br> Acesso em: 22 de mar. de 2019.

LIVRARIA DA TRAVESSA. **Capa de livro**. Site: rede de livrarias, c2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.travessa.com.br> Acesso em: 22 de mar. de 2019.

LUKÁCS, Gyorgy. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MACHADO, E. C. **Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.7, n. 1, p. 80-94, jul./ dez. 2009.

MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho: ensaio sobre as palavras e o mundo.** Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Tese. Unesp - Bauru, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico- Crítica e Desenvolvimento Humano. In: **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico.** Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MARTINS, Nathalia. **De Chapeuzinho Vermelho à formação de leitores: olhares infantis.** 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. (coleção os pensadores).

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Edições progresso – Editorial “Avante!” Moscovo: Lisboa, 1990. Disponível em: <http://www.marxist.org/portugues/marx/1867/capital/#sthash.cuMShOHs.dpuf>. Acesso em: 12 maio. 2019.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo editorial, 2002.

MOREIRA, Cíntia Mariza D.A; CAMPOS, Isabella Massa de. **Preliminares de uma Biblioteca Comunitária: sensibilização com adultos e com crianças.** CIESPI, Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2003.

MOTA, Paulo Henrique Pereira. **A noção de essência humana no jovem Marx.** Filogênese. UNESP. v 9, 2016.

PERROTTI, Edmir. **Leitores, ledores e outros fins** (apontamento sobre a formação ao leitor.) In: PRADO, J.; CONDINI, P. (org.) A formação do leitor: pontos de vistas. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

REZENDE, L.A; FRANCO, S.A.P. Formação de professores e de leitores: considerações a partir de dizeres de alunos. **Revista Impulso.** Piracicaba. 23(56), p. 21-33, jan.-abr. 2013. ISSN Impresso 0103-7676 ISSN Eletrônico 2236-9767.

REZENDE, Neide Luzia de; O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

RIBEIRO, Lucas. Projeto de contação de histórias faz crianças retornarem gosto pela leitura. **Jornal Pretexto**. Universidade Estadual de Londrina. 22 ago. 2018. Disponível em: <https://pretextouel.com/2018/08/22/projeto-de-contacao-de-historias-faz-criancas-retomarem-gosto-pela-leitura/>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 5-22.

RUSHDIE, Salman. **Haroun e o mar de histórias**. São Paulo: Paulicea.1991.

SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva. **A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski**. Dissertação. Unesp – Araraquara. 2014.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**, Campinas, Praxis. 1998.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Quantidade-Qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In:Santos Filho, José Camilo dos. Pesquisa Educacional: quantidade- qualidade. São Paulo: Cortez, 2000.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Ensayos de marxistas sobre historia e políticas**. México: Ediciones Océanos. 1985.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia de la práxis**. México: Fondo de Cultura Económica. 1980.

SÃO PAULO (cidade). Portaria nº 4672 de 5 de dezembro de 2006. **Aprova o Regimento Padrão dos Centros Educacionais Unificados – CEUs**. Disponível em:http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/ingra.asp?alt=06122006P%20046722006SME. Acesso em: 24 abril. 2019.

SARAIVA. **Capa de livro**. Site: livraria brasileira, c2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br> Acesso em: 22 de mar. de 2019.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42ª ed. Campinas. SP: Autores Associados, 2012. p.72.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. revisada. Campinas. SP: Autores Associados, 2013. p.90.

SERRA, E.D.A. GUEDES, A.B. LEONACIO, A.O. **A formação de leitores literários na escola pública brasileira**. Estudo de cenário ic&a/ fnlij, set. 2011. Disponível

em: <https://sinapse.gife.org.br/download/a-formacao-de-leitores-literarios-na-escola-publica-brasileira>. Acesso em: 20 de jun de 2019.

SILVA, Ilse G. **A reforma do estado brasileiro nos anos 90: processos e contradições**. Revista Lutas Sociais, n. 7, 2001.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Perspectivas históricas da Biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das Bibliotecas escolares**. 2011. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797>. Acesso em: 03 jun. 2019.

SILVA, Andrea Lucia da; LIRA, Valéria Krykhtine. **Letramento na educação infantil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

SILVA, Naiene Sanchez; OLIVEIRA, Lúcia Barbosa de. **A gestão cultural mediadora nos Centros Educacionais Unificados**. 2017.

SILVA, Rovilson José da. **Projetar a Biblioteca da Escola: recomendações**. In: Espaços e ambientes para a leitura e informação. Org: Célia Regina Simonetti Barbalho [et al]. Londrina: ABECIN, 2012.

SILVA, Rovilson José. **Biblioteca escolar e a formação de leitores: o papel do mediador de leitura**. Londrina: Eduel, 2010.

SILVA, Rovilson José. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SKOOB. **Capa de livro**. Rede social: rede social colaborativa brasileira para leitores, c2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.skoob.com.br> Acesso em: 22 de mar. de 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani Machado (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Roger M.D.Q; COUTO, José C.D. **Implantação dos Parques-Bibliotecas em Medellín e dos Centros Educacionais Unificados em São Paulo**—algumas considerações de um estudo exploratório. International Studies on Law and Education, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 2018.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2005.

UNESCO. **Manifesto sobre Biblioteca pública**. IFLA, 1994. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>> Acesso em: 06 maio. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch . **Pensamento e Linguagem.** eBooks Brasil, 2002. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <http://www.jahr.org>. Acesso em: 25 set. 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Método de investigación.** In: VIGOTSKI, Lev Semenovitch Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique. Madri: Visor, 2000. p.47-96

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática. 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Obras escogidas III:** problemas del desarrollo de la psique. Madri: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia/ L.S. Vigotski:** organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. – 1 ed. Rio de Janeiro: E- Papers, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola.** In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (responsável)

DA LEITURA NA ESCOLA À LEITURA NO ESPAÇO NÃO FORMAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidar seu filho (a) para participar da pesquisa “Da leitura na escola à leitura no espaço não formal: aproximações e distanciamentos”, que está em desenvolvimento para a dissertação de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Prof. Dra. Sandra Aparecida Pires Franco. O objetivo da pesquisa é identificar as ações desenvolvidas por uma professora nos momentos de leitura. A participação da criança ou adolescente é muito importante e ela se dará por meio da emissão da sua opinião e preenchimento de questionário a respeito das práticas pedagógicas que estão contribuindo para a formação de leitores.

Esclarecemos que a participação da criança ou do adolescente é totalmente **voluntária**, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação da criança ou do adolescente a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à criança ou adolescente. Esclarecemos, também, que as informações da criança ou do adolescente sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade da criança ou do adolescente.

Esclarecemos ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem a criança ou adolescente sob sua responsabilidade pagarão ou serão remunerados (as) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente da participação.

Os benefícios esperados, serão de proporcionar aos envolvidos uma aprendizagem significativa para refletirem criticamente sobre sua realidade e levar o acesso à leitura literária para as crianças. Promover cultura e educação nos espaços pesquisados. Quanto aos riscos, serão os mínimos possíveis, desta forma a pesquisadora dispõe dos meios, recursos e competências para lidar com possíveis acontecimentos e intervir imediatamente, para limitar e remediar qualquer dano causado.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar Adrielly Rocateli (dri_rocateli@hotmail.com) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Cambé, ____ de _____ de 2018.

Pesquisador Responsável

Adrielly Rocateli, RG:

_____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação **voluntária** da criança ou do adolescente sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Caso o adolescente seja maior de 12 anos, deverá constar o espaço abaixo para assinatura do menor.

Assentimento Livre e Esclarecido do Adolescente

_____, tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (adulto)

**DA LEITURA NA ESCOLA À LEITURA NO ESPAÇO NÃO FORMAL:
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa “Da leitura na escola à leitura no espaço não formal: aproximações e distanciamentos”, que está em desenvolvimento para a dissertação de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Prof. Dra. Sandra Aparecida Pires Franco. O objetivo da pesquisa é identificar as práticas pedagógicas de leitura desenvolvida por uma ação docente, apontando as relações presentes em suas ações e concepções para a formação de leitores. Sua participação é muito importante e ela se dará por meio da emissão da sua opinião e preenchimento de questionário a respeito das práticas pedagógicas que estão contribuindo para a formação de leitores, bem como a visita à suas Horas do Conto durante as aulas e participações no Centro de Artes e Esportes Unificados. Esclarecemos que sua participação é totalmente **voluntária**, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar **a sua identidade**. Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação. Os benefícios esperados são confirmar ou não se este projeto contribui com a formação de leitores. Quanto aos riscos, serão os mínimos possíveis, desta forma a pesquisadora dispõe dos meios, recursos e competências para lidar com possíveis acontecimentos e intervir imediatamente, para limitar e remediar qualquer dano causado.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá contatar: Adrielly Rocateli (dri_rocateli@hotmail.com) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina,

situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Cambé, ____ de ____ de 2018.

Pesquisador Responsável

Adrielly Rocateli, RG:

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE C – Questionário participante

QUESTIONÁRIO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

NOME: _____ DATA: _____

1) QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SUA VIDA?

| | |
|--------------------------|------------------|
| <input type="checkbox"/> | POUCA |
| <input type="checkbox"/> | REGULAR |
| <input type="checkbox"/> | IMPORTANTE |
| <input type="checkbox"/> | MUITO IMPORTANTE |
| <input type="checkbox"/> | SUPER IMPORTANTE |

2) PARA VOCÊ, O QUE É LEITURA?

| | |
|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | ENTENDER AS PALAVRAS |
| <input type="checkbox"/> | APRENDER A LÍNGUA PORTUGUESA |
| <input type="checkbox"/> | COMPREENDER O TEXTO ESCRITO |
| <input type="checkbox"/> | GANHAR CONHECIMENTO |
| <input type="checkbox"/> | TER A NECESSIDADE DE ENTENDER E CONHECER O MUNDO |

3) SEUS PAIS LEEM PARA VOCÊ E COM VOCÊ EM CASA?

| | |
|--------------------------|-----|
| <input type="checkbox"/> | SIM |
| <input type="checkbox"/> | NÃO |

4) QUANTAS VEZES POR MÊS VOCÊ VAI À BIBLIOTECA?

| | |
|--------------------------|-----------------------|
| <input type="checkbox"/> | NÃO VOU À BIBLIOTECA |
| <input type="checkbox"/> | UMA VEZ POR MÊS |
| <input type="checkbox"/> | UMA VEZ POR SEMANA |
| <input type="checkbox"/> | DUAS VEZES POR SEMANA |

5) QUE LIVROS VOCÊ PROCURA NA BIBLIOTECA?

| | |
|--------------------------|---------------------|
| <input type="checkbox"/> | AÇÃO |
| <input type="checkbox"/> | AVENTURA |
| <input type="checkbox"/> | POESIA |
| <input type="checkbox"/> | CIÊNCIA |
| <input type="checkbox"/> | COMÉDIA |
| <input type="checkbox"/> | GIBIS, OUTROS... |

APÊNDICE D – Questionário para a docente idealizadora do projeto

QUESTIONÁRIO PARA O PARTICIPANTE DA PESQUISA DOCENTE

NOME: _____ DATA: _____

1) Como você interage com as crianças em relação à leitura?

2) Como você julga o desempenho das crianças em relação à leitura?

3) Você percebe iniciativa das crianças em procurar material de leitura? Como isso se manifesta?

4) Quais livros as crianças procuram mais e pedem na Hora do Conto? (Ação, aventura, ciência, poesia, comédia...)

5) O que você julga necessário para motivar as crianças a lerem mais?

APÊNDICE E – Diário de Campo elaborado pela pesquisadora - Escola

Escola: Escola Municipal Alvorada

Professora: Josiane

Conteúdo: Hora do Conto: A parte que falta em mim – Shel Silverstein

Objetivo: Contar a História “A parte que falta em mim”.

Data: 17/08/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto brincando com os jogos que são disponibilizados no pátio: xadrez, dama, bilboquê, boliche, jogos de tabuleiro...
- O sinal é tocado. Obs: utilizam músicas com melodias conhecidas.
- Recados são dados;
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto: A parte que falta em mim

Foi realizada por duas professoras, Josiane narrou a história, enquanto Rosângela e sua filha que também é aluna da escola dramatizavam. Contou com auxílio de materiais confeccionados por ela, formas geométricas, o personagem principal e outros acessórios feitos de E.V.A e papelão.

- Após a contação da história exploraram o sentido da história em que a personagem busca pela parte que falta nela, e que não temos que sair a procura de uma parte que falta, pois somos completos e temos que descobrir dentro da gente essa parte, que está ali guardada precisa ser explorada.

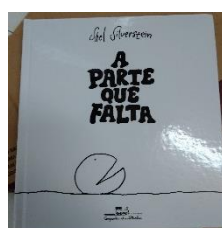
- A diretora fez um gancho e aproveitou o show de talentos para dizer que a parte que falta pode ser um talento a ser descoberto por nós;

- Show de talentos: um grupo de 4 meninas dançaram uma música latina;

Obs: Tanto a hora do conto como o show de talentos é aberto para a escola, os alunos se inscrevem para participar.

Reflexões:

- A organização da escola para essas atividades é muito bem realizada, como já é rotina da sexta-feira os alunos já ficam preparados e na expectativa;
- Os jogos que são disponibilizados permitem que os alunos fiquem concentrados, brincando e não correndo ou gritando no pátio;
- A hora do conto como o show de talentos é muito bem vista pela escola toda, e os alunos se preparam e ensaiam para este momento;



Escola: Escola Municipal Alvorada

Conteúdo: Hora do Conto: Um amor de família – Ziraldo

História contada por aluna

Objetivo: Narrar a história “Um amor de família” para os colegas

Data: 24/08/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto brincando com os jogos que são disponibilizados no pátio: xadrez, dama, bilboquê, boliche, jogos de tabuleiro...
- O sinal é tocado.
- Recados da semana da família são dados;
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto:
 - A Hora do Conto foi realizada por uma aluna que se inscreveu para participar da contação de histórias para seus colegas.
 - A professora segurou o microfone enquanto sua aluna fazia a narração da história.
 - Como o tema família está sendo muito utilizado na escola visto que na semana seguinte várias atividades destinadas as famílias estão sendo programadas, a aluna fez a escolha desta história.
 - A turma ouviu a história, gargalhavam quando surgia os personagens, e apontavam dizendo: “Meu primo é assim, bem bagunceiro!... Igual a minha vó...” mostrando o quanto se viram protagonistas da história narrada pela amiga.
 - Conhecendo a turma do primeiro ano em que será realizada a pesquisa, entregando o TCLE para levarem aos pais, explicando a pesquisa.

Reflexões:

- A ideia de uma aluna fazer a contação de história me faz refletir o quanto a leitura está se tornando uma necessidade nas crianças não apenas um hábito ou leitura por obrigação.
- Fiquei fascinada pela oportunidade que ofertam, pela iniciativa da criança e pela história escolhida.



Escola: Escola Municipal Alvorada

Conteúdo: Hora do Conto: O grande rabanete – Tatiana Belinky - História narrada pela professora e dramatizada pelos alunos

Objetivo: Narrar a história “O grande rabanete” para os colegas

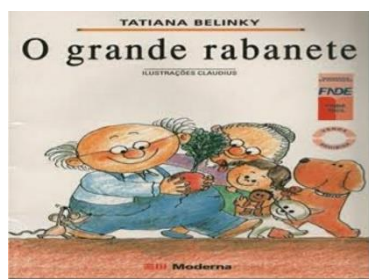
Data: 31/08/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto junto aos pais, pois se tratava da semana da família. Durante essa semana as atividades foram voltadas para a família com a participação da mesma
- O sinal é tocado.
- Recados sobre a Hora do Conto na praça CEU são dados; Diretora realiza o convite aos alunos para assistirem no sábado.
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto: O grande rabanete – momento em que os alunos se preparam para ouvir a história da turma. A professora leva o livro e comenta com todos que a turma escolheu a história pois representava união, e já que as famílias estavam presentes seriam muito importante ouvirem a história com atenção.
- Os alunos se prepararam vestindo máscaras e com recursos que utilizariam na hora do conto.
- O público adorou a história, tanto pais como as crianças riram com a desenvoltura das crianças que dramatizam muito bem. Comentavam que era bonita a história e que partiam deles esse interesse de estar apresentando.
- Nesse dia houve muitas apresentações no Show de talentos: coreografias de ballet, street dance, alunos cantando, até uma apresentação em que pai e filho cantaram e tocaram no violão a música Asa Branca.

Reflexões:

Mais uma vez pude perceber o quanto a arte e cultura estão presentes nessa instituição. O incentivo por parte dos professores e equipe pedagógica são claramente vistos e os alunos sentem a necessidade de estar presentes nas ações de arte, cultura e esporte da escola. Os pais relatam a todo momento o quanto é prazeroso estar presente nesses eventos, que a escola tem um olhar diferente para os alunos e para as famílias, e que é nesse contato família/escola que enxergam a importância de participar da vida escolar dos seus filhos e o quanto ficam motivados de ver esse trabalho bonito.



Escola: Escola Municipal Alvorada

contadora: Adrielly Rocateli

Conteúdo: Hora do Conto: Na floresta – Anthony Brown

Objetivo: Contar a História “Na floresta”.

Data: 26/10/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto, próximos, chovia bastante na tarde
- O sinal é tocado. Obs: utilizam músicas com melodias conhecidas.
- Recados são dados;
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto: Na floresta

Foi realizada a intervenção da Hora do conto, como havia planejado anteriormente. Com auxílio do púlpito para apoiar o livro ao lado e um microfone para atingir ao público.

- Todas as turmas da escola estavam sentadas ouvindo a história.
- Iniciei me apresentando, agradecendo pela recepção.
- Cantei uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pude realizar a hora do conto. Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.
- Após a contação agradei e fiz um gancho com a próxima história que seria ali apresentada. Na minha história aparecia como personagem uma avó. E a história que foi narrada pela professora e interpretada por alunos da turma dela, se tratava de idosos, estão se preparando para a semana do idoso que vai se iniciar.

= **Reflexões:**

- A organização da escola para essas atividades é muito bem realizada, como já é rotina da sexta-feira os alunos já ficam preparados e na expectativa;
- A recepção dos alunos e professores foram as melhores.
- As crianças demonstraram estar felizes ouvindo a história;
- Participaram dos momentos que questionavam algo sobre a história.



Escola: Escola Municipal Alvorada

contadora: Adrielly Rocateli

Conteúdo: Hora do Conto: Uma lagarta muito comilona – Eric Carle

Objetivo: Contar a História “Uma lagarta muito comilona”.

Data: 23/11/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto, próximos, chovia bastante na tarde
- O sinal é tocado. Obs: utilizam músicas com melodias conhecidas.
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto: Uma lagarta muito comilona.

Foi realizada a intervenção da Hora do conto, como havia planejado anteriormente. Com auxílio de mesas para apoiar o boneco LOLO e outros recursos utilizadas, a diretora segurou o microfone, já que estava utilizando as mãos para manipular os recursos da história.

- Todas as turmas da escola estavam sentadas ouvindo a história.
- Iniciei me apresentando, agradecendo pela recepção.
- Cantei uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pude realizar a hora do conto. Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.
- Após a contação agradei e informei que retornaria na próxima semana. Foi bem legal, pois ficaram eufóricos querendo participar mais, falavam sobre as comidas que eles gostavam.

Reflexões:

- A organização da escola para essas atividades é muito bem realizada, como já é rotina da sexta-feira os alunos já ficam preparados e na expectativa;
- A recepção dos alunos e professores foram as melhores.
- As crianças demonstraram estar felizes ouvindo a história;
- Participaram dos momentos que questionavam algo sobre a história.



Escola: Escola Municipal Alvorada

contadora: Adrielly Rocateli

Conteúdo: Hora do Conto: O Soldadinho de Chumbo em Cordel – João Bosco Bezerra Bonfim

Objetivo: Contar a História “O Soldadinho de Chumbo em Cordel”

Data: 30/11/2018

Ações:

- Organização do pátio para a Hora do conto;
- Mesas, púlpito, caixa de som, microfone, materiais de apoio;
- Crianças aguardam o momento da Hora do Conto, próximos.
- O sinal é tocado. Obs: utilizam músicas com melodias conhecidas.
- Momento de oração;
- Parabéns aos aniversariantes da semana;
- Hino Nacional e Hino de Cambé;
- Hora do conto: O Soldadinho de chumbo em cordel

Foi realizada a intervenção da Hora do conto, como havia planejado anteriormente. Com auxílio de mesas para apoiar o recurso utilizado (caixinha de música)

- Todas as turmas da escola estavam sentadas ouvindo a história.
 - Coloquei meu figurino de bailarina, já que a história se trata do amor do soldadinho de chumbo pela bailarina da caixinha.
 - Quando cheguei no pátio me abraçavam, pediam para ficar na ponta do pé, queriam ver minha sapatilha de ponta, mencionavam que gostavam de dançar, que fizeram ou fazem ballet.
 - Iniciei me apresentando, agradecendo pela recepção.
 - Cantei uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pude realizar a hora do conto.
 - Perguntei se conheciam o cordel, se sabiam o que eram rimas, versos; Responderam que já viram, que estudaram rimas....
- Fiz uma explicação do que é o Cordel, tradição do nordeste...
- Essa história era grande em vista das outras, então fui interagindo com as crianças ao decorrer da narração, pediam para que fizessem os sons de trovões, assoprassem com o gênio da história.
 - Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.
 - Após a contação agradei a participação e mencionei que dançaria para eles ao som de uma caixinha de música. Mostrei a caixinha, que funcionava ao dar cordas, que dentro tinha uma bailarina que dançava.
 - Dei cordas nela, a diretora aproximou o microfone e dancei para as crianças em uma breve apresentação.
 - Ficaram em silêncio durante a dança, quando finalizei e agradei, aplaudiram e gritaram “- Dança de novo!!” Foi bem legal, pois ficaram eufóricos comentando sobre a bailarina.

Reflexões:

- A organização da escola para essas atividades é muito bem realizada, como já é rotina da sexta-feira os alunos já ficam preparados e na expectativa;
- A recepção dos alunos e professores foram as melhores.
- As crianças demonstraram estar felizes ouvindo a história;
- Participaram dos momentos que questionavam algo sobre a história.





APÊNDICE F – Diário de Campo elaborado pela pesquisadora - Praça

Praça CEU

Conteúdo: Hora do Conto: Maria vai com as outras – Silvia Orthof
Pássaro sem cor – Luiz Noberto Pascoal -História contada por Bruna

Objetivo: Apresentar duas histórias ao público da praça CEU

Data: 01/09/2018

Ações:

- Organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora.
- Crianças e adultos aguardam o momento da Hora do Conto;
- Pesquisadora se apresenta, e informa que realiza ali uma pesquisa sobre leitura, convida aos participantes responderem a um questionário, entrega o TCLE para todos e de dispõe a tirar todas as dúvidas.
- Chegam alguns adolescentes;
- Hora do conto: Maria vai com as outras, a contadora Bruna Neves reproduziu a história grande com feltro e ovelhas que se deslocavam no livro, artesanalmente
- O pássaro sem cor, foi reproduzido por ela em história em lata, na qual retira os personagens da lata, ligados por uma fita, como em uma linha do tempo.
- Ambas as histórias foram contadas alegremente, e o público se divertiam e faziam comentários. Uma criança ria quando as ovelhas pulavam do corcovado e adultos diziam que tem muita gente que é maria vai com as outras, principalmente nas eleições. Na outra história crianças chamavam o pássaro de indeciso, adultos pensavam que o pássaro escolheria ser branco mesmo.
- Bruna agradeceu a participação de todos, tiraram fotos e informaram que voltariam nas próximas.

Reflexões:

Como se trata de um espaço aberto, nunca sabemos quantas pessoas apareceriam ali, mas mesmo que tenha uma criança a hora do conto é realizada. Os adultos também passam ali para ouvir histórias, adolescentes são mais resistentes, ficam envergonhados...



Praça CEU

Conteúdo: Hora do Conto: Na floresta – Anthony Browne / Uma lagarta muito comilona – Eric Carle

História contada por Adrielly Rocateli

Objetivo: Apresentar duas histórias ao público da praça CEU

Data: 17/11/2018

Ações:

- Organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora.
- Crianças e adultos aguardam o momento da Hora do Conto;
- Pesquisadora se apresenta, e informa que realiza ali uma pesquisa sobre leitura, convida aos participantes responderem a um questionário, entrega o TCLE para todos e de dispõe a tirar todas as dúvidas.
- Diretora da praça convida as crianças e pais que brincam no parque para assistir a hora do conto.
- Hora do conto: Na floresta, foi uma história narrada com auxílio do livro.
- Uma criança comentou durante a história Na floresta que conhecia os personagens que ali apareciam, e que já conhecia aquele capuz vermelho “AAAAh eu conheço essa história, e ela tem um lobo” ...
- Uma minhoca muito comilona, foi contada utilizando de um boneco (LOLO) que se transforma em diversas coisas e personagens. Se divertiam com as coisas que a lagarta podia comer. E comentaram coisas que eles também gostam de comer.
- Ambas as histórias foram contadas alegremente, e o público se divertiam e faziam comentários.
- Agradei a participação de todos, convidei para olharem minha mala de leitura, os recursos, o boneco e o livro. Tiraram fotos e informaram que voltariam nas próximas.

Reflexões:

Como se trata de um espaço aberto, nunca sabemos quantas pessoas aparecerão ali, nesse dia tivemos 13 pessoas assistindo, mas mesmo que tenha uma criança a hora do conto é realizada. Os adultos também passam ali para ouvir histórias, adolescentes são mais resistentes, ficam envergonhados...



Praça CEU

Conteúdo: Hora do Conto: O Soldadinho de Chumbo em Cordel – João Bosco Bezerra Bonfim

História contada por Adrielly Rocateli

Objetivo: Apresentar uma história ao público da praça CEU

Data: 01/12/2018

Ações:

- Organização da Biblioteca para receber o público, colocação de cadeiras próxima a contadora.
 - Crianças e adultos aguardam o momento da Hora do Conto;
 - Pesquisadora se apresenta, e informa que realiza ali uma pesquisa sobre leitura, convida aos participantes responderem a um questionário, entrega o TCLE para todos e de dispõe a tirar todas as dúvidas.
 - Diretora da praça convida as crianças e pais que brincam no parque para assistir a hora do conto.
 - Hora do conto: O Soldadinho de chumbo em cordel
- Foi realizada a intervenção da Hora do conto, como havia planejado anteriormente. Com auxílio de mesas para apoiar o recurso utilizado (caixinha de música)
- Coloquei meu figurino de bailarina, já que a história se trata do amor do soldadinho de chumbo pela bailarina da caixinha.
 - Iniciei me apresentando, agradecendo pela recepção.
 - Cantei uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pude realizar a hora do conto.
 - Perguntei se conheciam o cordel, se sabiam o que eram rimas, versos; Fiz uma explicação do que é o Cordel, tradição do nordeste...
 - Essa história era grande em vista das outras, então fui interagindo com as crianças ao decorrer da narração, pediam para que fizessem os sons de trovões, assoprassem com o gênio da história.
 - Houve momentos de participações das crianças, onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.
 - Após a contação agradei a participação e mencionei que dançaria para eles ao som de uma caixinha de música. Mostrei a caixinha, que funcionava ao dar cordas, que dentro tinha uma bailarina que dançava.
 - Dei cordas nela e dancei para as crianças em uma breve apresentação.
 - Ficaram em silêncio durante a dança, encantados.
- Foi bem legal, pois ficaram eufóricos comentando sobre a bailarina.

Reflexões:

Como se trata de um espaço aberto, nunca sabemos quantas pessoas aparecerão ali, nesse dia tivemos 20 pessoas assistindo, mas mesmo que tenha uma criança a hora do conto é realizada. Os adultos também passam ali para ouvir histórias, adolescentes são mais resistentes, ficam envergonhados...



Praça CEU**Conteúdo:** Hora do Conto: Na floresta – Anthony Brown

Galo Gripado – Denise Batista dos Santos

História contada por Adrielly Rocateli

Objetivo: Apresentar uma história ao público da praça CEU**Data:** 06/12/2018**Ações:**

- Organização da Biblioteca para receber o público, utilização da saia literária para contar a história.

- As crianças sentam-se ao redor da contadora, em cima da saia literária.

- Crianças e adultos aguardam o momento da Hora do Conto;

- Pesquisadora se apresenta, e informa que realiza ali uma pesquisa sobre leitura, convida aos participantes responderem a um questionário, entrega o TCLE para todos e de dispõe a tirar todas as dúvidas.

- Hora do conto: Na floresta.

Foi realizada a intervenção da Hora do conto, a diretora da praça pediu que realizasse a hora do conto nesse dia pois seria a finalização das atividades das oficinas de arte.

- Nesse dia foram realizadas duas horas do conto. Uma pela manhã 09h00 e outra pela tarde 14h00.

- Iniciei me apresentando, agradecendo pela recepção.

- Cantei uma música inicial para que todos se acalmassem, assim pude realizar a hora do conto.

No primeiro horário se tratava de crianças menores, que estavam ali para o último encontro da oficina da qual participam.

Crianças que prestavam muita atenção na história, falavam de seus medos ao decorrer da história Na floresta, mencionavam o que poderia acontecer a seguir, encontraram personagens escondidos nas páginas do livro.

- A outra história contada se tratava de um galo que ficou gripado, utilizei o borrifador para simular o espirro, uma história bem curta, porém bem divertida, adoraram.

No segundo horário as crianças estavam inquietas esperando o momento da história, ajudaram a esticar a saia, se organizaram prontamente, esses comentavam a todo momento sobre cada página, estavam atentos e diziam rápido de onde surgiam aqueles personagens.

Na história do galo me contavam que estavam com gripe porque tomaram sorvete, outros diziam que nunca ficavam doentes... Exploraram tanto o livro quanto o galo feito com o borrifador.

Nos dois horários houve momentos onde perguntava coisas sobre a história para aguçar ainda mais a necessidade pela leitura.

- Após a contação agradei a participação, tirei fotos com eles.



ANEXOS

ANEXO A – Transcrição das Obras literárias das atividades de Hora do Conto

BROWNE, Anthony. Na floresta. tradução Clarice Duque Estrada. 1. ed.- Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

Certa noite eu fui acordado por um som terrível. Na manhã seguinte tudo estava silencioso. O papai não estava em casa. Perguntei para a mamãe quando ele ia voltar, mas ela não sabia. Eu sentia falta do papai.

No dia seguinte mamãe me pediu para levar um bolo para a vovó, que não estava passando muito bem. Eu amo a vovó. Ela me conta cada história fantástica! Existem dois caminhos até a casa da vovó: o caminho comprido, que demora anos para chegar, ou o caminho curto, atravessando a floresta.

- Não vá por dentro da floresta – a mamãe dizia. – Vá pelo caminho mais longo.

Mas naquele dia, pela primeira vez, escolhi o caminho mais rápido. Eu queria estar em casa se o papai voltasse. Depois de um tempinho, vi um garoto.

- Você quer comprar uma linda vaca leiteira? – ele perguntou.

- Não – respondi. (Por que eu iria querer uma vaca?)

- Eu a trocaria por esse delicioso bolo de frutas na sua cesta.

- Não, ele é para a minha vó, que não está passando muito bem – falei, e continuei andando.

- Eu não estou passando bem – ouvi ele dizer -, eu não estou bem...

Adiante na floresta, encontrei uma garota de cabelo dourados.

- Que bela cestinha – ela disse. – O que tem nela?

- Um bolo para a minha vó. Ela não está muito bem.

- Eu adoraria um bolo bonitinho como esse – disse a menina.

Eu continuei andando e ouvi ela dizer:

- É um lindo bolinho, eu adoraria provar um bolinho assim...

A floresta estava ficando mais escura e mais fria, quando vi outras duas crianças encolhidas em frente a uma fogueira.

- Você viu nossos pais? – o menino perguntou.

- Não, vocês os perderam?

- Eles estão cortando lenha em algum lugar da floresta – disse a menina -, mas eu queria que voltassem.

Enquanto seguia em frente ouvi o som terrível do choro da garotinha, mas o que eu podia fazer?

Eu estava ficando com muito frio e lamentei não ter trazido um casaco. De repente, avistei um. Era bonito e quentinho, mas assim que eu o vesti comecei a me sentir assustado. Tinha a sensação de que alguma coisa estava me seguindo. Eu me lembrei de uma história que a vovó costumava me contar sobre um lobo mau. Comecei a correr, mas não conseguia encontrar o caminho. Corri e corri, cada vez mais para dentro da floresta, mas estava perdido. Onde ficava a casa da vovó?

Até que enfim – lá estava ela! Bati na porta e uma voz respondeu:

- Quem está aí? – mas não parecia muito a voz da vovó.
- Sou eu. A mamãe mandou um bolo para você.

Empurrei um pouquinho a porta.

- Entre, querido – chamou a voz estranha.

Eu estava apavorado. Fui entrando bem devagar. E na cama da vovó eu vi...

A vovó!

- Venha aqui, meu amor – ela disse, fungando. – Como você está?
- Agora eu estou bem – falei.

Então, ouvi um barulho atrás de mim e me virei...

PAPAI!

Contei para eles tudo o que tinha acontecido. Tomamos uma bebida quentinha e eu comi dois pedaços do bolo delicioso da mamãe. Depois nos despedimos da vovó, que estava se sentindo muito melhor.

Quando chegamos em casa, empurrei a porta.

- Quem está aí? – uma voz gritou.
- Somos só nós – dissemos.

E a mamãe apareceu, sorrindo.

BONFIM, João Bosco Bezerra, O soldadinho de chumbo em cordel/ recontado por João Bosco Bezerra Bonfim; adaptação do conto de Hans Christian Andersen. ilustrado por Laerte Silvino. – São Paulo: Prumo, 2009.

Na lareira desta casa/ Bate forte um coração/ O coração é de chumbo/ Mas de ouro é a emoção. Na lareira, vê-se a cinza/ Do que foi uma paixão.

Nessa lareira, a cinza/ não é de qualquer papel / É a marca de uma bailarina/ Um coração silencioso/ Mas que sempre foi fiel.

De um velho cano sem uso/ O cuidadoso artesão/ Funde soldadinhos de chumbo/ Coisa de admiração/ Põe-nos em uma caixa/ E os leva à loja, então.

O vendedor de brinquedos/ Expõe os soldados na vitrine/ E toda a criança que passa/ Os deseja, imagine: / “Vinte e cinco soldados/ Não ganhá-los é um crime!”/

Na vitrine de brinquedos/ Os soldadinhos de chumbo/ Em suas vestes de campanha/ Uns de fuzil, outros com bumbo/ Esperam ansiosos por um dono/ Que os leve a outro mundo.

Todos eles bem iguais/ Galantes em suas fardas/ Calça azul brilhante. / No boné, uma pena parda/ Um casaco bem vermelho/ Um fuzil sempre em guarda. /

Vinte e cinco são eles/ Bota, calça, casaco, boné/ Tão lustrosos uniformes/ Que criança é que não quer? / Todos eles, completinhos/ Menos um, que falta um pé.

Mais que pé, no soldadinho/ Falta mesmo a perna inteira/ Pois na forma faltou chumbo/ Ele era a peça derradeira. / Mas ele não reclama disso/ Fica em pezinho na fileira.

Dura é a vida dos soldados/ Em seu rosto, a crueza/ De uma vida de batalhas/ Se vier a dor, com certeza/ Nosso Soldadinho de Chumbo/ Era forte por natureza. /

A vitrine é bem bonita/ Mas beleza sem alegria/ Falta a eles um menino/ A lhes fazer companhia/ Colocá-los em batalha/ Mostrarem sua valentia. /

Até que um belo dia/ Eles são dados de presente/ Ao garoto chamado Menino/ Que muito ficou contente/ Pois que soldados bravos/ E, sobretudo, inteligentes.

Em cima de uma mesa/ Enfileira os soldados/ Belos em seus uniformes / Cada qual mais empinado/ Até o Soldadinho de Chumbo/ Nosso herói enfileirado. /

Enquanto ali brincam/ Soldadinho olha de lado/ Onde vê belo castelo/ Com um espelho como lago/ E ali grandes árvores/ Onde o ar puro é criado. /

Tudo, tudo no castelo/ É recortado em papel/ E no lago, refletido/ O lindo azul do céu/ Em seu cenário de festa/ Está todo o povaréu. /

Entre todos, uma moça/ Revela bem seus encantos/ Numa linda saia de tule/ Resplandecente de branco/ Um rosto tão delicado/ Sua beleza é um espanto/

Daquela beleza de moça/ O soldado logo da fé/ Ela com as mãos para o ar/ Numa pose de balé/ Com uma perna bem levantada/ Noutra, só, ficava em pé.

Então, Soldadinho pensa/ Que ela é sua igual/ “Mas, tão linda desse jeito/ Deve ser princesa real/ E eu, nem cabo sou/ Fico sem esperança, afinal”.

De tanto olhar para a moça/ Desperta nele a paixão. /Um amor sem esperança/ Que não tem consolação. / Ele, pobre soldado, / Ela, princesa de salão.

Todos voltam para a caixa/ À noite, finda a brincadeira / Mas o Soldadinho de Chumbo/ Fica de fora, a vez primeira/ Em vez de ir para a cama/ Acordado a noite inteira.

As pessoas já dormem. / Todos os brinquedos, com vida/ Saem de seus armários/ Começam ruidoso alarido/ Corre daqui e dacolá/ Cada vez mais divertido.

As bonecas e bonecos/ Improvisam um baile funk. / Outros discursam em comício/ Como se fosse palanque. / E os soldados mais modernos/ Passeiam com seus tanques.

Mas, prisioneiros na caixa/ Estão os irmãos de Chumbo/ Que batem bem ferozes. / O som parece uma zabumba/ Mas perdem a diversão/ Prisioneiros dessa tumba.

De tanto que gritam/ O canário é acordado/ Quer vir também à festa/ E inicia seu trinado/ Porém só fala em verso/ Pois é poeta afinado.

No meio de tanta festa/ Soldadinho não se mexe/ Só olhando a bailarina/ Que do castelo não desce/ Cada um no seu canto, só/ De paixão, ele emudece.

De tanto olhar a Bailarina/ Vai-lhe subindo um calor: Quer fazer amizade/ A ela mostrar seu valor/ Pode ser soldado pobre/ Mas é grande seu amor.

Quando chega meia-noite/ De uma enorme cigarreira/ Salta um tal gênio do mal/ É aquela corredeira/ Os brinquedos assustados/ Cessam sua brincadeira.

E o geniozinho perverso/ O olha com reprovação: / “O que você tanto olha/ Essa moça é ‘procê’ não! / Você comete grande erro / Vai haver grande confusão”.

“Amanhã, você vai ver / O que faço com um teimoso/ Vai levar uma lição/ Para deixar de ser manhoso/ Nunca vi tanta ousadia/ Seu soldado presunçoso”.

Soldado, ouvindo aquilo/ Finge que não é com ele/ Mas o geniozinho insiste/ Pois na venta tem cabelo/ E então volta à cigarreira/ Correndo em atropelo.

De manhãzinha, as crianças/ Tiram todos para brincar/ Os soldados já ansiosos/ Querem – ufa! – tomar um ar/ Pois aquela casa grande/ Já é para eles um lar.

Então, na janela da casa/ Põem seu rico pelotão/ Até Soldadinho de Chumbo/ Que passara a noite no chão/ Uma batalha para fora/ Com muitos tiros de canhão.

Mas eis que um vento forte/ Vem bater na janela. /Esta se fecha com força/ E causa a maior novela. / É soldado para todo lado/ Que bagunça é aquela.

Os brinquedos da janela/ Caem do terceiro andar. / Todos eles espalhados/ Um aqui, outro acolá. / E a baioneta do fuzil/ No chão se vai enfiar.

Caído de ponta-cabeça/ Fica Soldadinho, doente. / Aquilo é obra do geniozinho/ Sabe não ser acidente. / “Ele provocou a ventania/ Que nos jogou de repente.”

Descem então as crianças/ A recolher seus brinquedos/ Menos Soldadinho de Chumbo/ Que fica na rua – Que medo! / “Onde estão os meus irmãos?” / Que geniozinho mais azedo!

Soldadinho de Chumbo/ Ainda pensa em dar um grito/ Mas está de uniforme/ Ia ficar bem esquisito/ Pois é cabra da peste/ E não um covarde cabrito.

Mas não pense que é tudo/ Logo vem uma chuarada. / Uma tempestade com raios / A rua todinha alagada. / Com água correndo solta / Forma aquela enxurrada!

Nisso dois moleques/ Veem Soldadinho caído. / Pegam e examinam bem / Veem que está ferido. / Confundem-no com lixo / Ou com brinquedo perdido.

Pensam bem no que fazer / Com um soldadinho só/ Não fariam um batalhão/ Para travar guerra maior/ Mas não o recolhem à casa/ Imaginam coisa bem pior.

Planejam uma aventura/ E num barco de papel/ O depositam na correnteza/ Deixando que vague ao léu: / “Se for corajoso de fato/ Não fará nenhum escarcéu”.

E lá vai o Soldadinho de Chumbo/ Com sua farda azul e vermelha. / Quanto mais o barco avança/ Mais se aproxima que ali estava/ Por causa daqueles fedelhos.

Se equilibra bem no barco/ Sempre a segurar seu fuzil. / Eita soldado valente/ Mas aquilo é um ardil. / Iria parar no esgoto/ Por causa do gênio imbecil.

E os meninos lá de fora/ Divertem-se a mil/ Sem ligar para o perigo/ Numa alegria tão vil/ Que leva Soldadinho/ A um perigoso covil.

Ôpa, ôpa, Soldadinho/ Se equilibra, se não vai! / E entre trancos e barrancos/ Do barquinho ele não sai/ Até que num bueiro de rua / Seu navio, vupt, cai!

No bueiro, a escuridão/ Não assusta o Soldado/ Só pensa na Bailarina/ A quem tanto tem amado. / Teme nunca mais vê-la/ De tristeza, derrotado.

Mas nem bem começaram/ Os perigos de sua missão/ Logo dois olhos brilhantes/ Vermelhos como um vulcão/ De uma enorme ratazana/ Que gritava “Autorização!”

Ainda um tanto tonto/ Soldadinho assunta. /Que história era aquela? / À Ratazana pergunta. / “Se não tem autorização / Como é que aqui aponta? /

“Só com autorização/ É que pode navegar. / Esse esgoto aqui é meu/ Não é como o vasto mar. / Lá navega quem quer / Aqui, só quem eu mandar.” /

“Aqui quem tem passe, passa / Quem não tem, não passa aqui. / Não te despacho sem passe / Não pense que não o vi. / Mais aperto passou o sapo / Pulando que nem saci.”

Mas nem tempo para resposta/ O Soldadinho ali tem / Pois a correnteza bem forte / Logo na frente aí vem/ O esgoto cai no rio/ E o rio vai mais além.

Imaginem que grande queda/ A de Chumbo na cachoeira/ Prendendo bem o fôlego/ Vai na grande corredeira/ Afundando mais a mais/ Tonto de tanta zoeira.

E no meio do mergulho/ Por grande peixe é engolido/ Numa escuridão danada: / “Pronto! Estou perdido!” /Mesmo assim pensa na amada / Com o coração dolorido.

Com sua bela tiara/ Tão linda é a Bailarina. / Com ar de princesa/ E olhos de uma menina/ Só nela ele pensa agora / Temente de sua sina.

Mesmo sendo corajoso/ Não tem medo de chorar/ Só não chora quem é tolo/ Ou então não sabe amar/ Sofre pela Bailarina/ “Que eu nunca vou beijar!”

Nesses pensamentos tristes/ Passa um tempo sem fim/ Até que se vai a escuridão/ E ouve fala de curumim/ É a voz do menino seu dono/ Está de volta a casa, sim!

Querem mesmo saber/ O que foi que aconteceu? / Aquele peixe danado/ Viu uma isca e mordeu/ Foi parar na peixaria/ O peixeiro o vendeu.

Por estranha coincidência/ Vem para a casa do garoto/ Que ganhara Soldadinho/ Mas que fora bem maroto/ E deixara o amiguinho/ Abandonado, sujo e roto.

A cozinheira trata o peixe/ Que a Soldadinho devorara/ Vê: é o brinquedo que o Menino/ No aniversário ganhara/ Trata logo de devolver/ E o garoto faz uma farra.

Limpa bem o cheiro de peixe/ Desamassa a ponta do fuzil/ Lava aquela sujeirada/ Com um potente Sabãozil/ E como o Soldado tossia/ Lhe dá xarope de Tossil!

Para a mesa de brinquedos/ Volta de novo o Soldadinho/ Parece que nada mudou/ No castelo ou no laguinho/ E em sua linda princesice/ Lá está sua Bailarina.

Mais bonita do que nunca/ Erguida numa perna só/ Mais apaixonado que sempre/ Uma paixão de dar dó/ Mas, cadê que se declara? / Continua, pois, tão só.

Tão desejoso está/ De tudo a ela contar/ Que do esgoto foi ao rio/ Que do rio foi ao mar/ Que, aventureiro que é/ Lutara luta sem par.

“Ah, se ela soubesse/ Quão forte eu sou, e valente/ Talvez se casasse comigo/ Talvez eu virasse tenente/ Talvez o sertão virasse mar/ Assim eu ficaria contente.”

Perdido em seus pensamentos/ Soldadinho divaga muito/ E as crianças, brincalhonas/ Tratam de outros assuntos/ Mas de repente/ Tudo muda neste mundo.

Um dos meninos menores/ Pega Soldadinho da mesa/ E no fogo da lareira/ O atira com certeza. / É mais uma obra do gênio/ Genial em sua malvadeza.

O Soldadinho sente/ A luz intensa e a chama/ A queimar já suas vestes/ Como uma vela que inflama/ Um fogo bem verdadeiro/ Não é fogo de drama.

Com silêncio e tristeza/ Olha sua Bailarina/ Uma despedida final/ De quem aceita sua sina. / E esta, triste e silenciosa/ Responde na mesma rima.

No mesmo instante fatal/ A porta de abre, e o vento/ De uma rajada certa/ Joga-a lareira adentro/ Bem junto de Soldadinho/ A derreter, em sofrimento.

Ela em cinzas se transforma/ E o Soldadinho bravio? / Por causa da labareda/ Dele só sobra um fio/ E sua amada Bailarina/ Queimada como um pavio.

Dia seguinte, a arrumadeira/ Que é pessoa de valor/ Vê um coraçãozinho de chumbo/ Que ainda exala calor/ Sinal que mesmo derretido/ Mantém aceso seu amor.

Da Bailarina, então / Um pouco menos se vê / Só a pedra azul da tiara/ Todo o resto dela cadê? / E a cinza do papel / Com as outras cinzas se vê.

Na lareira dessa casa/ Bate forte um coração. / O coração é de chumbo/ Mas de ouro é a emoção. / Na lareira, vê-se a cinza/ Do que foi uma paixão.

Nessa lareira, a cinza/ Não é de qualquer papel/ É a marca de uma bailarina/ Um coração silencioso/ Mas que nunca foi cruel.

CARLE, Eric. Uma lagarta muito comilona. tradução Miriam Gabbai. 1º ed. São Paulo: Callis Editora. 2010.

De noite, ao luar, havia um pequeno ovo numa folha.

E, quando numa bela manhã de domingo, o Sol apareceu, muito brilhante e quente, saiu do ovo – crack! – uma lagartinha esfomeada.

E logo se pôs a caminho,
em busca de comida.

Na segunda, devorou uma maçã, mas ainda não ficou satisfeita.

Na terça, devorou duas peras, mas ainda não ficou satisfeita.

Na quarta, devorou três ameixas, mas ainda não ficou satisfeita.

Na quinta, devorou quatro morangos, mas ainda não ficou satisfeita.

Na sexta devorou cinco laranjas, mas ainda não ficou satisfeita.

No sábado, devorou uma fatia de bolo de chocolate, um sorvete, um pepino, um pedaço de queijo, outro de salame, um chupa-chupa, um pedaço de bolo de frutas, uma salsichinha, um pastel e uma fatia de melancia.

Nessa noite teve dores de barriga!

O dia seguinte era de novo domingo. A lagarta devorou uma folha verde. E logo se sentiu melhor.

Deixara de ter fome. Estava realmente satisfeita. E também deixara de ser pequena. Tinha-se tornado grande e gorda.

Construiu uma casa apertada a que se chama casulo e ficou lá dentro mais de duas semanas. Em seguida, abriu um buraco no casulo, fez força até conseguir sair cá para fora e...

Era uma maravilhosa borboleta!

ANEXO B – Declaração de Concordância da Instituição Co-Participante



Cambé, 12 de Junho de 2018.

Ilma. Sra. Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
Coordenadora do CEP/UUEL

Senhora Coordenadora

ESCOLA MUNICIPAL "ALVORADA"
EDUÍNIO FUNDACIONAL
Rua: 10 - Alvorada - CEP: 86183-000
Fax: 3174-0257 - Cambé - PR
Tel: 3174-0257 - Cambé - PR

Declaramos que nós da **Escola Municipal Alvorada**, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Da leitura na escola à leitura no espaço não formal: aproximações e distanciamentos", sob a responsabilidade da Pesquisadora **Adrielly Rocateli** aluna do Mestrado em Educação - PPEdu da Universidade Estadual de Londrina-UEL, e orientação da Dra. **Sandra Aparecida Pires Franco**, nas nossas dependências localizada na rua: Brasília nº 183 - Jardim Alvorada Cambé/Pr, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão os voluntários participantes da pesquisa, os momentos da hora do conto e aplicação de questionário de pesquisa bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,



Responsável pela Instituição

Sandra Maria Gouveia Andrade

Sandra Maria Gouveia Andrade
Diretora da E. M. Alvorada
Insc. N.º 0062078 - PE: 8.794.332-G

Escola Municipal Alvorada - Rua Brasília, nº 183 - Jd. Alvorada, Cep: 86183-000
Telefone: 3174-0257 - Cambé - PR - Email: escola.alvorada@cambe.pr.gov.br




Cambé, 12 de Junho de 2018.

Ilma. Sra. Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
Coordenadora do CEP/UUEL

Senhora Coordenadora

Declaramos que nós do **Centro de Artes e Esportes Unificados**, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Da leitura na escola à leitura no espaço não formal: aproximações e distanciamentos", sob a responsabilidade da Pesquisadora **Adrielly Rocateli** aluna do Mestrado em Educação - PPEdu da Universidade Estadual de Londrina-UEL, e orientação da Dra. **Sandra Aparecida Pires Franco**, nas nossas dependências localizado na rua Genésio Geraldo dos Santos, 451 - Parque Residencial Cambé/Pr, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão os voluntários participantes da pesquisa, os momentos da hora do conto e aplicação de questionário de pesquisa bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,



Responsável pela Instituição

Leonel Bacinello

Centro de Artes e Esportes Unificados - Rua Genésio Geraldo dos Santos,
nº451 - Parque Residencial, Telefone: 3174-0578 - Cambé - PR.